

MARIANO BARROSO MARQUES

# O SOL ESTÁ SEMPRE BRILHANDO

---

O DRAMA DOS JUDEUS EM JERUSALÉM  
NA ÉPOCA DO CATIVEIRO BABILÔNICO  
E AS LIÇÕES PRECIOSAS DE  
LIDERANÇA DE UM LÍDER  
EXCEPCIONAL: NEEMIAS

---

## O AUTOR

Mariano Barroso Marques é ministro do evangelho de Cristo há mais de trinta e cinco anos, graduado em liderança cristã pelo Haggai Institute for Advanced Leadership, Cingapura, com cursos de aperfeiçoamento em liderança e gestão de equipes, renovação espiritual e impacto cultural, no Instituto Haggai do Brasil, Campinas-SP. Realizou estudos acadêmicos em Ciências Econômicas e Teologia. Graduado em História e em Letras Inglês. Escritor, tradutor, professor e intérprete inglês-português.

Trabalhou, com sucesso, como professor de inglês para executivos de multinacionais em São Paulo, funcionário da Embaixada Americana, mais de quinze anos no serviço público federal, representante comercial e gerente de vendas na Enciclopedia Britânica do Brasil e administrador da Representação do Governo do Estado do Rio de Janeiro, em Brasília.

Atualmente é coordenador, produtor de materiais didáticos para treinamento e desenvolvimento de líderes e palestrante em liderança cristã para líderes e potenciais líderes de mais de cinquenta igrejas ligadas à ADET-Assembleia de Deus de Taguatinga-DF, onde é membro há mais de vinte anos.

Contato:

E-mail: [marianomarques2020@gmail.com](mailto:marianomarques2020@gmail.com)

## HOMENAGEM

A três grandes líderes, cuja integridade e vigor do seu caráter e da sua liderança produziram marcas inapagáveis na minha vida: meu pai, Antonio Mariano Marques, lavrador, que lia e escrevia com dificuldade, pois não teve oportunidade de estudar. Teve apenas um mês de escola, no interior do Piauí. Minha mãe, Romana Barroso Marques, dona-de-casa, analfabeta, muito sábia, uma gigante espiritual, e pastor Estêvam Ângelo de Souza, que me ganhou para Cristo e me discipulou. Todos já falecidos, porém inesquecíveis e muito vivos em minha memória. O exemplo de suas vidas, do seu caráter e de sua fidelidade a Deus sempre foi para mim uma referência excelente e firme. Graças a Deus pelas marcas que as vidas deles produziram na minha!

## AGRADECIMENTOS

- A Deus, que graciosamente me chamou para a liderança.
- a Elda, minha esposa e fiel parceira no ministério, e a nossos filhos, Ebenézer, Siza e Adna, que sempre nos honraram como seus pais e líderes;
- a meu pai, Antonio Mariano Marques, e minha mãe, Romana Barroso Marques, pelo seu exemplo de vida, liderança e sabedoria;
- a meus irmãos e familiares, por seu amor e apoio em todos os momentos;
- ao pastor Estêvam Ângelo de Souza, de saudosa memória, por haver lançado no meu coração e mente as bases firmes da vida e da liderança cristãs;
- aos meus queridos pastores, Ronaldo e Ruimar Fonseca, que me admoestam e orientam nos momentos de insegurança e dúvida e me apóiam no meu ministério.
- aos especiais amigos e irmãos em Cristo, pastores Benjamin Souza e Raimundo Feitosa, que leram os originais e enriqueceram o texto com sugestões valiosíssimas.
- ao Rubem Amorese, amigo e conselheiro, que além de criticar e enriquecer o texto com preciosas sugestões, aceitou correr o risco de prefaciar este livro quando ele for publicado por uma editora.
- ao pastor Ricardo Barbosa, também amigo e conselheiro, cujo exemplo de liderança e vida cristã íntegras são tanto uma inspiração como uma referência para mim;
- a minha igreja, Assembléia de Deus de Taguatinga, no seio da qual me sinto amado e especial;
- a meus leitores e todos aqueles que oram por mim e minha família e nos encorajam no ministério para Deus.
- E àqueles amigos queridos que me enriquecem com suas críticas sinceras e sábias.

## O PROPÓSITO DO LIVRO

O propósito deste livro é apresentar ao grande público lições preciosas e inspiradoras da liderança de Neemias, um líder excepcional dos tempos bíblicos do Antigo Testamento, e a história dos remanescentes do povo judeu que ficaram em Jerusalém no período que antecedeu o retorno desse povo do cativo babilônico para a sua terra natal, a Palestina.

A linha de liderança desse notável líder é atualíssima, transformadora e capaz de causar um enorme impacto de resultados benéficos na vida de qualquer líder da atualidade, nas pessoas da sua área de influência, na comunidade cristã ou na organização que dirige. Seus princípios de liderança são tão atuais como o jornal da TV de hoje.

Este livro foi escrito para pessoas que desejam sinceramente melhorar como indivíduos e líderes. Gente disposta a influenciar outras pessoas para Deus, em qualquer lugar: família, igreja, empresa, faculdade, escola, vizinhança, grupo de amigos. Gente que quer fazer a diferença para Cristo. Se este é o seu caso, é um livro para você. Caso contrário, não perca o seu tempo.

Sugiro a leitura atenciosa, de coração aberto, de mente desarmada, com a disposição interior de aprender com Neemias os princípios eficazes da sua liderança extraordinária. E quando chegarmos, juntos, ao final deste livro, desejo que nossos corações estejam unidos em gratidão a Deus pelo privilégio que ele nos deu de sermos seus filhos e líderes no seu reino, seja na família, na igreja, na empresa ou onde quer que ele nos colocou para influenciar pessoas.

O termo “o líder” aplica-se indistintamente a ambos os sexos.

As citações de autores feitas no texto encontram-se listadas no final.

Textos bíblicos transcritos na Bíblia NVI – Nova Versão Internacional.

Finalmente, se este livro ajudar você a melhorar como pessoa e líder, terá valido muito a pena as agradáveis milhares de horas que investi para escrevê-lo.

Boa leitura.

O autor.

## O QUE ELES DISSERAM SOBRE LIDERANÇA

“A liderança é a atividade que leva a influenciar as pessoas para que tenham disposição para lutar por objetivos de grupo”- George R. Terry.

“Liderança é a capacidade e o desejo de unir homens e mulheres num propósito comum, e o caráter que inspira confiança”- Lord Montgomery.

“A liderança é a disciplina de deliberadamente exercer influência especial dentro de um grupo para movê-lo em direção a alvos de permanência benéfica que satisfazem as necessidades reais do grupo” - Dr John Haggai, fundador do Haggai Institute for Advanced Leadership.

Liderança é a influência inspiradora, motivadora e mobilizadora com propósito e objetivo claramente definidos – Mariano Barroso Marques.

“A história humana é o relato de realizações de massas sob liderança” - um eminente industrial, durante uma palestra sobre liderança realizada por Cyril J. Barber.

## CAPÍTULO 1 - O SOL ESTÁ SEMPRE BRILHANDO

*Mesmo quando estamos na densa escuridão, a sol está brilhando.*

O sol está sempre brilhando, mas nem sempre o vemos.

Elda, minha esposa, compartilhou comigo uma experiência grandiosa. Um dia desses, ela estava dirigindo para casa. Final de tarde. Ao chegar no início de um trecho em declive da movimentada avenida, viu, à sua frente, uma cena extraordinária: o sol, na linha do horizonte, estava maravilhosamente brilhante e belo como ela nunca o tinha percebido.

Algumas olhadelas de fração de segundos, por causa do trânsito intenso, foram suficientes para ela perceber que, na linha do horizonte, o céu se cobria de uma cortina de raios coloridos de matizes variadas, que se espalhavam em extraordinária harmonia e indescritível beleza. Ela ficou realmente impressionada diante daquele espetáculo magnífico. Um cenário majestoso criado pelo Artista Divino.

Naquele instante, ela teve uma percepção muito importante acerca dela própria: havia passado inúmeras vezes naquele local, e só então percebera que, naquele horário, o sol sempre estivera ali, à sua frente, com a mesma beleza e o mesmo esplendor, embora ela não se havia dado conta disso.

Talvez oculto pelas nuvens, o mau tempo, a tensão do trânsito, os pensamentos divagantes em meio aos problemas do dia-a-dia, mas ele, o sol, com toda a sua beleza e brilho, sempre estivera lá. Então lhe veio à mente a afirmação bíblica de que o Senhor é o Sol da Justiça e que ele sempre está lá, no seu lugar de poder e glória, embora diversos obstáculos nos impeçam de vê-lo e de contemplar o que ele é e o que pode fazer por nós.

O Criador, o Sol da Justiça, está brilhando sempre, lindo e maravilhoso, mesmo quando, na nossa mente e emoções só conseguimos ver nuvens escuras e carregadas. Somos seus filhos amados, e o caminho da nossa vida está o tempo todo iluminado por ele, mesmo quando só vemos a escuridão. Muitas coisas podem ocultá-lo da nossa percepção, mas ele está sempre lá, pleno de esplendor e majestade iluminando o nosso viver.

Essa firme consciência dessa maravilhosa realidade trazia vigorosos raios de fé e esperança para o coração e a mente de Neemias. As nuvens densas de miséria e decadência impressionantes nas quais se encontrava o remanescente do seu povo em Jerusalém sufocavam suas emoções em grande tristeza.

Jorravam as lágrimas de sua alma quebrantada. Porém, lá no mais profundo do seu ser Neemias tinha a inabalável convicção de que o glorioso Sol da Justiça estava brilhando com todo o esplendor e comunicando a sua vida onde só havia o deserto.

E depois de um tempo de oração e jejum, se levanta das lágrimas, do pó e das cinzas, para ser o personagem principal de uma das mais extraordinárias histórias de liderança registradas na Bíblia. E, ao final, onde só havia miséria e opressão, passa a florescer a fé genuína em Deus no coração do povo e a prosperidade.



## CAPÍTULO 2– PRECISAMOS SER NÓS PRÓPRIOS

*A única pessoa no mundo que você consegue ser é você.*

Uma das experiências humanas mais libertadoras é conceder a nós próprios a dádiva de ser quem realmente somos.

Quando somos autênticos, somos também transparentes e não sentimos a necessidade opressora de ocultar as nossas fragilidades das outras pessoas. Não estamos preocupados em passar uma autoimagem sempre positiva. O nosso desejo maior é sermos autênticos e transparentes perante Deus, nós e os outros.

Geralmente valorizamos mais a nossa imagem do que o nosso ser real. E nos tornamos reféns dessa imagem. Fazer isso é abrir mão da liberdade sagrada de ser o que Deus deseja que sejamos. É preferir a ficção à realidade. É optar pelo cárcere privado da mentira.

É essa verdade sobre o que somos em Deus que nos liberta de nós próprios e do jugo pesado da opinião alheia. Nesse sentido, ser livre é essencialmente ser verdadeiro para com Deus, conosco e com as outras pessoas.

No reino de Deus, ninguém é líder de verdade se não se empenha por se tornar a pessoa que Deus tem em mente que ela seja. É somente sendo ela própria que a pessoa está livre para ser o que Deus deseja que ela seja e realizar o seu melhor para ele.

Nesta comovente história, um escravo do rei da Pérsia que tinha consciência de quem ele era e do que poderia realizar como instrumento de Deus mudou um capítulo da história de miséria do seu povo em Jerusalém num novo capítulo de recuperação e prosperidade.

Você também pode ser o protagonista de uma grande mudança, seja na sua vida, na sua família, na vida de outras pessoas que estão na sua área de influência, na sua empresa, na política, no governo ou na sua igreja. E quem sabe, no mundo! Por que não? Nossa capacidade realizadora é simplesmente extraordinária!

## CAPÍTULO 3- NEEMIAS NO PALÁCIO REAL

As pessoas familiarizadas com a Bíblia Sagrada sabem que Neemias era um escravo israelita que servia, no palácio do rei Artaxerxes, o imperador persa, no período final do cativeiro babilônico de milhares de pessoas do falido reino de Judá. Haviam sido levados cativos por Nabucodonosor. Ocupava a honrosa função de copeiro do rei.

Neemias, como copeiro do rei, desfrutava de elevada confiança real. Era ele quem provava as bebidas do rei antes que ele as bebesse, para protegê-lo de um possível envenenamento. Era assim nas cortes reais do antigo Oriente Médio. O ano era aproximadamente 445 antes de Cristo.

O cativeiro na Babilônia durou setenta anos. Foi a dura disciplina de Jeová sobre o seu povo por haver voltado as costas para o seu único e verdadeiro Deus e optado por cultuar os deuses cananeus, fazendo-se surdo às insistentes exortações dos fiéis porta-vozes do Senhor, como o profeta Jeremias. Por isso, a palavra profética era que seria levado para o cativeiro e que só retornaria ao seu país após setenta anos.

Neemias entra em cena quando alguns judeus que vieram de Jerusalém lhe relataram a lamentável situação do restante do seu povo que havia ficado na cidade santa: pobreza, opressão e humilhação extremas. Os muros e portas da cidade permaneciam derrubados e destruídos pelo fogo. E, naquela época, uma cidade sem muros e sem portas era uma cidade nua, indefesa, exposta ao vexame, fragilizada, humilhada e ridicularizada.

Então, Deus colocou no coração de Neemias uma missão que o contagiou por completo: restaurar a dignidade, a honra do remanescente fragilizado do povo de Judá e da cidade santa, Jerusalém. E isso só seria possível se os muros e as portas de Jerusalém fossem reconstruídos. Assim, a cidade recuperaria o respeito dos seus adversários, o povo recuperaria a sua autoestima, e o verdadeiro culto a Jeová seria, na sequência, restaurado.

As preciosas lições de liderança apresentadas neste livro brotam do próprio texto bíblico do livro de Neemias, no Antigo Testamento. Vamos ver, juntos, como um escravo e homem de Deus abraçou um grande desafio e como lidou com os muitos obstáculos nas diversas fases do seu projeto até atingir, com sucesso, o seu objetivo.

Entretanto, uma coisa fundamental precisa iluminar a nossa leitura: o que torna a liderança de Neemias especial não foi exatamente ter reconstruído os muros e portas de Jerusalém. Outros líderes que não conheciam a Deus fizeram obras muito maiores. A liderança de Neemias se destaca pelo homem que ele era em Deus. Estamos falando de integridade, de caráter nobre, de temor amoroso a Deus, de liderar com o propósito

único de servir a Deus e ao seu povo. Essas qualidades somadas à sua grande habilidade de liderança fizeram dele um líder excepcional.

## CAPÍTULO 4 – PRECISAMOS PENSAR POR NÓS PRÓPRIOS

*Existem aqueles que pensam por si próprios, e assumem esse risco; outros, acham mais cômodo e mais seguro pensar com a cabeça de outras pessoas e, assim, não correr nenhum risco.*

Embora na condição de escravo e de homem submisso às autoridades, Neemias, oficial no palácio do rei persa Artaxerxes; era livre para ser ele próprio, sem máscaras. Por isso, ele podia exercer livremente o dom divino da liberdade de pensar, de sonhar. E pensar com a sua própria cabeça. Assim, se resignava com a sua condição de escravo, porém sonhava com o bem-estar do remanescente do seu povo em Jerusalém. Sonhava com a liberdade do seu povo.

Os bons líderes estão sempre abertos para aprender com todos e em todas as situações, porém pensam por si próprios e são capazes de defender suas opiniões. São firmes, porém flexíveis quando necessário. Valorizam a opinião das outras pessoas e se enriquecem com elas, porém sabem o que querem e para onde estão indo. São capazes de motivar pessoas ao invés de impor a participação delas em seus projetos.

Bons líderes são submissos e leais para com a autoridade superior, porém se recusam a abrir mão da sua integridade. Não são líderes porque ocupam uma posição de liderança, mas lideram porque são líderes. E líderes que realmente lideram para Deus são transparentes, autênticos, possuem caráter vigoroso, são humildes, íntegros, tementes a Deus e muito corajosos. Por isso, são excepcionais!

É esse tipo de líder que vemos em Neemias. E todos nós que lemos a Bíblia conhecemos as suas lágrimas penitentes e os rios de bênçãos divinas que brotaram delas. O seu choro e coração quebrantado diante de Deus transformaram a miséria e o opróbrio de um povo em triunfo e regozijo. Ele é o tipo de líder que chora diante de Deus pelo pecado do seu povo, mas não sente a necessidade de esconder as suas lágrimas. Líderes como Neemias deixam as outras pessoas verem a sua realidade humana. E isso inspira e encoraja outras pessoas.

Neemias nos ensina que as lágrimas contritas, a oração penitente e a ação decidida pela iniciativa de uma só pessoa podem mudar a história de uma família, de uma igreja, de uma organização, de uma nação inteira.

Na atualidade, Deus quer líderes intercessores e realizadores como Neemias, para que possa transformar a miséria de um povo em júbilo. Mas, onde estão os Neemias da nossa geração? Na nossa sociedade individualista, quem realmente se importa com a

miséria alheia? Será que você e eu queremos fazer a diferença no contexto onde estamos inseridos? Ou será que estamos por demais concentrados em construir o nosso império egocêntrico?

Sensibilidade à necessidade do semelhante e zelo pelos interesses de Deus são qualidades marcantes dos líderes com os quais ele faz parceria. Esses líderes são excepcionais, e por isso fazem toda a diferença!

## CAPÍTULO 5 - MÃOS ABASTADAS VERSUS MÃOS VAZIAS

Há quem pense que para nós humanos a vida ideal incluiria, entre outras coisas, a ausência do sofrimento.

Sofremos de diversas maneiras na nossa caminhada neste mundo, mas gostaríamos que não fosse assim. A realidade, entretanto, é que o sofrimento faz parte da vida.

Os habitantes de Jerusalém na época do cativo babilônico sofriam, e muitas pessoas hoje sofrem. No chamado terceiro mundo, milhões de pessoas de todas as idades sofrem opressão, fome e falta de assistência à saúde. Há muita gente morando nas ruas em situação degradante.

Sabemos que a riqueza do mundo se concentra em poucas mãos. E são essas mãos que dominam o mundo. E assim, temos um mundo de mãos cheias e um mundo de mãos vazias. Um mundo que arrota fartura e um mundo pedinte.

Existem no mundo dois tipos de mãos: o primeiro, mãos que se fecham como conchas, mãos infrutíferas, estéreis; mãos que constroem e aprofundam o abismo entre o rico e o pobre; mãos que não se fartam do sangue dos seus irmãos; mãos que arrebatam a dignidade e matam a esperança; mãos que tiram o pão de bocas famintas para o jogarem aos cães; mãos que solapam, oprimem e escravizam.

Essas mãos nunca se saciam. Elas ferem e matam pela ambição de ter sempre mais, sem medida. Mãos incapazes de fortalecer o fraco, de animar o abatido, de alimentar o faminto, de enxugar as lágrimas do irmão e de construir a dignidade alheia. Mãos impunes que fomentam e espalham a pobreza e a violência social. Entre essas estão aquelas criminosas que tripudiam zombeteiras diante da lei. Elas estão por toda parte do tecido social a levedar toda a massa.

Entretanto, graças a Deus, existe outro tipo de mãos que operam no mundo. Essas são aquelas abertas para abençoar de maneira multiforme. Mãos operosas e justas, incansáveis em fazer o bem. Mãos atentas para a necessidade do outro, seja esse “outro” o indivíduo ou a coletividade. Mãos que dignificam a raça humana, essa obra extraordinária de Deus. Mãos que não se cansam de semear a esperança e a vida por onde passam. Elas têm olhos atentos para o semelhante e tornam viável a vida do homem no nosso planeta. Elas são uma bênção para a humanidade.

Neemias era uma dessas pessoas que são uma bênção para outras. A situação do povo da cidade de Jerusalém e do restante do povo que lá estava era lamentável, humilhante e opressora. Mas a presença marcante desse líder levantado por Deus, cujo

nome significa “Jeová conforta” ou “Deus é meu deleite” vai converter a tristeza e miséria de seu povo em júbilo e prosperidade.

## CAPÍTULO 6 - VOLTA, POVO MEU!

*A incompreensível insistência de Deus em resgatar os pecadores para ele revela a sua humildade infinita.*

Durante mais de século antes do cativeiro babilônico, os insistentes apelos de Deus através dos profetas chamando o seu povo de volta para ele chegavam a ouvidos surdos, mentes obscurecidas e corações insensíveis.

A vida espiritual da nação consistia na prática de uma religião vazia e morta, uma mistura confusa de judaísmo com paganismo.

O povo continuava, com os lábios, declarando ser Jeová o seu Deus, e lhe prestando culto ao mesmo tempo em que cultuavam os ídolos das nações vizinhas. Haviam se vendido de corpo e alma à idolatria e se enveredado por uma vida pecaminosa. As autoridades, as instituições e a nação inteira haviam se corrompido de maneira impressionante.

A liderança política e religiosa havia conduzido o povo para caminhos tortuosos. E desceram tão ao fundo do poço da rebelião contra Deus que chegaram ao ponto de sacrificarem seus filhos a divindades cananeias. Construíram altares nos lugares altos e debaixo de árvores para sacrificarem aos deuses. Adotaram a prática de ritos religiosos com prostitutas e prostitutas cultuais, e colocaram ídolos representativos desses deuses em altares dentro do templo em Jerusalém e em logradouros públicos em suas cidades.

Os prostitutas e prostitutas cultuais eram pessoas vendidas aos templos pagãos, a fim de gerarem lucro pela prostituição sexual religiosa. Era uma prática comum entre povos antigos, como os cananeus, e fazia parte do culto à divindade do templo. Essa prática era organizada e promovida pelos sacerdotes desses lugares de culto.

Os governantes de Judá e os líderes religiosos, com honrosas exceções, haviam se transformado em políticos inescrupulosos. Esses mesmos líderes religiosos haviam feito do seu ofício sagrado um negócio altamente lucrativo - e se lermos com atenção os livros dos profetas, no Antigo Testamento, vamos perceber claramente que, para essas coisas, Deus nunca fez vista grossa e nem as deixou impunes.

O juízo de Deus pode tardar anos e até séculos, mas é absolutamente certo. Ele nunca permitiu que a sua bondade e a sua misericórdia sacrificassem a sua justiça. Deus sempre mantém a sua bondade e a misericórdia, mas sempre mantém também a sua justiça.

Prosseguindo no seu esforço de sensibilizar o coração do povo a se voltar para ele, Jeová lhes faz, através do profeta Jeremias, a sua queixa de Pai que se sente abandonado pelos filhos ingratos e rebeldes, aos quais ama ardentemente. O seu



sentimento é o de um pai amoroso e humilde que roga aos seus filhos pródigos que voltem para o seu amor. Veja o que ele diz por intermédio do profeta Jeremias:

**Quando tirei do Egito os seus antepassados, nada lhes falei nem lhes ordenei quanto a holocaustos e sacrifícios. Dei-lhes, entretanto, esta ordem: Obedeçam-me, e eu serei o seu Deus e vocês serão o meu povo. Vocês andarão em todo o caminho que eu lhes ordenar, para que tudo lhes vá bem. Mas eles não me ouviram nem me deram atenção. Antes, seguiram o raciocínio rebelde dos seus corações maus. Andaram para trás e não para a frente. Desde a época em que os seus antepassados saíram do Egito até o dia de hoje, eu lhes enviei os meus servos, os profetas, dia após dia.**

**Mas eles não me ouviram nem me deram atenção. Antes tornaram-se obstinados e foram piores do que os antepassados deles.**

**Quando você lhes disser tudo isso, eles não o escutarão; quando você os chamar, não responderão. Portanto, diga a eles: Esta é uma nação que não obedeceu ao Senhor, ao seu Deus, nem aceitou a correção. A verdade foi destruída e desapareceu dos seus lábios (Jeremias 7:22-28).**

A verdade havia sido eliminada da boca do povo porque ela já não existia no seu coração. Em consequência, a nação havia perecido espiritual e moralmente. Isso era profundamente pesaroso ao coração de Deus.

O que mais o entristecia era a determinação ferrenha do seu povo escolhido de persistir na idolatria e em todos os demais pecados gerados por ela. Era a rebeldia declarada, com a qual afrontavam Jeová continuamente havia séculos.

## CAPÍTULO 7 –DEUS INSISTE: VOLTA, POVO MEU!

*A incompreensível insistência de Deus em trazer os pecadores de volta para ele revela a sua humildade infinita.*

Antes do cativeiro babilônico, o povo de Judá estava tão endurecido contra Deus que seria necessário severo sofrimento para lhes quebrantar o coração e o trazer de volta.

O cativeiro seria um tipo de mal didático absolutamente necessário para que se arrependessem e se voltassem para o único e verdadeiro Deus. Então, Jeová fundamenta a sua sentença e a declara pelo profeta Jeremias:

**Porque os filhos de Judá fizeram o que era mau aos meus olhos, diz o Senhor; puseram as suas abominações na casa que se chama pelo meu nome, para contaminá-la.**

**E edificaram os altos de Tofete, que está no Vale do Filho de Hinom, para queimarem no fogo a seus filhos e a suas filhas, o que nunca ordenei, nem me subiu ao coração. Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que não se chamará mais Tofete, nem Vale do Filho de Hinom, mas o Vale da Matança; e enterrarão em Tofete, por não haver outro lugar.**

**E os cadáveres deste povo servirão de pasto às aves dos céus e aos animais da terra; e ninguém os espantará. E farei cessar nas cidades de Judá, e nas ruas de Jerusalém, a voz de gozo, e a voz de alegria, a voz de esposo e a voz de esposa; porque a terra se tornará em desolação (Jeremias 7:30-34).**

O que Deus fala a respeito de todo o povo e sobre a corrupção dos profetas e sacerdotes nos seus respectivos ofícios sagrados:

**Portanto, darei suas mulheres a outros, e os seus campos, a novos possuidores; porque, desde o menor deles até ao maior, cada um se dá à ganância, e tanto o profeta como o sacerdote usam de falsidade. Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, quando não há paz (Jeremias 8. 9 -11).**

Quando um povo se corrompe, mas os seus líderes espirituais se mantêm íntegros, tementes a Deus, há grande possibilidade de trazê-lo de volta para os trilhos da verdade divina, do temor ao Senhor, da santidade, da justiça, do amor, da comunhão e

da prosperidade. Mas quando os homens de Deus se corrompem junto com os representantes do poder público e com a sociedade em geral, a única esperança é que Deus retarde o seu juízo.

O povo de Judá não dava a mínima para os profetas do Senhor que se mantinham íntegros no seu ministério profético. Ao invés disso, os seus líderes rejeitavam e perseguiam esses homens de Deus por causa de sua integridade no ministério profético.

Muitas dessas vozes inflamadas da verdade divina eram silenciadas pelas autoridades. Preferiam ouvir profetas que enchiam a eles e ao povo de promessas e esperanças vãs de bênçãos divinas enquanto se contaminavam cada vez mais com a idolatria e a injustiça. Será que hoje é diferente?

## CAPÍTULO 8 – O JUÍZO BATE À PORTA

*Deus sempre sabe como nos trazer de volta para ele.*

### **Queda do império assírio e ascensão do babilônico**

O juízo de Deus sobre o seu povo de Judá viria no próprio cenário histórico que se desenrolava na época, embora esse juízo fosse um capítulo que Deus nunca desejou escrever.

Por volta de 612 antes de Cristo, Nínive, a capital do antes poderoso, porém já decadente império assírio, sucumbiu sob as tropas de Nabopolassar da Babilônia. Com a queda do império assírio, o poder mundial no oriente passou a ser o império babilônico.

Decorridos cerca de sete anos, Nabucodonosor, filho de Nabopolassar, subiu ao trono. Nessa época, o reino de Judá estava sob o jugo do império egípcio havia aproximadamente quatro anos. O faraó egípcio havia constituído Jeoaquim rei das cidades de Judá, em aproximadamente 608 antes de Cristo.

### **O reino de Judá anexado ao império babilônico**

O primeiro empreendimento militar de Nabucodonosor, no mesmo ano em que subiu ao poder, foi expulsar os egípcios da Palestina e anexar os reinos do Egito e de Judá ao império babilônico. Nesse episódio, teria ocorrido a primeira leva de judeus cativos para a Babilônia, dentre os quais, jovens intelectuais como Daniel e seus três amigos.

Visando a evitar um massacre do seu povo, o rei Jeoaquim aceitou os termos de submissão ao conquistador babilônico. Porém se rebelou três anos depois. Então...*enviou o Senhor contra Jeoaquim bandos de caldeus, e bandos de sírios, e de moabitas, e dos filhos de Amom; enviou-os contra Judá para o destruir, segundo a palavra que o Senhor falara pelos profetas seus servos (2 Reis 24.2).*

No ano 597 antes de Cristo, com a morte de Jeoaquim, subiu ao trono de Judá seu filho Joaquim, aos dezoito anos de idade, por decisão do imperador babilônico. E... *“fez ele o que era mau perante o Senhor, conforme tudo quanto fizera seu pai” (2 Reis 24.9).* Essa frase é um registro comum à grande maioria dos reis anteriores. Mais uma vez, veio sobre Judá o amargo cálice do juízo divino: *“Naquele tempo, subiram os servos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém, e a cidade foi cercada” (2 Reis 24.10).*

Por ocasião dessa invasão, o rei Joaquim, filho de Jeoaquim, estava no trono havia apenas três meses. Não ofereceu muita resistência, o que evitou a morte de milhares de judeus. Diz a narrativa bíblica que Nabucodonosor

**... levou dali todos os tesouros da Casa do Senhor e os tesouros da casa do rei; e, segundo tinha dito o Senhor, cortou em pedaços todos os utensílios de ouro que fizera Salomão, rei de Israel, para o templo do Senhor. Transportou Nabucodonosor e toda a Jerusalém, todos os príncipes, todos os homens valentes, todos os artífices e ferreiros, ao todo dez mil; ninguém ficou senão o povo pobre da terra” (2 Reis 24.13-14).**

O rei Joaquim, sua mãe e mulheres também foram levados cativos. Matanias, tio paterno de Joaquim, foi constituído rei de Judá por Nabucodonosor, com o nome de Zedequias. Seguindo a trilha negra de pecados dos seus antecessores, esse rei também fez o que era mau perante o Senhor.

Nabucodonosor levou cativos todos os que poderiam exercer liderança. Deixou apenas os pobres e fracos da terra - uma estratégia para evitar a formação de movimentos de resistência e de novas rebeliões.

Essa estratégia de Nabucodonosor não foi de todo eficiente, pois Zedequias, sentindo-se apoiado por Hofra, faraó egípcio, rebelou-se contra o rei da Babilônia. A resposta não tardou. No ano nono do reinado de Zedequias, Nabucodonosor veio a Jerusalém com um poderoso exército e a sitiou. Flávio Josefo, historiador dos hebreus, afirma que esse cerco durou dezoito meses.

O longo tempo desse cerco foi de grande sofrimento para o povo dentro dos muros da cidade. Ao final desse período, com as pessoas famintas, moral e fisicamente abatidas e sem condições de continuar a resistir, a cidade foi arrombada e invadida.

Os filhos de Zedequias foram assassinados à sua vista, e a ele vazaram os olhos; ataram-no com duas cadeias de bronze e o levaram para a Babilônia. O escritor do livro do profeta Jeremias registra que Nabucodonosor também matou todos os príncipes de Judá (Jeremias 39.6), o que indica que uma nova classe de líderes já se havia formado depois da invasão ocorrida no tempo de Joaquim. Nabucodonosor considerou conveniente eliminar essa nova classe de líderes que havia surgido no subjugado reino de Judá.

Antes de todas essas coisas acontecerem, diz a Bíblia:

**O Senhor Deus de seus pais, começando de madrugada, falou-lhes por intermédio dos seus mensageiros, porque se compadecera do seu povo e da sua própria morada. Eles, porém, zombavam dos mensageiros, desprezavam as palavras de Deus e mofavam dos seus profetas, até que subiu a ira do Senhor contra o seu povo, e não houve remédio algum (2 Crônicas 36.15-16).**

A cidade e seus habitantes foram severamente castigados. E narrativa bíblica prossegue:

**Por isso, o Senhor fez subir contra ele - o povo - o rei dos caldeus, o qual matou os seus jovens à espada, na casa do seu santuário; e não teve piedade nem dos jovens nem das donzelas, nem dos velhos nem dos mais avançados em idade; a todos os deu nas suas mãos. Todos os utensílios da Casa de Deus, grandes e pequenos, os tesouros da Casa do Senhor e os tesouros do rei e dos príncipes, tudo levou ele para a Babilônia. Queimaram a Casa de Deus e derribaram os muros de Jerusalém; todos os seus palácios queimaram, destruindo também todos os seus preciosos objetos. Os que escaparam da espada, a esses levou ele para a Babilônia, onde se tornaram seus servos e de seus filhos, até o tempo do reino da Pérsia (2 Crônicas 36.17-20).**

Pelas mesmas razões, o reino do norte, formado pelas dez tribos de Israel, com sede em Samaria, já havia sido completamente destruído e levado para o cativeiro assírio em sucessivas invasões ao longo de cerca de cento e trinta anos.

Dessas invasões, possivelmente a mais marcante tenha sido a que ocorreu por volta de 722 antes de Cristo sob a liderança de Sargão II, na qual mais de vinte e sete mil pessoas, segundo fontes históricas, foram levadas para o cativeiro na Assíria de uma só vez.

## CAPÍTULO 9 – NEBUZARADÃ E O PROFETA JEREMIAS

Um ponto que chama a atenção no episódio da queda de Jerusalém é o fato de que Nebuzaradã, chefe da guarda de Nabucodonosor, declara ter pleno conhecimento do porquê tudo aquilo havia acontecido ao reino de Judá. Diz a Bíblia:

**Tomou o chefe da guarda a Jeremias e lhe disse: O Senhor, teu Deus, pronunciou este mal contra este lugar. O Senhor o trouxe e fez como tinha dito. Porque vocês pecaram contra o Senhor e não obedeceram à sua voz, tudo isto sucedeu a vocês” (Jeremias 40.2-3).**

Nebuzaradã estava correto. A rebelião nacional de Judá contra Deus atraiu sobre a nação inteira o pesado juízo. Estavam colhendo o fruto da sua teimosia em permanecer na sua vida pecaminosa de idolatria e culto aos deuses dos povos vizinhos.

Também, é interessante o fato de Nabucodonosor ter dado ordem ao chefe de sua guarda para conceder tratamento especial ao profeta Jeremias. Esse homem de Deus foi libertado de entre os cativos e lhe foi dado escolher livremente ir para a Babilônica, com a promessa de ser bem tratado, ou permanecer no território de Judá.

Esse episódio sugere que Jeremias era mais respeitado como profeta pelo rei da Babilônia e seus oficiais do que pelas autoridades do seu povo. O profeta permaneceu na sua terra com os pobres que ficaram (Jeremias 40.1).

## CAPÍTULO 10 – A CARTA PROFÉTICA DE JEREMIAS AOS EXILADOS NA BABILÔNIA

Depois que o rei Jeoaquim, a rainha-mãe, os oficiais, os príncipes de Judá e Jerusalém, os carpinteiros e ferreiros foram levados cativos, o profeta Jeremias escreveu, da parte de Deus, uma carta profética aos exilados na Babilônia. A carta dizia o seguinte:

**Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel, a todos os exilados, que deportei de Jerusalém para a Babilônia:**

**Construam casas e habitem nelas; plantem jardins e comam de seus frutos.**

**Casem-se e tenham filhos e filhas; escolham mulheres para casar-se com seus filhos e deem as suas filhas em casamento, para que também tenham filhos e filhas. Multipliquem-se e não diminuam.**

**Busquem a prosperidade da cidade para a qual eu os deportei e orem ao Senhor em favor dela, porque a prosperidade de vocês depende da prosperidade dela".**

**Porque assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: "Não deixem que os profetas e adivinhos que há no meio de vocês os enganem. Não deem atenção aos sonhos que vocês os encorajam a terem.**

**Eles estão profetizando mentiras em meu nome. Eu não os enviei", declara o Senhor.**

**Assim diz o Senhor: "Quando se completarem os setenta anos da Babilônia, eu cumprirei a minha promessa em favor de vocês, de trazê-los de volta para este lugar.**

**Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês", diz o Senhor, "planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro.**

**Então vocês clamarão a mim, virão orar a mim, e eu os ouvirei.**

**Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração.**



**Eu me deixarei ser encontrado por vocês", declara o Senhor, "e os trarei de volta do cativeiro. Eu os reunirei de todas as nações e de todos os lugares para onde eu os dispersei, e os trarei de volta para o lugar de onde os deportei", diz o Senhor (Jeremias 29.4-14).**

Essa carta mostra claramente que, apesar de tudo, Deus continuava se importando com o seu povo e cuidando dele.

O nosso Deus é o Deus do compromisso com o seu povo. Ele o disciplina, mas jamais o abandona. Mostra também que o propósito do cativeiro era didático, ou seja, trazer, através da humilhação e do sofrimento, o coração do povo de volta para o seu Deus.

Embora sabedor de que Jeová finalmente restauraria o seu povo e o traria de volta para a sua terra, o profeta sofreu muito emocionalmente pela desolação que se abatera sobre Jerusalém. É desse sofrimento que lhe brota a grandiosa inspiração para escrever as suas famosas Lamentações. Apenas um pequeno trecho delas:

**Como está solitária a cidade antes populosa! Tornou-se como viúva a que foi grande entre as nações; princesa entre as províncias, ficou sujeita a trabalhos forçados! Chora e chora de noite, e as suas lágrimas lhe correm pelas faces; não tem quem a console entre todos os que a amavam; todos os seus amigos procederam perfidamente contra ela, tornaram-se seus inimigos. Judá foi levado ao exílio, afligido e sob grande servidão; habita entre as nações, não acha descanso; todos os seus perseguidores o apanharam nas suas angústias. Os caminhos de Sião (Jerusalém) estão de luto, porque não há quem venha à reunião solene; todas as suas portas estão desoladas; os seus sacerdotes gemem; as suas virgens estão tristes, e ela mesma se acha em amargura... (Lamentações 1: 1-4).**

Estudiosos afirmam que os judeus exilados desfrutavam de condições relativamente favoráveis na Babilônia. O solo era bem mais fértil do que o da Judéia, o que possibilitou que muitos se tornassem financeiramente bem sucedidos.

Dentre esses que se tornaram prósperos, muitos não quiseram retornar para a Judeia quando lhes foi dada a permissão de o fazerem no final do período do cativeiro. Mas ajudaram a patrocinar a reconstrução das portas e dos muros de Jerusalém e viabilizar o regresso dos seus irmãos à sua pátria.

## CAPÍTULO 11 - BABILÔNIA, A CIDADE GLORIOSA

*Ninguém é obrigado a acreditar nesta verdade, mas isso não muda nada:  
Deus é o Criador do universo e do homem e o Senhor da História.*

Localizada às margens do rio Eufrates, durante o esplendor do império, a cidade de Babilônia era não apenas sua imponente capital, mas, também, o principal centro do mundo civilizado da época.

As informações a seguir sobre essa imponente cidade são atribuídas a Heródoto: sua circunferência média quase cem quilômetros. Possuía a forma de um quadrado, cada lado com mais de vinte e quatro quilômetros. Era abençoada com terras aráveis e férteis, e há quem afirme que tinha mais de um milhão de habitantes - uma megalópole para o mundo antigo!

Afirmam estudiosos que a cidade era cercada por gigantescas muralhas, que teriam mais de cem metros de altura por cerca de vinte e sete de espessura. Afirmam também que duzentas e cinquenta torres em cima das muralhas constituíam os pontos estratégicos do sistema de vigilância contra invasões inimigas.

A cidade possuía, segundo dizem alguns escritores, cem portões de bronze, sendo vinte e cinco de cada lado. Um fosso largo e profundo, com água, circundava as muralhas e um canal artificial cortava a parte norte da cidade.

Os jardins suspensos, construídos em terraços, eram também na forma de um quadrado e mediam cento e vinte metros de lado. A cidade era dividida em distritos.

Teoricamente, para a época, uma cidade à prova de invasões por exércitos inimigos. Mas, só teoricamente.

## CAPÍTULO 12 – QUEDA DO IMPÉRIO BABILÔNICO

Nabucodonosor, filho de Nabopolasar, foi o segundo rei da XI dinastia da Babilônia, ou Império Neobabilônico ou Dinastia Caldeia.

Foi Nabucodonosor quem conquistou e anexou a Palestina e o Egito ao império neobabilônico e levou cativos milhares de judeus. Teve um longo reinado de 42 anos, de 604 a 562 antes de Cristo, quando morreu.

Segundo Heródoto, no ano 539 a.C, enquanto toda a elite palaciana se divertia durante um banquete oferecido pelo último rei babilônico para mil dos seus súditos proeminentes, dentro das consideradas inexpugnáveis muralhas, a cidade foi capturada por Ciro, rei da Pérsia.

A Bíblia Sagrada, no livro do profeta Daniel, identifica esse rei do império babilônico como Belsazar, que foi morto naquela mesma noite (Daniel 5.30).

Para poderem os seus soldados entrar na cidade, o conquistador persa mandou desviar o curso das águas do canal que cortava a cidade.

Após a queda, Babilônia entrou em declínio, especialmente depois que a sede do poder foi transferida para Susã, capital do império persa. Essa queda marcou o fim do império babilônico e a ascensão do império persa como o maior poder dominante no oriente.

Esses acontecimentos históricos afetariam a sorte dos milhares de exilados em Babilônia, entre eles os judeus. Mas, não só isso: na providência divina, afetariam também o destino de Jerusalém como cidade e de Judá como nação.

Era Deus ditando o caminho da História através dos homens, embora esses pudessem pensar que eram eles.

## CAPÍTULO 13 – DE VOLTA PARA CASA

Segundo historiadores, o retorno dos judeus do cativeiro babilônico para o seu território na Palestina teria começado por volta de 539 a.C, sob a liderança de Zorobabel, quando Ciro, conquistador persa da Babilônia, baixou um decreto, no primeiro ano do seu governo, concedendo aos exilados judeus do império retornar a Jerusalém e reconstruir o templo. Esse decreto dizia o seguinte:

Assim diz Ciro, rei da Pérsia:

**O Senhor, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém de Judá. Quem dentre vocês é de todo o seu povo, seja seu Deus com ele, e suba a Jerusalém de Judá e edifique a Casa do Senhor, Deus de Israel; ele é o Deus que habita em Jerusalém. Todo aquele que restar em alguns lugares em que habita, os homens desse lugar o ajudarão com prata, ouro, bens e gado, afora as dádivas voluntárias para a Casa de Deus, a qual está em Jerusalém (Esdras 1. 1-4).**

O rei Ciro devolveu aos judeus os utensílios do templo que haviam sido trazidos para a Babilônia por Nabucodonosor, para levarem de volta para Jerusalém. O Manual Bíblico de Halley<sup>1</sup> afirma que o número de pessoas dessa primeira leva foi de quase cinquenta mil, incluindo-se os servos. Isso confere com a narrativa do livro de Esdras.

A política dos reis assírios e babilônicos era expatriar a elite pensante e profissional dos povos conquistados para outras terras com a intenção de inviabilizar insurreições. Mas a política dos reis persas, exatamente ao contrário, era manter os povos conquistados no seu próprio território. Daí a política do imperador Ciro de mandar de volta às suas terras povos escravizados, entre eles os judeus. Afirma-se que os reis persas eram mais generosos do que os reis assírios e babilônicos com os povos conquistados.

Cerca de oitenta anos depois, por volta do ano 458 a.C, nova leva de judeus retornou à sua terra, sob a liderança de Esdras, o escriba, que viria liderar futuramente a grande reforma espiritual de Judá.

Segundo Heródoto, a elite exilada que optou por permanecer na Babilônia, especialmente muitos comerciantes que haviam prosperado e acumulado riquezas no cativeiro, deu origem, um século depois, a um núcleo importante da erudição e das tradições judaicas no Oriente.

<sup>1</sup> Halley, Henry H. Manual Bíblico. São Paulo, Vida Nova, 1970, p. 213.

## CAPÍTULO 14 - A NOTÍCIA CHOCANTE

Situada às margens do rio Ulai, Susa era a sede do império persa. Ficava mais ao norte da Babilônia. O judeu Neemias, filho de Hilcalias, exercia no palácio real, nessa cidade, o cargo de copeiro do rei Artaxerxes I.

Um certo dia, por volta de 445 a.C, ele ouviu de alguns dos seus irmãos judeus, vindos de Jerusalém, que os muros da cidade santa continuavam destruídos, suas portas queimadas e parte de seus habitantes, os que não haviam sido levados para o cativeiro, amargurava grande miséria e humilhação.

Essa notícia causou grande tristeza ao coração de Neemias. Chorou por vários dias e entrou num período de oração e jejum perante Deus. Estava exercendo o maravilhoso, porém árduo, ministério da intercessão.

A intercessão brotava do mais profundo do seu ser em favor de milhares de homens, mulheres e crianças, seus irmãos, açoitados pela pobreza e pelo escárnio dos povos vizinhos. Também, em favor da restauração dos muros e portas em ruínas. Aliás, o próprio Deus do seu povo era menosprezado. Isso era demais para o coração sensível desse servo e líder, que amava vertical e horizontalmente, e em cujo coração ardia a chama viva do resgate da dignidade do seu povo e da cidade amada.

Há quem afirme que esse período de oração teria sido de aproximadamente quatro meses até falar ao rei Artaxerxes pedindo em favor da reconstrução dos muros e das portas de Jerusalém.

### **Buscando a parceria com Deus**

Neemias estava certo de que utilizar apenas as capacidades humanas como inteligência, conhecimento e estratégias seria como tentar fazer parar um elefante furioso disparando de estilingue um caroço de feijão em sua testa. Portanto, buscar intensa e objetivamente a Deus em oração e jejum foi a sua primeira ação concreta em resposta ao gigantesco desafio.

Se nesse primeiro momento Neemias repartiu a sua dor com alguém da sua confiança, não sabemos. O texto bíblico registra apenas o seu compartilhamento com Deus e, posteriormente, com o rei, a quem servia, quando este o questionou sobre a causa da sua evidente tristeza.

O nosso compartilhar com o Senhor, em oração, possibilita que ele nos conduza em triunfo com o seu amor e sabedoria infinitos pelo labirinto das circunstâncias, mesmo quando só conseguimos enxergar a escuridão. E nunca é demais enfatizar que ele também nos guia usando outras pessoas para nos ajudarem. Orar a Deus e

compartilhar com a pessoa ou pessoas certas. Está aí uma preciosa lição de liderança e espiritualidade para praticarmos hoje.

## CAPÍTULO 15 - O PODER DA ORAÇÃO QUANDO LIDAMOS COM PROBLEMAS

*Para aqueles que cultivam intimidade com Deus, a oração vem primeiro.*

Quando ouviu as más notícias, a reação de Neemias foi, provavelmente, a mesma que você e eu teríamos em situação idêntica: profunda tristeza, choro, lamentação e angústia de alma.

Entretanto, na sua maneira de lidar com o problema, ele deixa evidente para o leitor a sua liderança pessoal vigorosa. Entristeceu-se, lamentou e chorou por algum tempo, mas depois recolocou as emoções no lugar e enfrentou o problema de frente, sem pretender levar o fardo sozinho. Ele buscou ajuda, mas, antes de tudo, a ajuda de Deus.

Quando lidamos com problemas, a oração a Deus nunca deve ser o último recurso, mas o primeiro e principal na escala de importância. Negligenciar isso é um equívoco semelhante a nos escalar no time que está perdendo o jogo, entrar no campo nos últimos cinco minutos em final de campeonato com a pretensão de marcar o gol da vitória e deixar Deus no banco dos reservas.

Se a nossa primeira resposta aos problemas é levá-los a Deus, a nossa ação para resolvê-los tem muito mais probabilidade de ser bem-sucedida. Não é que a oração sujeite Deus a nós, como muitos cristãos imaginam. Pelo contrário, ela nos leva a nos submetermos à soberania e direção de Deus e a procurarmos entender qual a sua vontade em cada circunstância pela qual nos permite passar.

### **Outro equívoco sobre a oração**

Outro equívoco acerca da oração é exercitá-la apenas quando somos pressionados pelas adversidades. Tendemos a usar a oração como uma espécie de ponte ou de canoa para atravessarmos certos trechos do rio da vida quando suas águas crescem em volume e ameaçam nos afogar. Claro que esse momento é mais do que adequado para a oração.

Porém, a Bíblia nos ensina a viver em intimidade com Deus o tempo todo. E essa intimidade se desenvolve com a prática da oração e se aperfeiçoa com a meditação e estudo da Palavra de Deus com o propósito de viver seus ensinamentos.

A Palavra de Deus nos revela quem e o que realmente somos. Quanto mais nos chegamos para Deus mais o conhecemos e a nós próprios. E quanto mais o conhecemos mais o amamos. E quanto mais o amamos, mais queremos fazer a sua vontade. E quanto

mais fazemos a sua vontade, mais o glorificamos com as nossas vidas. E quanto mais o glorificamos com as nossas vidas, mais felizes e realizados nos sentimos.

A oração, ao invés de ser apenas um ato isolado no tempo e no espaço, é uma atitude contínua de adoração e glorificação a Deus.

Ao contrário do que muita gente pensa, a oração não é um instrumento para conseguirmos que Deus faça o que queremos, mas, sim, a busca sincera do que ele quer que sejamos e façamos. É isso o que está presente na oração de Jesus: “...*contudo, faça-se a tua vontade, e não a minha*” (Mateus 26.42).



## CAPÍTULO 16 - A ORAÇÃO QUE DEUS RESPONDE

*Tendo ouvido estas palavras, assentei-me e chorei; e lamentei por alguns dias (Neemias 1.4).*

A oração de Neemias revela muito sobre a sua espiritualidade e o seu caráter.

A sua oração difere substancialmente do que seria a oração de alguém principiante ou que só ora ocasionalmente. É a oração de uma pessoa experiente nesse glorioso exercício espiritual. Ele se aproxima para Deus como alguém exercitado na prática da oração. Vejamos alguns elementos da sua oração:

### **Coração quebrantado**

A ideia que Neemias parece querer passar ao leitor é a de que estava em pé quando recebeu a notícia e assentou-se devido ao abatimento que o relato lhe causou. É como se quisesse dizer que lhe faltaram forças para continuar em pé. A expressão mais profunda dessa dor não é verbalizada, mas, sim, derramada da sua alma na forma de lágrimas.

As lágrimas são uma forma de expressarmos o que as palavras não têm o poder de fazê-lo. As lágrimas são a linguagem das profundezas da alma. E foi essa a linguagem de Neemias diante de Deus em relação ao problema. As suas lágrimas não eram de revolta nem de ódio, mas, sim, de tristeza, de arrependimento e de íntima compaixão pelos milhares do seu povo que estavam vivendo em miséria e humilhação em Jerusalém.

Os muros e portas de Jerusalém destruídos e queimados pelo fogo eram por si só um discurso silencioso, porém contundente, do juízo de Deus contra o pecado do seu povo. Eles haviam optado por pisar sob seus pés a aliança com Jeová e as vigorosas admoestações dos seus profetas. Contudo, Deus é Deus de misericórdia, e não tem prazer no sofrimento do seu povo - nem mesmo quando isso é necessário.

### **Intensidade e verdade**

Neemias não fez simplesmente uma oração a Deus. Ele orou com intensidade. Colocou nela todo o seu ser. A cada palavra que ele proferia com os lábios correspondia ao mais profundo sentimento da sua alma. Era o seu ser se transformando em oração e se derramando diante de Deus. Na sua oração, tudo era verdadeiro, e não havia lugar para o que não o fosse. E é assim que devemos orar. E é essa a oração que Deus espera receber dos seus filhos e servos, a exemplo de Neemias.

*Lamentei por alguns dias, e estive orando e jejuando perante o Deus dos céus” (Neemias 1.4).*

Na expressão “Deus dos céus” está presente a ideia de reconhecimento da soberania divina. E quando nos dirigimos a Deus quebrantados e submissos em sua presença, é impossível ele nos ignorar. Porém, nunca estará sujeito à nossa vontade. Ele nos responde como quer e quando quer. E assim procede, na sua sabedoria, para o cumprimento do seu propósito. E era nesse propósito que Deus estava movendo o coração de Neemias.

### **Desnudando o nosso ser perante Deus**

A essência da prática da oração é nos despirmos diante de Deus na perspectiva do que ele realmente é e do que realmente somos. E isso, vemos na oração de Neemias.

Nas reuniões de oração coletiva, podemos orar com inteireza de coração e verdade para com Deus ou apenas buscar, no íntimo, reconhecimento e aplausos, mesmo quando não os podemos ouvir.

Estarmos na presença de Deus é nos despirmos diante dele de qualquer direito ou mérito. É vermos a nossa natureza pecadora contrastada pela absoluta santidade dele. É vermos nossa maldade refletida no espelho da infinita bondade dele e a nossa justiça própria como trapos de imundície diante da sua justiça perfeita.

Insistirmos perante Deus em oração, jejum e meditação em sua Palavra é buscarmos abrigo e aconchego na sua misericórdia. E sempre vamos achar muito mais do que estamos precisado e pedindo. Deus é amor (I João 4.16).

### **Encarando de frente o nosso pecado interior**

O maior problema relacionado com as nossas orações é que o nosso pecado nos impede de ver o quanto somos pecadores. O pecado tem a terrível capacidade de nos cegar e de nos tornar insensíveis. Consequentemente, temos dificuldade de vê-lo e de senti-lo. E, curiosamente, ele sempre aguça a nossa percepção para vermos o pecado alheio enquanto ignoramos o nosso próprio. E é por isso que, aos nossos olhos, geralmente nos consideramos corretos, santos e justos.

## CAPÍTULO 17 – COM QUAL DEUS NOS RELACIONAMOS?

Ao orar, devemos sondar o nosso coração para termos certeza se estamos orando ao Deus dos céus ou a um deus falso que criamos na nossa imaginação. Permita-me o leitor compartilhar algo vivido nesse sentido.

Houve uma época em minha vida em que senti uma profunda necessidade de reavaliar o meu relacionamento com Deus. Eu queria me certificar de quão verdadeiro era esse relacionamento. Então, analisando mais profunda e honestamente o meu próprio coração, descobri que, lá no fundo, eu esperava uma certa submissão de Deus à minha vontade.

Esse sentimento não era verbalizado, nem admitido abertamente. Tratava-se de algo sutil, que o meu subconsciente parecia resistir trazer à plena consciência. Ele estava lá, instalado e bem escondido, como um vírus de computador.

Obviamente, precisei trabalhar esse ponto da minha vida espiritual e emocional com oração e meditação bíblica sólida sobre quem Deus realmente é na relação Senhor-servo e quem sou nessa mesma perspectiva. Estudar o Salmo 23 e refletir sobre as lições preciosas do Espírito Santo ali reveladas me ajudaram muito na compreensão da minha relação com Deus, e de Deus comigo.

Percebi que eu tinha a convicção inabalável de que o Deus da minha fé e da minha consciência era o Deus verdadeiro, o Deus das Escrituras Sagradas, o Criador dos céus e da terra.

Contudo, no meu emocional, havia se desenvolvido uma espécie de clone espiritual de Deus. E era desse clone que eu esperava uma certa fidelidade à minha vontade. Era uma espécie de deus subjetivo, criado à minha imagem e semelhança. Portanto, descobri que me sentia senhor na relação. Isso me fez entender mais claramente o que o Espírito Santo quis dizer através do profeta Jeremias: “*Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?*” (Jeremias 17.9).

Ficou claro para mim que esse mecanismo era um meio sutil de eu estar, de alguma forma, no centro de controle da minha vida. Sei que essa história de criar um deus no íntimo pode parecer estranha para você e soar como ficção. Mas não é. Para mim, ela foi muito real. As coisas espirituais nem sempre fazem sentido para a nossa lógica, e nem sempre podem ser explicadas de forma convincente. Contudo, nem por isso deixam de ser reais na sua própria dimensão.

Entendi claramente que essa minha criação da divindade tinha que ser completa e definitivamente destronada da minha mente e emoção. E mais do que isso: destruída! Então, busquei o Senhor no processo de destronar e destruir esse “deus estranho”, que não era obra das minhas mãos, porém o era da minha mente criadora.

A criação física nada mais é do que a concretização da criação mental. Por exemplo, quando construímos uma casa, ela já existia, embora invisível, na nossa mente ou na de quem a projetou.

Assim, um cristão autêntico certamente jamais construirá um ídolo para si com as suas mãos. Mas é perfeitamente possível que o construa com a sua mente. E isso pode ocorrer por meio de um processo interior sutil.

Na dimensão espiritual, um ídolo não é apenas uma representação material da divindade. Pode ser qualquer coisa que assuma, mesmo parcialmente, o *status* de divindade no nosso coração. Por exemplo, a profissão, uma pessoa amada, o dinheiro, o poder, e até mesmo um deus imaginário, que não existe de verdade. Mesmo as coisas sagradas, como o ministério cristão, a nossa mente pode transformar em ídolo, de maneira artilosa, imperceptível.

A Bíblia diz que somos o templo do Deus vivo. Entretanto, apesar de termos consciência disso, corremos o risco de profanar esse templo sagrado com deuses falsos, mesmo sem nenhuma intenção consciente de fazê-lo. Ela também nos ensina que o nosso coração é cheio de ardis e enganos. Por isso, não só precisamos sondá-lo honestamente como pedir que Deus também o sonde e que nos guie pelo caminho dele. É isso o que faz o rei Davi no Salmo 139, pois receava enveredar pelos caminhos ocultos e enganosos do seu coração.

**Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho perverso, e guia-me pelo caminho eterno (Salmos 139:23,24).**

Essa é a oração da pessoa que tem plena consciência da sua natureza pecaminosa e do seu pecado interior. É preciso olhar de frente e com honestidade o nosso íntimo. Talvez nos choque o que o Espírito Santo pode nos mostrar escondido nas profundezas do nosso ser, mas isso tem que ser feito se levamos a sério a nossa vida de integridade e santificação diante do Senhor. A Bíblia diz que a pessoa que acha que não tem pecados, a si mesma se engana, ou seja, mente para si própria.

Realmente, Deus é o único capaz de sondar com precisão e conhecer plenamente tudo o que existe no nosso íntimo, até mesmo as coisas mais ocultas e mais profundas que nós ignoramos ou, de propósito, não queremos ver.

## CAPÍTULO 18 - MATANDO E SEPULTANDO O DEUS ESTRANHO

*Nossa mente é hábil no criar deuses falsos e nos induzir sutilmente a nos relacionar com eles ao invés de nos relacionarmos com o único e verdadeiro Deus, o nosso Criador.*

Eu estava travando uma batalha espiritual vigorosa na minha mente e emoções havia anos.

Era muito real, apesar de invisível. Estava num momento muito especial de questionamentos sobre a minha fé, a minha relação com Deus, inclusive se eu me relacionava com o Deus Criador, ou se com um deus criado pela minha imaginação.

Foi chocante quando descobri que eu me relacionava com uma espécie de rascunho de Deus, e não, com Ele. Eu havia criado o meu próprio deus (com d minúsculo). Um deus à minha imagem e semelhança. Um deus do qual eu era o criador e ele a criatura. Eu era o senhor e ele era o servo.

Percebi também que eu não estava sozinho nesse engano do meu coração, mas muitos irmãos e irmãs preciosos da igreja também se relacionavam com um deus que sua imaginação havia criado. Um deus que, na verdade, não existe, a não ser no imaginário das pessoas.

Então, um dia, enquanto orava ao Senhor, visualizei-me, no meu espírito, mente e emoções, empunhando uma espada espiritual, a espada da verdade de Deus. Era como se estivesse num salão enorme, como se fosse de um palácio, sendo o piso todo de mármore.

Diante de mim, estava, em pé, como se fosse uma estátua de vidro, o deus falso com o qual eu vinha me relacionando havia décadas. Havia uma espada espiritual nas minhas mãos, e eu me sentia com muito poder.

Num movimento vigoroso e decidido, desferi com a espada espiritual que estava nas minhas um golpe fatal no pescoço desse deus falso. No meu espírito, mente e emoção, vi a sua cabeça cair para um lado e o seu corpo sem vida para o outro, e ambos se despedaçando em milhares de pedaços pequenos ao se chocarem com o lindo chão de mármore.

Este foi um feito extraordinário de ruptura interior com o deus falso que ocupava minha mente. Eu o matei com as minhas próprias mãos usando a força extraordinária da qual eu sentia estar revestido por Deus.

Esse foi o dia e o momento no qual matei, dentro de mim, o deus falso que a minha mente havia criado ao longo da minha caminhada de fé cristã. No meu íntimo, estava me separando para sempre dessa estranha criação mental que de alguma forma havia usurpado o espaço que eu desejava fosse completamente ocupado por Deus, meu Criador e Pai.

Tudo aquilo estava acontecendo dentro de mim de uma maneira muito intensa e real. Mas na dimensão espiritual, transcendente. Então, ainda em oração, dei o segundo passo: ajuntei todos aqueles pedaços, coloquei-os num saco mortuário imaginário e o arrastei para o deserto bem distante.

Chegando a um lugar apropriado, cavei uma sepultura bem funda e o enterrei. Em seguida, para me assegurar de que ele não ressuscitaria, lacrei a sepultura com uma lápide de concreto bem forte. E lá ele jazerá para sempre, longe e fora da minha mente e do meu coração.

Então, pedi a Deus que ocupasse todos os espaços do meu ser, até mesmo aqueles diminutos e desconhecidos por mim. Na minha mente e emoção, abri mão do controle da minha vida e de todo o meu ser, e pedi a Deus que o preenchesse por inteiro, em todas as suas dimensões, corpo, alma, mente e espírito, com o meu pleno consentimento. Eu me rendi à soberania e ao pleno governo de Deus na minha vida. Foi o início de uma extraordinária revolução espiritual na minha caminhada de fé.

Durante algumas semanas, senti uma espécie de luto. Luto pelo rompimento definitivo de um relacionamento de décadas. Era uma perda, mas uma perda que eu queria de todo o meu coração. Ao mesmo tempo, porém, sentia uma maravilhosa leveza e liberdade no meu espírito.

Entretanto, a ruptura com o deus falso precisava ser consolidada. Nas semanas seguintes, quando orava, eu precisava definir na minha mente e emoções, com absoluta clareza, a quem *realmente* estava orando. E, para que ficasse claro a quem eu estava dirigindo a minha oração, eu usava, audível ou mentalmente, expressões do tipo “Ó Deus das Escrituras Sagradas...”, “Ó Deus Criador dos céus e da terra...”, “Ó Deus verdadeiro...”, “Ó Deus de Abraão, de Isaque e Jacó...”.

Esse tipo de coisa ao orar pode parecer desnecessária ou puramente formal tratando-se de alguém experimentado na caminhada com Deus. Ou até mesmo fanatismo. Mas, para mim, era imprescindível. Isso representava claramente, na minha mente e no meu emocional, a diferença clara entre a mentira e a verdade, a ficção e a realidade, o falso e o verdadeiro, um deus morto e sepultado e o Deus único e verdadeiro, eterno e soberano.

No Salmo 139, Davi deixa implícito que sondava o seu coração. E, nessa sondagem honesta, ele procurava detectar qualquer sentimento, atitude, desejo ou pensamento tortuoso do ponto de vista de Deus. E como tinha plena consciência da

astúcia do coração humano em falsificar a realidade e distorcer a verdade, ele pedia que o próprio Deus o sondasse e provasse os seus pensamentos.

E, como o salmista, eu pedia que se o Senhor porventura visse, no seu íntimo, algum caminho mau que ainda me estava oculto, por favor me guiasse pelo caminho eterno, o seu caminho. Isso se tornou uma prática constante na minha vida de oração.

## CAPÍTULO 19 – MANIPULANDO E IMPRESSIONANDO DEUS

Geralmente, pensamos em Deus como se ele fosse manipulável.

Fazemos um jogo com ele, no qual esperamos sempre sair vencedores. Até tentamos subjugar-lo com aquilo que chamamos de fé. É como se ele fosse um cão e a nossa fé a corrente que o sujeita a nós.

Podemos também tentar subornar Deus com os nossos dízimos e generosas contribuições para a igreja, o trabalho missionário ou social. Ou, quem sabe, com a nossa agenda lotada de atividades ministeriais. Mas Deus não faz o nosso jogo: reina absoluto e soberano sobre tudo e todos, inclusive sobre as nossas pretensões humanas.

A verdade é que Deus não se impressiona com os nossos gritos no culto, nossos cânticos, palmas ou danças, nem com a potência dos altos falantes nas nossas reuniões de celebração.

No entanto, Deus se impressiona com corações arrependidos, quebrantados e verdadeiros na sua presença. Ele se impressiona com pessoas que o adoram em espírito e em verdade.

Deus se impressiona com pessoas de todas as idades que o amam e o levam a sério. E isso, vemos em Neemias, o que faz dele um líder excepcional.



## CAPÍTULO 20 – CONFESSANDO OBJETIVAMENTE O NOSSO PECADO

*...e faço confissão pelos pecados dos filhos de Israel, que pecamos contra ti; também eu e a casa de meu pai pecamos. De todo nos corrompemos contra ti e não guardamos os mandamentos, nem os estatutos, nem os juízos que ordenaste a Moisés, teu servo (Neemias 1.6-7).*

Podemos orar a Deus reivindicando a nossa justiça própria, como Jó, mas a verdade é que, diante da santidade divina, somos pecadores.

Embora redimidos e salvos pelo sacrifício de Cristo na cruz, nossa natureza adâmica continua a nos sugerir que vivamos segundo os seus impulsos, desejos e ambições que se desarmonizam com a natureza santa de Deus.

Por causa da nossa natureza decaída, pecar é algo natural para nós. Não precisamos nos esforçar para isso porque o potencial para pecar está vivo dentro de nós e reage facilmente aos muitos estímulos externos e internos aos quais nos expomos.

Nossos pecados, sejam públicos ou secretos, estão claros na presença de Deus. E para recebermos o seu perdão, é necessário confissão sincera e objetiva. Nesse caso, ser objetivo é declarar a Deus qual o pecado cuja culpa estamos assumindo perante ele e pelo qual nos arrependemos de verdade e rogamos o seu perdão.

Neemias especificou para Deus o pecado do seu povo: *“de todo nos corrompemos contra ti e não guardamos os mandamentos, nem os estatutos, nem os juízos que ordenaste a Moisés, teu servo”* (Neemias 1.6-7).

Deus está sempre pronto para perdoar pecadores que se declaram culpados perante ele e rogam, arrependidos e movidos pelo desejo sincero de fazerem a sua vontade. Pessoas que desejam sinceramente deixar os seus pecados e viver de consciência limpa diante dele.

A confissão objetiva é necessária por causa da mancha que o pecado produz na nossa consciência e no nosso espírito. E ao recebermos o perdão de Deus, o seu Espírito lava e purifica essa consciência e esse espírito manchados. E nos sentimos livres interiormente para vivermos em santificação naquela área específica da nossa vida. Isso é algo extraordinário!

## CAPÍTULO 21 – PEDINDO COM HUMILDADE, EXIGINDO NÃO

*Estejam, pois, atentos os teus ouvidos, e os teus olhos, abertos, para ouvires a oração do teu servo (Neemias 1.6).*

Quando temos uma compreensão clara da soberania de Deus, jamais nos dirigimos a ele para exigir, pois reivindicar se fundamenta nos nossos pretensos direitos perante ele e, conseqüentemente, nos seus deveres para conosco.

Quando conhecemos melhor a Deus, a atitude perante ele nas nossas necessidades e aflições é a de um coração pedinte, rendido e contrito que roga o seu favor. Mas, ao mesmo tempo uma mente plenamente confiante de que ele nos ouve e vai nos atender por sua bondade e graça.

Tudo o que Deus nos concede, ele o faz com base exclusivamente na sua graça e bondade, nunca nos nossos méritos ou direitos. Orar a Deus com base na nossa justiça pessoal é orar em vão, pois essa justiça perante ele é inexistente.

Quando temos uma percepção mais clara da realidade de Deus, temos também uma percepção mais clara da nossa própria realidade perante ele. Quando contemplamos com mais clareza a sua santidade, também nos conscientizamos do quanto somos pecadores na sua presença. E isso, vemos em Neemias quando se dirige a Deus.

Repito, a oração de Neemias não é a de um noviço na fé, ma, sim, de um veterano na caminhada com Deus, no exercício da oração.

## CAPÍTULO 22 – BEBENDO DA ÚNICA FONTE VERDADEIRA DE FELICIDADE

*Porque o meu povo fez duas maldades: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm águas (Jeremias 2.13).*

É inútil procurar água em poços secos. Mas é exatamente isso o que as pessoas fazem.

Todos queremos ser felizes. Por isso, buscamos a felicidade em muitas coisas e de muitas maneiras, mas continuamos infelizes. Há aqueles que a buscam no sucesso profissional; outros, na atividade intelectual; outros nas riquezas, no poder e na fama. Outros, nos grandes feitos esportivos, numa vida devassa, e existem até mesmo aqueles que a buscam no ministério cristão.

Existem ainda aqueles que pensam poder comprar a felicidade com o poder do dinheiro. E não importa em quais dessas coisas a procuremos, apenas descobrimos que o nosso senso de felicidade permanece vazio. E aí vem a pergunta: Como podemos preencher esse nosso vazio interno que clama por felicidade? Na verdade, nunca conseguiremos. Somente Deus, em Cristo, pode fazer isso. Mas com a nossa participação ativa.

A nossa felicidade verdadeira está em nos relacionamos com o nosso Pai celestial de maneira significativa, profunda e amorosa. É assim que nos sentimos amados por ele e o seu amor flui de nós para ele. Esse amor que Deus produz nos seus filhos é comparável a um rio de águas frescas e cristalinas que vai fertilizando, abençoando e vivificando por onde passa. E esse rio de amor e felicidade interior corre em direção a Deus às outras pessoas.

Só podemos ser felizes amando a Deus e as outras pessoas, começando pelo nosso cônjuge, filhos, parentes, colegas de trabalho, vizinhos, amigos e inimigos.

Só nos sentiremos felizes se a nossa necessidade fundamental de amar e ser amados for preenchida. E só Deus pode preencher plenamente nossas carências afetivas. Nos sentimos felizes quando nos libertamos da mágoa ao perdoarmos de verdade alguém que nos ofendeu. Nos sentimos felizes quando ajudamos outras pessoas sem qualquer interesse de retorno. Nos sentimos felizes quando somos leais com as pessoas.

Nos sentimos felizes quando valorizamos as pessoas e falamos coisas boas verdadeiras e positivas para elas. Nos sentimos felizes quando amamos a Deus e as pessoas que nos cercam, seja na família, escritório, igreja, vizinhança, no trânsito, no

posto de gasolina ou na fila do banco. Nos sentimos felizes quando falamos bem das pessoas. Nos sentimos felizes quando somos honestos com as pessoas e nossos negócios. Nos sentimos felizes quando vivemos os ensinamentos divinos da Palavra de Deus no nosso dia a dia, no nosso estilo de ser e viver. E é exatamente esta a proposta que Deus nos faz na sua Palavra, a Bíblia Sagrada.

Portanto, paremos de buscar a felicidade! Ao invés de buscarmos a felicidade, busquemos Deus, a única e verdadeira fonte de felicidade. E podemos encontrar Deus crendo no evangelho de Cristo, nos arrependendo dos nossos pecados e aceitando Jesus Cristo como nosso Salvador e Senhor.

Portanto, Deus nos aceita como filhos e filhas. É o milagre da reconciliação entre nós e Deus. É o milagre da filiação a Deus por meio da sua graça, a qual está ao nosso dispor em Cristo. Ele é o único caminho verdadeiro para essa maravilhosa graça salvadora e reconciliadora. Jesus afirmou: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai a não ser por mim* (João 14.6).

## CAPÍTULO 23- LIDANDO COM A AUTORIDADE

*Nossa dificuldade em lidar positivamente com a autoridade pelo ponto de vista de Deus pode permanecer muito sutilmente camuflada pelo fato de o nosso coração ser enganoso e acreditarmos no seu engano.*

Quando pergunto às pessoas se elas têm dificuldade em se submeter à autoridade que está sobre outras pessoas, geralmente a resposta é “não”.

Na verdade, nos submetermos de boa vontade à autoridade é algo contrário à nossa natureza. Existe dentro de nós uma rebelião velada, e em certos casos explícita, contra a autoridade. Quase todas as pessoas têm uma tendência interior natural de resistir à autoridade.

Possuir uma atitude adequada em relação à autoridade constituída é fundamental na vida cristã e na liderança, seja no serviço público, privado, ministerial cristão, e até mesmo no âmbito familiar. E essa atitude precisa ser autêntica. É uma qualidade muito importante para qualquer pessoa e líder em qualquer atividade.

É interessante notar que Neemias se dirige ao rei com atitude de coração semelhante à que demonstrou quando se dirigiu a Deus: pedindo, e, não, reivindicando. Isso revela nesse líder a compreensão de que toda autoridade superior provém de Deus.

Quando Pilatos ressaltou para Jesus a sua autoridade sobre ele, o Mestre respondeu: *Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada* (João 19. 11). Ao dizer isso, Jesus admitiu que Pilatos tinha autoridade sobre ele naquelas circunstâncias. O próprio Mestre afirmou que essa autoridade de Pilatos sobre ele tinha sido dada por Deus.

Neemias tinha consciência da natureza e da origem divina da autoridade. Portanto, entendia que ela deve ser obedecida e honrada, respeitados os limites da nossa consciência esclarecida de filhos e servos do Deus. Neste sentido, é enfática a recomendação do apóstolo Paulo aos cristãos em Roma: *Toda pessoa esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas.* (Romanos 13.1)

Pessoas são investidas de autoridade em diversas situações, mas, em síntese, a autoridade procede de Deus. Uma vez que a autoridade procede de Deus, se deixamos de reconhecê-la e de nos submetermos de boa vontade a ela estaremos resistindo à autoridade de Deus, e não propriamente da pessoa investida de autoridade.

De acordo com o ensino do apóstolo Paulo, o Deus eterno, invisível e Todo-Poderoso coloca certa dose da sua autoridade sobre pessoas mortais e limitadas. Contudo, a nossa submissão à autoridade não implica, a nossa anulação como indivíduos, nem abrir mão dos nossos direitos de cidadãos, da nossa dignidade e integridade, da nossa fé, nem da nossa consciência.

A espiritualidade vigorosa pressupõe perceber a natureza divina da autoridade, esteja ela sobre o chefe, o líder da equipe, as autoridades públicas, civis ou religiosas nos seus respectivos âmbitos de atuação.

Submissão e respeito à autoridade são características marcantes dos grandes líderes. Ninguém pode dizer que compreende a natureza da liderança se não compreende igualmente a natureza da autoridade.

A capacidade de aceitar se submeter voluntariamente autoridade é essencial na vida cristã, especialmente para quem deseja exercer autoridade e liderança sobre outras pessoas. E isso é válido para a vida empresarial, pública, familiar e no ministério para Deus.

## CAPITULO 24 – A ESSÊNCIA DA SUBMISSÃO À AUTORIDADE

A essência da submissão à autoridade, na perspectiva divina, é que ela não é imposta, e, sim, voluntária.

Submissão é uma atitude deliberada, voluntária, da pessoa, e independe de existir ou não a norma impositiva. Entretanto, a submissão à autoridade não é cega e, sim, iluminada pelo entendimento. Por essa razão, a pessoa submissa à autoridade é também capaz de questionar, de avaliar com sabedoria e de colocar as suas ideias sem afrontar essa autoridade constituída.

Podemos ser submissos e ainda assim ser livres para pensar por nós próprios, discordar, expor nossas ideias e fazer opções mantendo atitude inteiramente respeitosa à autoridade.

A submissão à autoridade é um princípio divino. A Bíblia o ensina com clareza e ênfase. E sabemos que princípios são muito mais consistentes do que normas. Estas, podem mudar para se adequarem à realidade social, organizacional ou grupal vigente. Princípios divinos permanecem imutáveis no tempo e no espaço.

É verdade que as nossas leis civis impõem a submissão às autoridades constituídas como norma, para o bom funcionamento da sociedade organizada. O líder, contudo, enxerga além da norma.

A atitude submissa de Neemias à autoridade do rei antes, durante e depois da execução do seu projeto demonstra que ele vivia esse princípio divino. Ele poderia ser submisso ao rei apenas por força da norma e da sua condição de servo, mas ele foi além. E isso, parece que o rei percebia muito bem no seu subordinado.

Quem não está maduro para aceitar voluntariamente autoridade sobre si também não está pronto para exercer liderança para Deus. Nesse particular, Neemias estava preparado. E Deus já o estava chamando para realizar uma grande obra para ele.

Nas organizações e nas equipes, a relação de autoridade é essencialmente funcional. Seu objetivo é viabilizar o funcionamento da cadeia de comando. Ela ocorre no nível hierárquico e operacional, mas não necessariamente no nível das ideias e opiniões.

As pessoas se subordinam umas às outras em determinadas situações, mas o seu pensamento, as suas ideias, as suas opiniões são riquezas intangíveis que jamais devem estar subordinadas aos seus semelhantes. Por outro lado, essas ideias e opiniões jamais devem ser impostas a outras pessoas, nem consideradas intocáveis nem incontestáveis.

A nossa liberdade de pensar e de ser pressupõe a liberdade de pensar e de ser das outras pessoas.

A capacidade de pensar, criar, sentir, perceber, analisar, formular opiniões, projetar cenários, decidir e realizar com inteligência e responsabilidade nos distingue nitidamente dos irracionais e nos identifica com o nosso Criador. É um dos traços marcantes da nossa individualidade e da nossa identidade.

Sendo indivíduos livres, nos subordinamos de boa vontade a outras pessoas em posição de autoridade. Mas a maravilhosa capacidade mental que o nosso Criador nos deu de pensar com liberdade... essa tem asas, e precisamos liberá-la para que voe livremente pelo espaço quase sem fim da nossa mente criadora. E somente a ele, Deus, devemos submeter essa maravilhosa dádiva divina.

No caso de Neemias, não se tratava de discordância, nem de divergência de ideias. Ele tinha um problema e precisava da ajuda do seu superior para resolvê-lo. E a sua maneira de colocar o problema e pedir essa ajuda foi admiravelmente adequada. Ele o expôs e formulou o seu pedido colocando em evidência a autoridade do rei. E o fez com inteligência, objetividade, concisão, clareza e humildade.

É assim que procedem os verdadeiros líderes. E, por isso, eles fazem toda a diferença!



## CAPÍTULO 25 – A DESOBEDIÊNCIA SUBMISSA

No entanto, em certas situações, embora com uma atitude interior de submissão à autoridade, pode não nos ser possível obedecê-la acerca de coisas específicas.

É o caso, por exemplo, de Pedro e João, em Jerusalém, a quem as autoridades ordenaram que absolutamente não falassem, nem ensinassem em o nome de Jesus.. E a resposta respeitosa, porém categórica, de Pedro e João foi: *Julguem os senhores mesmos se é justo aos olhos de Deus obedecer aos senhores e não a Deus (Atos 4.19).*

É importante notar a atitude de Pedro e João nesse episódio. Eles não afrontaram a autoridade dos governantes locais. Pelo contrário, eles a reconheceram e a honraram. O que eles fizeram foi explicar porque não podiam deixar de fazer o que estavam fazendo. E isso não era afrontar a autoridade, embora, é claro, implicava a disposição de pagarem o preço que fosse necessário para garantir que o seu Senhor amado, ressurreto e maravilhoso, fosse conhecido por outras pessoas.

No império romano, e mais recentemente na extinta cortina de ferro no auge do comunismo, o Estado proibia os cristãos de compartilharem a sua fé em Cristo. Mas isso não impediu que eles a compartilhassem e que milhares de pessoas aceitassem a Cristo como Salvador e Senhor. No entanto, alto preço foi pago por muitos cristãos: perseguições, prisões, tortura e morte.

Ninguém e nenhum poder humano nem espiritual jamais conseguiu e nem conseguirá apagar a chama do Espírito de Deus que inflama os corações daqueles que o amam e os impele a falar de Jesus Cristo.

## CAPÍTULO 26 – ORAÇÃO E AÇÃO OBJETIVAS

*...e faze prosperar hoje o teu servo e dá-lhe favor perante este homem. (Neemias 1.11)*

Nas situações problemáticas, a oração não é uma atitude de passividade, nem de fuga. Pelo contrário, é uma resposta positiva e vigorosa que antecede a ação concreta e decidida para resolvê-las.

A oração é o nosso preparo interior para o combate exterior. Orar é abrir espaço para que Deus entre na situação e nos guie pelo caminho do triunfo. A oração deve preceder a ação e continuar durante e depois dela.

### **Oração objetiva, plano claramente definido e ação objetiva.**

Esses três elementos são essenciais a qualquer líder movido por Deus para realizar qualquer projeto. Depois de haver investido tempo em oração objetiva, Neemias parte para a ação também objetiva. Sua objetividade na oração consistiu em pedir a Deus exatamente o que precisava: que o rei aceitasse de boa vontade deixá-lo ir a Jerusalém para reconstruir os muros e portas da cidade, e lhe desse o apoio necessário para viabilizar esse projeto.

O plano de ação consistiu em definir todos os passos a serem tomados: primeiro, teria que obter a permissão do rei para se afastar das suas atividades; segundo, que o monarca lhe concedesse o livre conduto para atravessar as fronteiras; terceiro, obter os recursos materiais e financeiros necessários para a obra e, por último, ir a Jerusalém e reconstruir os muros e as portas. Essa era a primeira parte do seu projeto. A ação objetiva, nessa fase, consistiu em arregaçar as mangas e agir para executar o plano previamente definido.

A oração objetiva nos move para a ação objetiva. É relevante o fato de que Neemias não chorou mágoas para o rei, embora tenha revelado o motivo da sua evidente tristeza. Pelo contrário, ele pediu o seu apoio concreto a um plano claro e definido que Deus já havia colocado no seu coração e mente. Isso nos sugere que o momento adequado para buscarmos apoio aos nossos projetos é quando estão claramente definidos. Napoleão Hill escreve no seu conhecido livro *A Lei do Triunfo: Nenhum vento favorece quem não sabe para onde vai*<sup>2</sup>.

É necessário sabermos exatamente o que queremos e o de que precisamos antes de esperar que alguém se interesse por nos ajudar. Sempre existirão pessoas dispostas a ajudar homens e mulheres que sabem com clareza o que querem e do que necessitam para realizá-lo. Sempre haverá ventos que soprem a nosso favor se sabemos exatamente aonde queremos chegar.

## CAPÍTULO 27 – VENCENDO O MEDO

*O rei me disse: Por que está triste o teu rosto, se não estás doente? Tem de ser tristeza do coração. Então, temi sobremaneira e lhe respondi: viva o rei para sempre! Como não me estaria triste o rosto se a cidade, onde estão os sepulcros dos meus pais, está assolada e tem as portas consumidas pelo fogo? Disse-me o rei: Que me pedes agora? Então, orei ao Deus dos céus e disse ao rei: se é do agrado do rei, e se o teu servo acha mercê na tua presença, peço-te que me envies a Judá, à cidade dos sepulcros dos meus pais, para que eu a reedifique (Neemias 2.2-5).*

Fantástico esse registro que Neemias faz a respeito de si próprio. Ele não demonstra a mínima preocupação de passar para o leitor uma imagem de super-homem, nem de um tipo especial de coragem que desconhece o medo. Pelo contrário, revela o seu sentimento de vulnerabilidade e medo como qualquer outro homem em situação idêntica.

Considerando as circunstâncias e o registro histórico de rebeliões anteriores de Judá contra Nabucodonosor, o rei persa poderia entender que Neemias queria reconstruir os muros e portas de Jerusalém para fortalecer o povo e mobilizá-lo para uma rebelião futura. Portanto, poderia facilmente ser confundido como inimigo potencial do império. E isso o colocava em risco de morte.

Neemias compartilha com o leitor, de maneira muito natural, o seu medo quando o rei falou com ele. Se fosse hoje, diria “Então fiquei morrendo de medo”. Realmente, o medo diante de situações de grande desafio ou perigo é um sentimento absolutamente natural para nós seres limitados e mortais.

Compartilhar o seu medo o seu medo não diminui, nem um pouco, o conceito de Neemias perante o leitor, nem ofusca o seu brilho ao longo do livro que leva o seu nome. Ao admitir e expor a sua humanidade, ele revela ser transparente acerca de si próprio e possuidor de um grande caráter.

### **Jamais aceitar ser refém do medo**

O medo impede muitas pessoas de triunfarem na vida. Não é apenas o medo do fracasso que nos bloqueia, mas também o medo do sucesso. Tendemos a ter medo quando olhamos ao nosso redor e vemos que nossas referências de segurança não estão lá.

Ainda não se descobriu uma vacina contra o medo, portanto, precisamos aprender a lidar criativamente com ele. Penso que o medo é um sentimento comum tanto ao

covarde como ao herói, e o que há de diferente entre um e outro é a maneira como lidam com o seu medo. O covarde reage ao medo de maneira negativa e previsível, o herói de maneira criativa e inovadora.

A história da nossa vida e a de outras pessoas na nossa área de influência pode ser determinada pela maneira como lidamos com o medo. Parece que a única maneira de vencer o nosso medo é agirmos com determinação a despeito dele. A vitória sobre o nosso medo antecede a todas as demais em nossas vidas. Assim, ousou afirmar que nossas vitórias internas vêm antes das nossas vitórias externas.

Afirmo ainda que as maiores batalhas da vida acontecem no íntimo do próprio homem. O episódio de Davi e Goliath ilustra isso muito bem. Os soldados israelitas estavam todos com medo do gigante. Mas não se percebe medo no pequeno Davi, e, sim, ousadia extraordinária decorrente da sua vigorosa confiança no Senhor. Esse jovem já havia triunfado, em Deus, sobre o próprio medo.

O medo tem o seu lado bom, e funciona como um tipo de alerta quando nos encontramos em situação de perigo, insegurança ou vulnerabilidade. Ele presta um serviço útil à nossa sobrevivência, porém muitas vezes funciona como um alarme falso.

Quando esse alarme falso fica ligado o tempo todo ou dispara automaticamente diante dos desafios. Nesse caso, ele se torna um sério problema porque nos tornamos seus reféns ao longo da vida em qualquer coisa nova que pretendemos fazer. E optamos pela acomodação. Neemias teve muito medo, no entanto foi em frente.

Neemias entrou em contato com o seu medo e o admitiu. Em seguida, orou a Deus e, no momento oportuno, expôs ao rei o seu problema e pediu toda a ajuda de que precisava. E foi atendido.

Quanto à possibilidade de o rei Artaxerxes interpretar que a sua intenção de reconstruir os muros e portas de Jerusalém fazia parte de um plano secreto de futura rebelião, ele deixou nas mãos de Deus. Ele próprio, a sua vida, tudo estava nas mãos de Deus. Mas nem por isso deixou de ter medo.

Neemias orou a Deus e, embora com muito medo, fez o que precisava ser feito, e Deus cuidou do resto: sensibilizou o rei, e este concedeu a Neemias tudo o de que precisava. Tudo é muito diferente quando os nossos projetos são também os projetos de Deus.

## CAPÍTULO 28 - ACEITANDO NOVOS DESAFIOS

*A diferença entre o herói e o covarde é apenas a maneira como cada um lida com o seu medo.*

Queremos vencer na vida? Se sim, jamais demos as costas aos desafios que ela nos traz.

Cada desafio é uma oportunidade nova de crescimento e de desenvolvermos nossas capacidades e potencialidades para triunfos maiores. Deus nos dotou de capacidades muito superiores às que geralmente imaginamos possuir.

Quando enfrentamos os desafios com oração, planejamento cuidadoso, objetivos bem definidos e claros e trabalho sério e perseverante, temos grandes possibilidades de colher os frutos deliciosos da nossa ousadia e perseverança.

Embora com medo, é preciso dar as boas-vindas aos desafios novos e enfrentá-los de frente. A cada desafio, o sentimento de medo pode ser vencido. O que é a covardia senão aceitarmos o império do medo?

Acho impressionante o fato de que Deus nunca elogia o nosso medo e nunca o encorajar. Quando ele nos chama para realizar algo que o glorifica e ao mesmo tempo nos desafia, encontra sempre um jeito de comunicar às nossas mentes e corações o seu “Não temas, eu estou contigo”.

## CAPÍTULO 29 – O QUE SE ESCONDE NO NOSSO CORAÇÃO?

*Mesmo em meio ao caos, Deus é a nossa esperança e salvação.*

A situação de Judá como nação era caótica.

Grande parte do povo enfrentava pobreza e humilhação externa e interna. Uma nação que tinha teoricamente tudo para ser próspera na sua trajetória histórica, era agora o exemplo de nação política, econômica e espiritualmente arruinada.

Em Jerusalém, ao invés de muros e portas protegendo e dignificando a cidade, apenas pedras queimadas pelo fogo, muito entulho e escárnio dos adversários vizinhos. Era o testemunho eloquente do juízo de Deus contra o pecado do seu povo escolhido.

### **Como nos relacionamos com Deus na prosperidade?**

A prosperidade econômica, financeira, intelectual e social é uma bênção, e também uma oportunidade para alimentar e revelar a corrupção do nosso coração. Na prosperidade, tendemos a relegar a vida piedosa diante de Deus a um plano apenas marginal. Isso se aplica ao indivíduo, à família, aos membros das organizações, à comunidade cristã e à nação.

O problema não está em sermos prósperos, mas, sim, em fazermos da prosperidade a nossa fonte de segurança e de significado. Só Deus é a nossa fonte real e inabalável de segurança e significado. E se ele não ocupa plenamente esse lugar em nossa vida, há espaço para deuses falsos criados por nós. E esses deuses podem assumir inúmeras formas.

A tendência de fazermos dos bens que possuímos e das nossas realizações a fonte do nosso senso de valor pessoal e de segurança é tão antiga quanto a humanidade.

O sucesso profissional e a abundância de bens podem encher o nosso coração da sensação ilusória de poder, autossuficiência e de centralidade em nós próprios.

Nessa sensação ilusória, pensamos que o papel de Deus é o de mero coadjuvante ou de um auxiliar muito eficiente para realizar as tarefas mais difíceis ou mais desagradáveis para nós. Nesse contexto, pensamos nele como um criado de luxo do tipo gênio da lâmpada. Ou, talvez, como um guarda-costas responsável pela nossa segurança.

Vamos mais longe: fazemos de Deus o servo incansável para guardar a nossa propriedade e a nossa família. Um tipo de mordomo especial. E achamos isso ótimo porque podemos ter esses serviços de graça, e da melhor qualidade. E para deixá-lo

contente, nós o retribuímos com os nossos dízimos e ofertas e não faltamos ao culto do domingo. Essa estratégia se parece muito com aquela utilizada pelos povos idólatras vizinhos de Judá para agradarem os seus deuses em troca dos seus favores.

Quando a nossa atitude interior na prosperidade é de autossuficiência e independência de Deus, a nossa vontade impera quase que absoluta. E isso sinaliza que já reduzimos Deus a um auxiliar mágico, tipo o gênio da lâmpada de Aladim, e assumimos o lugar de o senhor da nossa vontade, nossos projetos, nossa vida. É o desvio da relação piedosa com Deus e a entronização do eu com suas múltiplas paixões e cobiças voltadas para a gratificação do ego e a autoglorificação.

Isso acontece de maneira muito sutil, quase imperceptível. É assim que podemos nos desviar de Deus, mesmo sendo pastores e pregando no púlpito da igreja todos os domingos e também na mídia e desfrutando da admiração e reverência das pessoas.

É possível enganar o povo por algum tempo, porém, é impossível enganar Deus.

## CAPÍTULO 30 – O PREÇO DA REBELIÃO CONTRA DEUS

A rebelião contra Deus está profundamente arraigada no coração humano.

Quando o povo de Judá se desviou de Deus o seu coração e sua mente, Jeová o chamou insistentemente ao arrependimento através dos seus profetas. Mas a resposta era a firme determinação de permanecer no caminho tortuoso da idolatria e da injustiça. Então, Deus resolveu mandar-lhe o exército de Nabucodonosor, que destruiu o sonho de prosperidade pessoal e nacional da nação e o transformou num monte de desolação.

Vindo o juízo, o povo experimentou o que jamais pediria: a perda dos bens econômicos e financeiros, como também aqueles imateriais extremamente preciosos: liberdade, segurança, autoestima, dignidade, paz e alimentos. Milhares de pais perderam os seus filhos e milhares de filhos os seus pais. Os ferros da humilhação e o jugo do dominador vieram sobre eles sem piedade.

O propósito original de Deus sempre foi o de se relacionar em profunda comunhão com o seu povo. Uma relação do tipo Senhor-servo e de pastor-ovelha como expresso no Salmo 23, fundamentada no comprometimento amoroso e fiel bilateral. Desse relacionamento adviria naturalmente o desenvolvimento econômico, político e espiritual da nação. Isso seria consequência natural da fidelidade e da comunhão com o Senhor.

Lamentavelmente, a resposta tácita e teimosa do povo de Deus ao longo dos séculos tem sido: estou interessado nas tuas bênçãos e na prosperidade material que me possas proporcionar, e não em me relacionar contigo de maneira piedosa e fiel. E seria ótimo se isso fosse apenas coisa do passado. Porém, é a triste realidade que vivemos em muitas das nossas igrejas evangélicas na atualidade. É óbvio que nos períodos de avivamento espiritual autêntico tudo é muito diferente.

Assim, ao invés das bênçãos prometidas - essas promessas eram condicionais - Jeová lhes mandou a espada, a humilhação e a opressão. Isso pode parecer irracional e incompreensível do nosso ponto de vista humano. Mas foi exatamente o que aconteceu, e a Bíblia registra isso com todas as letras.

O que os profetas predisseram sobre o cativeiro babilônico para o reino de Judá deixava bem claro que essas coisas serviriam apenas de instrumento para trazer o povo de Deus de volta para ele. Para que o povo o servisse de coração sincero seria necessário o fogo do sofrimento e da humilhação para queimar a idolatria, a rebeldia que havia tomado conta da nação.



Se, por um lado, vemos a ira de Deus se manifestando contra o pecado do povo, vemos, por outro, a sua bondade e a sua misericórdia bem presentes ao longo de todo esse processo.

O juízo divino seria duríssimo, porém necessário. Só assim o povo demoliria os templos e deuses pagãos do seu coração e ergueria em seu lugar o trono de Jeová e restauraria o autêntico culto a ele.

## CAPÍTULO 31 – ESPERANÇA NO CAOS

Em Jerusalém, o sentimento dos pobres do povo era de completa derrota. Além de todas as perdas já mencionadas, havia o sofrimento moral e muita pobreza.

As perdas geralmente trazem no seu bojo o sofrimento, obviamente com intensidades distintas de acordo com as circunstâncias. Mas determinadas perdas nos são mais significativas que outras.

Existem aquelas perdas que produzem dor profunda, porém passageira, e aquelas cuja dor continua por muitos anos. E mesmo quando a dor finalmente se vai, pode deixar cicatrizes inapagáveis na nossa alma se não lidarmos adequadamente com os sentimentos que elas produziram.

A pobreza e a privação da liberdade têm o poder de impor ao ser humano a negação da sua dignidade. Quando vemos as reportagens na televisão sobre a situação da saúde pública no nosso País, ficamos chocados.

A situação na cidade era caótica, e demandava a intervenção de um líder de caráter íntegro e de liderança vigorosa para promover as mudanças necessárias. Esse líder teria que ser levantado pelo próprio Deus.

Somente pela interferência soberana de Jeová poderiam os muros e portas ser reconstruídos e a dignidade individual e coletiva levantar com firmeza novamente a sua bandeira. E Neemias estava lá, cooperando com Deus para realizar a grande obra.

Assim, em meio ao caos, Deus havia levantado um homem que semearia a esperança no coração do povo. E essa boa semente germinaria, nasceria, se tornaria uma árvore frondosa e forte, e daria fruto bom. Deus sempre tem os seus instrumentos para tornar o impossível possível. Nesse caso, o nome desse instrumento era Neemias.

## CAPITULO 32 - A REFORMA ECONÔMICA E SOCIAL DE NEEMIAS

*Devolvam-lhes imediatamente suas terras, suas vinhas, suas oliveiras e suas casas, e também o juro que cobraram deles, a centésima parte do dinheiro, do trigo, do vinho e do azeite". E eles responderam: "Nós devolveremos tudo o que você citou, e não exigiremos mais nada deles. Vamos fazer o que você está pedindo". Então convoquei os sacerdotes e os fiz prometer sob juramento cumprirem o que haviam prometido (Neemias 5:11-12).*

Neemias percebeu que, para acalmar os ânimos e ser retomada a prosperidade do povo, era preciso uma reforma econômica profunda.

O dois pontos fundamentais dessa reforma eram os seguintes.

Primeiro, pessoas podem ter mais bens que outras, mas todos devem ter o suficiente para viver dignamente.

Segundo, as propriedades que os ricos haviam comprado dos pobres – sempre a preço aviltante - deveriam ser imediatamente devolvidas aos proprietários originais, e também os juros cobrados sobre empréstimos. Além disso, deveria ser devolvida para os pobres a centésima parte daquilo que eles haviam pago a título quitação de dívidas: dinheiro, trigo, vinho e azeite.

Isso possibilitaria o início da prosperidade econômica e social dos mais pobres a curto e longo prazos, uma vez que voltariam a ter onde cultivar e possuir suas casas e suas vinhas e a produzir o azeite, o vinho e plantar o trigo e ter os alimentos da sua alimentação básica.

A preocupação de Neemias era a de um modelo econômico e produtivo em que a classe dominante continuaria a ter muito, mas possibilitaria à dominada as condições produtivas básicas e, conseqüentemente, viver com dignidade.

Nas circunstâncias reinantes, fazer uma reforma desse tipo requereria a ação enérgica de um líder temente a Deus, determinado e audacioso para enfrentar os poderosos patrícios detentores de riquezas mal adquiridas.

A reforma econômica e social proposta por Neemias era simples na teoria, mas muito difícil na prática. Ele pediu aos nobres e aos magistrados que devolvessem ao povo a propriedade dos meios de produção dos quais haviam se apropriado indevidamente: as terras, vinhas e os olivais, dos quais já tinham se assenhoreado como penhor dos empréstimos feitos para a compra de bens de subsistência. As casas

residenciais e os juros exigidos sobre os empréstimos para comprarem trigo, vinho e azeite deveriam ser também devolvidos.

Como uma classe exploradora e faminta de mais riquezas iria abrir mão de tudo isso que já estava em seu poder? Creio que, aí também, a boa mão de Deus favoreceu Neemias. Os nobres e os magistrados, embora relutantes, prometeram atender ao pedido, diante da assembleia.

Porém, Neemias sabia que estava lidando com gente de caráter débil, que poderia mudar facilmente de ideia logo em seguida. Por isso, os expôs ao comprometimento público de fazerem o que prometeram: fez essa gente jurar diante dos sacerdotes e de todo o povo que cumpriria a sua palavra. E funcionou!

### **Os pobres voltam a respirar**

Novamente donos das suas propriedades e de suas casas, os pobres poderiam agora produzir para alimentar suas famílias e ter com que pagar os empréstimos. Na situação de pobreza severa em que estava vivendo grande parte do povo, os altos juros reduziam drasticamente as chances de pagarem as suas dívidas aos seus credores.

Neemias entendia que, ao invés da situação de miséria ser mantida como uma oportunidade para o enriquecimento de alguns, deveria ser estabelecida a cooperação entre os que possuíam riquezas e aqueles que produziam nos campos. Assim, ao invés de exploradora, uma classe seria salvadora da outra. Era o caminho da salvação econômica e social da nação.

### **Sistema econômico predatório gera convivência predatória**

Aprendemos com a situação existente antes da reforma de Neemias que um povo destrói a si próprio quando se estabelece um modelo econômico predatório.

Quando apenas alguns se tornam cada vez mais ricos e os demais empobrecem em ritmo crescente, a economia está marchando a passos largos para a falência, e a comunidade para o caos social. Cria-se um ambiente propício para que os muito ricos e os muito pobres compartilhem o mesmo espaço geográfico, inviabilizando, contudo, a tranquilidade para ambos.

O caos econômico é irmão gêmeo do caos social, e ambos estimulam a violência. E quando o caos econômico-social desfralda a sua bandeira, a convivência entre a opulência e a miséria se torna predatória: uma classe tende a devorar a outra. A lei da selva se estabelece no asfalto.

Portanto, a concentração da renda na mão de poucos é, sem dúvida, uma fórmula infalível da pobreza de um povo. Por outro lado, um sistema econômico se fortalece e

tende a se manter próspero quando a distribuição de renda é mais equitativa e as classes se ajudam mutuamente ao invés de se explorarem.

Quando o bem-estar pessoal leva em conta o bem-estar da coletividade, as relações econômicas e sociais crescem em qualidade, e a vida se torna mais sossegada e aprazível para todos. Contudo, no mundo do capitalismo selvagem, claro que isso é utopia!

## CAPITULO 33 – ABRINDO MÃO DE PRIVILÉGIOS INJUSTOS

Os líderes excepcionais são capazes de abrir mão de privilégios para beneficiar o povo.

O interesse maior desses líderes é o bem-estar dos seus liderados, e não o seu próprio, como é comum nos líderes medíocres. Neemias abriu mão dos privilégios injustos dos governantes que lhe antecederam. E isso é extraordinário! Merece aplausos calorosos!

*Também desde o dia em que fui nomeado seu governador na terra de Judá, desde o vigésimo ano até ao trigésimo segundo ano do rei Artaxerxes, doze anos, nem eu nem meus irmãos comemos o pão devido ao governador. Mas os primeiros governadores, que foram antes de mim, oprimiram o povo e lhe tomaram pão e vinho, além de quarenta siclos de prata; até os seus moços dominavam sobre o povo, porém eu assim não fiz, por causa do temor de Deus (Neemias 5. 14-15).*

Novamente, o temor de Deus era a motivação que levava Neemias a abrir mão dos privilégios usualmente desfrutados pelos governadores anteriores. Na época dos governadores anteriores, estes exigiam que o povo bancasse, a custo de pesados impostos, todas as despesas do palácio e ainda trazer muito dinheiro. Além do mais, até os servos desses governadores dominavam sobre o povo.

Neemias poderia ter mantido a mesma prática dos seus antecessores. O povo nem iria estranhar, pois era assim que as coisas funcionavam em Judá. Mas ele era um líder excepcional! Ele tinha o temor de Deus. O seu caráter íntegro refletia, mediante as suas ações, a sua reverência e respeito piedosos a Deus . E isso fazia toda a diferença entre ele e os governantes que o haviam precedido.

Portanto, considerando a situação crítica, ele optou por não sobrecarregar o povo ainda mais com as despesas das refeições e bebida no palácio. Ele providenciou para que essas despesas fossem cobertas de outra maneira. Também, o texto parece sugerir que ele estabeleceu a ordem no governo, não permitindo que pessoas não credenciadas exercessem domínio sobre o povo.

Durante os doze anos do seu governo, estando em posição legítima de exigir e usufruir de privilégios, Neemias abriu mão deles, coisa que muitos de nós líderes cristãos jamais fariam. Mas ele o fez porque tinha o temor de Deus. E essa é uma característica notável dos líderes excepcionais. Eles se tornam exceções da maioria dos líderes do seu tempo.

## CAPÍTULO 34 – O LÍDER MOTIVADO PELO AMOR

Quando Neemias orou pedindo misericórdia a Deus pelos seus pecados e pelos do povo, a força que o impulsionava era o amor.

O amor de Deus é a única força que nos leva a nos arrepender dos nossos pecados, interceder por outros pecadores como nós e nos voltarmos quebrantados para Deus. E amar as pessoas e nos importar com elas.

Não estou falando do amor dos filmes, nem das novelas. Estou falando do amor de Deus, o amor que flui em direção do outro e em busca do outro. Aquele que se importa de verdade com o outro, que quer estar junto, ajudar. Aquela tipo de amor que ajuda a elevar a autoestima do outro, a valorizá-lo e honrá-lo.

O amor de Deus é a única força que nos impulsiona em direção a ele e aos nossos semelhantes. O apóstolo Pedro ensina que *...o amor cobre multidão de pecados* (1 Pedro 4.8). O amor divino é a única força pela qual perdoamos os nossos ofensores. Esse amor provém de Deus às nossas mentes e corações, porque Deus é amor. E é porque ele é amor que também nos perdoa os pecados. Esse tipo de amor é muito mais ação do que sentimento inativo.

O amor é a essência da natureza de Deus. E Deus deseja que reflitamos, em Cristo, a sua natureza. Se somos filhos e filhas de Deus, devemos imitá-lo no amar. Aquele que não ama, decididamente não está em Deus, nem Deus nele. *Aquele que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora, está nas trevas* (1 João 2.9). Porém, *aquele que ama o seu irmão permanece na luz, e nele não há nenhum tropeço* (1 João 2.10).

### **Nossa influência sobre outras pessoas**

O poder da nossa vida e a influência duradoura e benéfica que ela pode causar sobre outras pessoas não está no poder de expulsar demônios, pregar mensagens arrebatadoras, operar milagres, construir catedrais, nem de realizar outras obras fantásticas aos olhos humanos. O maior poder da nossa vida é o amor de Deus derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, como nos diz Paulo:

*...porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado* (Romanos 5.5).

Cristãos cheios desse amor temperam como o sal esta geração egocêntrica e pecadora na qual brilham como luz do mundo e glorificam o Pai, como recomendou Jesus:

*Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus (Mateus 5.16).*

Ao falar isso, Jesus nos ensina que o propósito do Pai é que o glorifiquemos no mundo com as nossas vidas, aqui e agora. O nosso papel fundamental neste mundo tenebroso é influenciar para Cristo o grupo, o pessoal da empresa, a vizinhança, a comunidade, enfim, a sociedade materialista em que vivemos.

Se o testemunho da nossa vida não está desempenhando esse papel, então, Jesus diz que somos como o sal sem sabor ou como a lâmpada acesa colocada debaixo da cama. Em outras palavras, para nada servimos ao propósito divino de sermos testemunhas de Cristo neste mundo tenebroso.

A função primordial do sal é temperar - e, não, salgar! A da lâmpada acesa é alumiar o ambiente e as pessoas ao seu alcance - e, não, ofuscar a visão! Sem essa compreensão clara, podemos salgar ao invés de temperar, confundir e desorientar ao invés de alumiar. De pouco adianta testemunhar de Cristo com os lábios se o negamos com a vida.

E assim, sob a liderança desse líder excepcional, Neemias, a parte do judeu que voltou do cativeiro e a parte que havia ficado em Jerusalém, começaram a reconstruir a sua dignidade espiritual, econômica e social como o povo escolhido de Deus.



## CAPÍTULO 35– LIDERANDO COM AMOR

A liderança no reino de Deus é, por natureza, outrocêntrica, e, não, egocêntrica.

No reino de Deus, liderar não é mandar, nem dominar, e, sim, influenciar o grupo ou a comunidade, e servir em amor, para que esse grupo ou essa comunidade atinja o objetivo proposto e desfrute dos frutos positivos dessa conquista.

No contexto da liderança no reino de Deus, amor é aquela atitude interior produzida pelo Espírito Santo que valoriza e respeita os liderados, se dispõe a ouvir atentamente às suas ideias e opiniões, a perceber as suas necessidades, anseios, forças e fragilidades e considerá-las no processo de tomada de decisão. É a atitude interior que impulsiona o líder a servir os liderados por amor a Cristo.

### **Jesus nos deu a lição áurea de liderança no reino de Deus**

Jesus Cristo deu aos seus discípulos muitas lições extraordinárias de liderança no reino de Deus. Mas aquela em que ele, sendo o Senhor e o Mestre, pegou uma toalha e passou a lavar os pés deles é especialmente poderosa e ampla em suas implicações. Ali ele nos dá, com toda a clareza, o conceito divino sobre o que é liderar no reino de Deus: servir os liderados. E ele verbalizou essa lição, dizendo: *...e aquele que dirige seja como o que serve* (Lucas 22.26).

O sentido do verbo servir, no contexto, é amplo e contém, entre outras ideias, a de cuidar, pastorear, apascentar. E, para isso, é preciso que o líder faça parte da realidade dos liderados como o fermento da massa: saber como vivem, o que comem, como dormem, como vão e voltam para o trabalho, quais os seus medos e inseguranças, quais suas dores e temores, e assim por diante. Embora isso hoje seja um desafio nas igrejas grandes, o líder consciente do seu papel diante de Deus estará atento para estreitar a relação com os seus liderados, ao invés de manter-se distante, de difícil acesso.

Graças a Deus, ainda há muitos líderes que cuidam das suas igrejas no temor de Deus e fidelidade a Cristo. Esses são uma grande bênção. Esses são bons líderes íntegros, dignos do Senhor, do Evangelho, da igreja, da sociedade e da nação, onde brilham por Cristo.

Na liderança de pessoas no reino de Deus, segundo o modelo de Jesus, o vínculo de autoridade que se estabelece entre o líder e os liderados se origina da inspiração e da confiança resultantes do serviço que esse líder presta ao grupo ou à comunidade sob seus cuidados. Nessa perspectiva, a autoridade do líder sobre os liderados se legitima pela relação de amor bilateral existente e pelo serviço deliberado às pessoas, e, não, pelo exercício do poder sobre elas.

## CAPÍTULO 36 - A MARCA DA EXCELÊNCIA

*Façam tudo para a glória de Deus (1 Coríntios 10.3)*

No palácio, Neemias servia o rei com excelência. Servir com excelência é fazê-lo com alto padrão de qualidade. Isso implica a atitude interior de fazer as coisas como sendo para nosso Pai celestial, ao qual amamos.

Tudo o que fazemos deve ter o toque da excelência. E isso não só na igreja, mas também na família, na empresa, na nossa atividade como profissionais liberais, secretárias do lar, motoristas, bombeiros, pedreiros, mecânicos, arquitetos, engenheiros, enfermeiros, médicos, pastores, diáconos ou frentistas de posto de gasolina. A excelência é a marca dos líderes eficazes.

Tudo o que fizermos, que o façamos como para o Senhor, e não para os homens. Dessa forma, glorificamos a Deus por meio do nosso trabalho. Nessa perspectiva, não trabalhamos apenas para empresas, nem para pessoas, mas, acima de tudo, para Deus. Por isso, o nosso trabalho, qualquer que seja e onde quer que seja, deve ter a marca da excelência.

O evangelista Marcos faz um registro extraordinário acerca das obras de Jesus. Ao relatar os milagres do divino Mestre, ele escreve: *Maravilhavam-se muito, dizendo: Tudo ele tem feito esplendidamente bem* (Marcos 7.37).

O que Marcos coloca em destaque é a excelência com que Jesus realizava os seus feitos. Tudo o que ele fazia glorificava o Pai. E isso não inspira você e a mim de maneira toda especial? Com certeza, sim.

O escritor de Eclesiastes faz uma recomendação enfática aos seus leitores, considerando a frugalidade da vida presente: *Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças* (Eclesiastes 9.10).

Vale a pena lembrar que excelência e perfeccionismo são coisas distintas. A excelência é relativa. O seu limite é o melhor de nós, o melhor ao nosso alcance. Portanto, não se ressentir com a imperfeição, pois reconhece ser esse um alvo inatingível por seres humanos imperfeitos e limitados.

Na busca pela excelência, as falhas, embora indesejadas, são relevadas e vistas como oportunidades de aprender e aperfeiçoar. Por outro lado, não admite ficar abaixo da linha do melhor possível. Já o perfeccionismo busca uma excelência absoluta, e não admite falhas. Expressa muito mais a preocupação que a pessoa tem com sua imagem do que a atitude interior de fazer o melhor possível com a intenção sincera de honrar alguém. Por isso, enquanto a pessoa que zela pela excelência está satisfeita e grata com o que faz, a despeito das imperfeições, a perfeccionista se estressa e se frustra pelo fato

de os resultados não serem perfeitos. Portanto, pratiquemos a excelência sem cair na armadilha do perfeccionismo.

## CAPÍTULO 37– DEUS É O MESTRE SUPREMO DA EXCELÊNCIA

*A excelência mora nos detalhes*

O relato da Criação, no primeiro capítulo de Gênesis, se encerra com esta significativa declaração: *Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom* (Gênesis 1.31).

Tudo o que o nosso Pai celeste faz, ele o faz excelentemente bem. E na qualidade de seus filhos, devemos imitá-lo. Assim procedendo, o glorificaremos perante nossos semelhantes. Desonramos o nosso Pai se somos relapsos no nosso trabalho e nas nossas responsabilidades, sejam profissionais ou ministeriais. Ou se negligenciamos a excelência naquilo que fazemos.

O texto do capítulo primeiro de Neemias sugere que ele servia o rei com excelência e, por isso, o monarca o estimava, a despeito de ser apenas um escravo estrangeiro ocupando um cargo elevado no palácio real.

Se realmente queremos triunfar na vida, precisamos imprimir no nosso trabalho a marca da excelência. O nosso trabalho pode ser um testemunho eloquente da nossa espiritualidade. É verdade, contudo, que existem pessoas que não professam uma fé vigorosa em Deus, entretanto, primam pela excelência em tudo o que fazem.

Também, servir com excelência é ir além da linha do dever. É fazer não apenas pelo salário, mas, especialmente, pela boa consciência de estar fazendo para o Senhor. É colocar amor naquilo que se faz e qualificar-se para fazê-lo com alto padrão de qualidade.

A excelência, e não a mediocridade, deve ser a marca dos filhos e filhas de Deus. Neemias colocava excelência no que fazia, embora as circunstâncias conspirassem contra.

A excelência é um princípio de vida dos espíritos e mentes gigantes. E Deus se agrada disso. E é por isso que tudo o que ele faz, ele o faz excelentemente bem. Ele é o nosso exemplo de excelência, a nossa inspiração suprema.

### **Muita atenção aos detalhes**

Um profissional de pintura de ambientes pode fazer um trabalho brilhante quando o contratamos. Pode usar material de primeira qualidade e esmerar-se ao máximo. Porém, se falhar no acabamento, nos detalhes dos cantos, nos pequenos retoques, nas

coisas minúsculas, a qualidade do seu trabalho e a sua reputação profissional podem ser seriamente comprometidas.

A excelência requer atenção especial aos detalhes. Por pequenos que sejam, eles pedem a nossa atenção se quisermos imprimir na nossa obra a marca da excelência.

É muito importante fazermos com amor e alta qualidade tudo aquilo que nos propomos fazer, se realmente vale a pena investirmos nisso o nosso tempo, talentos, energia e outros recursos.

A excelência é um princípio divino para a vida bem-sucedida.

## 38 - ENTENDENDO A LIDERANÇA

*Aquele que apenas chefia e comanda terá a cabeça das pessoas a seu serviço; aquele que lidera terá não só a cabeça, mas também o coração, a alma dos seus liderados.*

É importante ter em mente que liderança não é a mesma coisa que administração. Para Peter Drucker, administrar é fazer as coisas do jeito certo; liderar é fazer as coisas certas.

Administrar tem a ver com planejar, utilizar os recursos humanos, financeiros, técnicos e materiais adequadamente, executar o planejamento com eficiência e eficácia, e exercer supervisão e controle.

Você administra coisas, propriedades, projetos, recursos. E o que você lidera? Pessoas! Você lidera gente, seres pensantes e realizadores. Seres dotados de vontade própria, que possuem ambições, carências afetivas, psicológicas e espirituais. Seres imperfeitos sujeitos e oscilações motivacionais. E além das suas carências diversas, lidam com seus conflitos pessoais e relacionais. Seres maravilhosos, porém incrivelmente complexos. Enfim, você lidera gente como você.

Nem sempre bons gerentes ou bons administradores são bons líderes, embora existam aqueles que também possuem essa qualidade adicional. É também verdadeiro que há excelentes líderes que não são bons administradores.

Liderar requer a capacidade de influenciar, motivar e mobilizar pessoas para a realização de um objetivo claro e bem definido. A liderança sabe exatamente o que quer, aonde quer chegar. E busca os meios para chegar lá. E, nesse processo, pessoas são indispensáveis. O líder realiza por meio de pessoas.

O Dr. John Haggai, fundador do Instituto Haggai de Liderança Avançada, conceitua liderança da seguinte maneira: *Liderança é a disciplina de exercer deliberadamente influência especial dentro de um grupo, a fim de movê-lo rumo a alvos de permanência benéfica que satisfazem as necessidades reais do grupo*<sup>3</sup>.

Na opinião minha opinião, a palavra “disciplina” indica que líderes não nascem prontos e, sim, são feitos. Ele argumenta que existem pessoas que possuem certas habilidades intuitivas de liderança, contudo, a verdadeira liderança é uma disciplina deliberada. Também afirma que existem pessoas com maior aptidão para a liderança do que outras, entretanto, fazendo treinamento adequado, uma pessoa que orienta a ação de outras com um propósito claro em mente pode se tornar um líder bem-sucedido.

Outra linha de pensamento sobre liderança defende a ideia de que líderes já nascem líderes, sendo o seu talento natural apenas aprimorado pelo treinamento. Na minha opinião, essas duas linhas de pensamento se complementam.

De qualquer modo, liderar é um ato de livre vontade de quem se decide por esse desafio. O líder se dispõe voluntariamente a se qualificar para exercer influência dentro do grupo ou da comunidade com o propósito de: movê-lo de uma situação vigente para outra melhor, que satisfaz as necessidades reais dos seus liderados. O propósito em vista deve ser atingir objetivos que satisfaçam necessidades reais ou aspirações legítimas dos liderados, e não apenas do líder.

Na expressão “exercer influência” está presente a ideia de que a liderança também não é imposta a outras pessoas. Ao contrário, elas respondem positivamente a essa influência movidas pela inspiração e confiança que sentem no líder.

Referindo-se à liderança no reino de Deus, J.Oswald Sanders assim se expressa: *A verdadeira liderança não é alcançada conseguindo a sujeição de pessoas ao nosso serviço, mas mediante nossa consagração ao serviço das pessoas*<sup>4</sup>.

Entendo que liderança, pelo ponto de vista de Deus, é a influência inspiradora, motivadora e mobilizadora com propósito e objetivo claramente definidos.

Liderança cristã autêntica é influência porque não é imposta. As pessoas respondem positivamente a ela de maneira espontânea. É inspiradora porque inspira pessoas a uma mudança ou ação positivas, ou seja, os liderados desejam ser e fazer aquilo que veem seu líder sendo e fazendo. É mobilizadora porque mobiliza pessoas inspiradas e motivadas a se envolverem intensamente com o propósito de realizarem uma tarefa ou um objetivo claramente definidos.

Veremos, nos próximos capítulos, quadros apresentando várias diferenças entre liderança e administração. Também, entre o líder e o chefe. O líder que temos em mente é o líder-servo, aquele que lidera servindo aos seus colaboradores e, não, dominando ou oprimindo. E quanto ao chefe? O que temos em mente, nesta comparação, é aquele do tipo tradicional: é chefe, mas não é líder; sabe mandar, mas não motiva; exerce poder em decorrência do cargo, mas não influencia que motiva as pessoas a se mobilizarem deliberadamente para concretizar um objetivo claramente definido.

---

<sup>3</sup>Haggai, John. Lead On! – Leadership that endures in a changing world. Dallas, Texas, World Publishing, 1986, p.4 e 14.

<sup>4</sup> Sanders, J. Oswald. Liderança Espiritual. 3.ed. São Paulo, Mundo Cristão, 1989.

## CAPÍTULO 39 – LIDERANÇA OU ADMINISTRAÇÃO?

### QUADRO COMPARATIVO

LIDERANÇA	ADMINISTRAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Movida pela visão do empreendimento.</li> <li>• Lida com a motivação das pessoas e os objetivos a serem atingidos.</li> <li>• Investe tempo em passar a visão aos membros da equipe.</li> <li>• Vê os membros da equipe como pessoas e colaboradores..</li> <li>• Preocupa-se com a eficácia (fazer a coisa certa, no momento certo)</li> <li>• Pergunta: Como podemos motivar nossos liderados a darem o melhor de si para chegarmos ao objetivo em tempo hábil?</li> <li>• Investe no relacionamento saudável e harmonioso entre os liderados.</li> <li>• Trata os colaboradores de maneira personalizada.</li> <li>• Motiva ao desenvolvimento e aperfeiçoamento pessoal e profissional dos colaboradores.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Movida pela missão de tornar o empreendimento uma realidade concreta.</li> <li>• Lida com o planejamento e os meios para alcançar os objetivos.</li> <li>• Concentra-se na execução do planejamento.</li> <li>• Vê o seu pessoal como recursos humanos.</li> <li>• Preocupa-se com a eficiência (fazer a coisa do jeito certo pelo menor custo possível)</li> <li>• Pergunta: Qual o perfil necessário das pessoas das quais precisamos para alcançar o objetivo?</li> <li>• Investe no aumento da produtividade e redução dos custos.</li> <li>• O tratamento é funcional e impessoal.</li> <li>• Cria as oportunidades para o desenvolvimento e aperfeiçoamento pessoal e profissional.</li> </ul>



## CAPÍTULO 40 – LÍDER OU CHEFE?

### QUADRO COMPARATIVO

O LÍDER-SERVO	O CHEFE
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vê os liderados como colaboradores.</li> <li>• Exerce influência sobre os liderados.</li> <li>• Sua autoridade é conquistada, e também referendada pelos liderados.</li> <li>• Pede e só ocasionalmente dá ordens.</li> <li>• É uma inspiração para os liderados.</li> <li>• Reconhece e expressa de público o mérito dos liderados.</li> <li>• Concede aos liderados a liberdade de pensar e de expressar livremente as suas ideias.</li> <li>• Abre espaço para os liderados exercerem os seus dons e competências.</li> <li>• Prefere dizer “Nós fizemos”, “Eu pedi”, “Vou pedir”.</li> <li>• Está aberto para ver as coisas sob o ponto de vista das outras pessoas.</li> <li>• Acima de tudo, vê os colaboradores como gente.</li> <li>• Está sempre em busca da melhor ideia, não importa quem seja seu autor.</li> <li>• Aceita ser confrontado pelos liderados quando a situação o exige.</li> <li>• É gente como todo mundo, e admite seus erros, limitações e fragilidades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vê seus colaboradores como subordinados.</li> <li>• Exerce apenas autoridade formal sobre os subordinados.</li> <li>• Sua autoridade é decorrente da investidura no cargo.</li> <li>• Dá ordens e dificilmente pede.</li> <li>• Geralmente intimida.</li> <li>• Os subordinados realizam e quase sempre ele recebe a glória sozinho.</li> <li>• Geralmente inibe a liberdade de pensamento e de expressão das ideias divergentes das suas.</li> <li>• Empenha-se por preencher todos os espaços.</li> <li>• Adora dizer “Eu fiz”, “Eu mandei”, “Vou mandar”.</li> <li>• Imagina que a sua maneira de ver e perceber as coisas é sempre a melhor.</li> <li>• Geralmente vê as pessoas como peças da estrutura funcional da organização.</li> <li>• Geralmente só valoriza as ideias que se originaram no seu cérebro.</li> <li>• Não admite ser confrontado, mesmo quando está errado.</li> </ul> <p>Quase nunca admite seus erros, muito menos suas limitações e fragilidades.</p>

## CAPÍTULO 41 – ENVOLVER PARA MOTIVAR

É excelente quando, no processo decisório, os liderados têm espaço para manifestarem livremente as suas ideias e opiniões com a certeza de não sofrerem represálias por isso.

Quando esse espaço lhes é concedido pelo líder, os liderados se sentem participantes do processo decisório e, em consequência, mais motivados para se envolverem na fase de execução. Porém, para funcionar bem, esse processo de liderança participativa precisa ser autêntico, isto é, sem manipulações, transparente.

Se eliminarmos os liderados do processo de concepção e elaboração dos projetos e das decisões, não nos admiremos se eles assumirem uma atitude de espectadores passivos na fase de execução.

Geralmente, os liderados não gostam de receber decisões prontas para serem apenas executadas por eles. Sentem-se preteridos do processo criador, e isso reduz drasticamente a sua motivação para executarem. Afinal de contas, o “filho” não é deles!

### **Porque os liderados seguem o líder**

Aqueles que seguem o líder o fazem por livre e espontânea vontade, e não por qualquer tipo de força ou pressão.

O líder desperta nos liderados a consciência do valor pessoal e do potencial de realização deles. Além disso, o líder proporciona aos liderados o senso de direção, os ajuda a manterem vivos, em suas mentes e corações, o objetivo a ser atingido e os benefícios decorrentes disso. Também, ele os encoraja a darem o melhor de si.

O líder também se mantém atento para garantir que os liderados se mantenham focados no objetivo definido, evitando, assim, desperdício de energia, tempo e recursos.

Por essas razões, e por diversas outras, os liderados seguem o líder, o admiram e o amam, embora, quando a situação o requer, possam confrontá-lo com vigor. E isso é ótimo. Bem-aventurado o líder que se deixa confrontar por seus liderados quando isso é necessário!

Aplicando-se essas ideias ao mundo empresarial, é importante aos executivos das organizações de hoje terem em mente que não basta ser chefe, é preciso também ser líder. Por outro lado, não basta liderar, é preciso também chefiar. Em todas as organizações, a autoridade formal tem o seu lugar e o seu papel. Portanto, o desejável é que se tenha o chefe-líder.

No mundo atual, o chefe-chefe mata a motivação dos seus subordinados e emperra o crescimento da sua organização. Vivemos no tempo do trabalho em equipe e da liderança participativa. Hoje, precisamos aceitar com tranquilidade o fato de que ninguém é dono da verdade.

A liderança e a administração devem ser exercidas com equilíbrio, e a combinação harmoniosa das duas é importante para o dinamismo e o desenvolvimento das pessoas, equipes e organizações.

## CAPÍTULO 42 - PRIMEIRO REQUISITO DA LIDERANÇA PARA DEUS

...*tu me amas?* (João 21.17)

Precisamos ter o amor *ágape* na liderança para Deus. *Ágape* é uma das palavras gregas para amor, e significa amor sacrificial.

Deus é a fonte desse amor. É o amor divino na natureza e na origem. Foi esse o amor com o qual Deus nos amou ao ponto de nos dar o seu Filho para sofrer e morrer por nós, e foi esse o amor presente em Cristo ao realizar a vontade do Pai a nosso favor. E quando Deus nos chama e nos constitui como líderes daqueles que lhe pertencem, também está nos chamando para liderá-los com o mesmo tipo de amor com o qual ele nos amou.

Quando Deus ministra o amor *ágape* aos nossos corações, somos impulsionados a servir os nossos liderados. Esse mesmo amor nos desencoraja de subjugar-los ao nosso domínio. Ele nos impulsiona a nos doarmos pelo bem-estar das pessoas que estão sob os nossos cuidados, seja o indivíduo, o grupo, a família ou a comunidade. Enfim, estaremos muitos mais desejosos de servir do que de sermos servidos.

No ministério cristão, esse amor sacrificial pode ultrapassar os limites da racionalidade humana. Ele é capaz de se doar além do que seria inteligente fazer do nosso ponto de vista. É o caso, por exemplo, daqueles líderes cristãos que entregam suas vidas em favor dos seus liderados nos tempos de perseguição da igreja. E isso não é apenas coisa do passado., Ainda acontece na atualidade em países intolerantes ao evangelho de Cristo, seja por motivos de ideologia política ou religiosa.

### **A pergunta inquietadora**

Acredito que o Senhor Jesus faz uma pergunta perturbadora a toda pessoa aspirante ou já no exercício da liderança no reino de Deus: aquela que ele fez a Pedro, três vezes, cara a cara, ao constituí-lo líder dos demais discípulos: *Tu me amas?* (João 21:17).

Na primeira vez que Jesus perguntou, a resposta pareceu fácil a Pedro e na ponta da língua: *Sim, Senhor, tu sabes que te amo.* Mas na medida em que o Mestre pareceu ignorar a resposta e insistiu na mesma pergunta, Pedro foi ficando cada vez mais confuso com a atitude do Mestre. Afinal, aonde ele queria chegar?

Penso que Jesus queria levar Pedro a refletir na verdadeira dimensão daquela pergunta e da sua resposta. E isso porque o amor verdadeiro ao Mestre é o fundamento da liderança no reino de Deus. Até onde Pedro estaria disposto a ir ou sofrer por amor ao seu Mestre e Senhor?

É esse amor a que nos leva a servir o nosso Senhor através daqueles que lhe pertencem e são colocados aos nossos cuidados. Sem esse fundamento, facilmente nos tornaremos dominadores, espoliadores e manipuladores do grupo ou da comunidade que nos é confiada. Portanto, se Pedro de fato amava o seu Mestre, também amaria os seus liderados, cuidaria bem deles e não seria dominador nem explorador, mas, sim, os serviria.

A cada resposta de Pedro, Jesus lhe deu uma recomendação solene: *Apascenta os meus cordeiros. Pastoreia as minhas ovelhas. Apascenta a minhas ovelhas.* É imprescindível notarmos a força dos possessivos *meus* e *minhas* usados por Jesus referindo-se aos cordeiros e às ovelhas humanas das quais Pedro passaria a cuidar.

Usando esses possessivos, que mensagem Jesus estava querendo passar para o seu discípulo? Disso Pedro deveria lembrar-se sempre: o rebanho tinha dono - era do Mestre. E se era do Mestre, Pedro jamais deveria olhar para a comunidade das ovelhas como sendo sua propriedade. E a relação entre Pedro e as ovelhas deveria refletir a relação dele com o Mestre. Não havia lugar para exercer poder e, sim, servir.

Amando profundamente o Senhor, cuidaremos para não maltratar aquelas pessoas que são dele e nos foram confiadas. Por isso, amar a Cristo com intensidade é o primeiro requisito para a liderança no reino de Deus.

Ao usar os verbos *pastorear* e *apascentar*, o que Jesus queria ensinar a Pedro em relação aos seus cordeiros e ovelhas humanas? E o que o Mestre está querendo nos ensinar hoje como líderes em nossas igrejas? É bom refletirmos sobre isso, não acha? Especialmente porque a cultura da nossa época nos pressiona a passar por cima desses conceitos como um rolo compressor. E se fechamos os olhos às recomendações do nosso Mestre e Senhor, como estaremos na sua presença naquele dia em que seremos chamados a prestar contas do nosso ministério?

Apascentar ovelhas significa levar ao pasto, sustentar, nutrir, cuidar das feridas e das fracas ou doentes. Pastorear significa tomar conta no pasto para que não comam ervas daninhas, não sejam picadas por serpentes, destroçadas por animais, nem roubadas por ladrões, nem caiam em precipícios. Ao chamar os que lhe pertenciam de “minhas ovelhas”, Jesus estava usando uma metáfora para ilustrar e explicar claramente qual é a função do líder de pessoas no reino de Deus.

Aliás, isso parece um ponto crítico entre certos líderes de igrejas: agirem como se o rebanho, sua lã e o seu leite fossem sua propriedade. Essa parece ser a atitude de quem perdeu de vista o entendimento de pastorear e apascentar no conceito de Jesus.

Não podemos e nem devemos reinar soberanos sobre o rebanho do Senhor, porque ele não nos pertence; apenas nos foi confiado por algum tempo. Precisamos renovar diariamente em nossas mentes e coração a verdade bíblica de que Jesus é Senhor e dono das ovelhas e que vai voltar e pedirá contas àqueles aos quais confiou o

seu rebanho. A pergunta que devemos nos fazer todos os dias é: *Eu realmente amo o Senhor?* Pode ser que creiamos nele e o sirvamos, porém sem *ágape*.

A propósito, qual será a sua resposta honesta, do fundo do coração, à intrigante pergunta do nosso Mestre: *Tu me amas?* A nossa resposta racional pode ser rápida e positiva, como a de Pedro: *Sim, Senhor, tu sabes que te amo*. Mas, não é essa resposta racional que o Senhor está buscando, e, sim, a do mais profundo do nosso ser.

Quanto à forma, a resposta está ótima! Mas o foco do Senhor não é na forma da resposta, e, sim, na sua qualidade, no seu conteúdo, no seu valor real, no que ela de fato significa para nós. Uma resposta confrontadora sobre tudo o que somos e fazemos. O Senhor espera uma resposta do mais profundo do nosso ser, e não da cabeça. Por isso ela foi tão perturbadora para Pedro. E o é também para nós!

A nossa prova de amor ao nosso Mestre e Senhor está longe de ser uma declaração pura e simples. O que valida esse tipo de prova de amor é a própria essência da nossa vida: o que somos no íntimo e as motivações secretas que nos impulsionam a falar e realizar em nome de Deus.

## CAPÍTULO 43 – O AMOR MOTIVANDO O DISCÍPULO DE CRISTO HOJE

*Vão por todo o mundo e preguem o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo, quem não crer será condenado (Marcos 16.15).*

Embora a missão evangelizadora dada por Jesus aos discípulos apareça na forma imperativa, entendo que o Senhor estava dando a eles um comissionamento de amor. E só poderia ser realizado se a resposta deles fosse também uma resposta de amor incondicional ao Mestre. Uma resposta encharcada de amor *ágape*.

Embora não esteja explícito no texto bíblico, o comissionamento do Cristo ressurreto e glorioso tinha, como pano de fundo, o relacionamento pessoal de profunda amizade e comprometimento mútuo que ele havia construído e consolidado com os seus discípulos durante a convivência de cerca de três anos. Por isso, o seu *vão por todo o mundo e preguem o evangelho*, não foi dado a todos os seus ouvintes, mas apenas àqueles com os quais convivia diariamente e com os quais tinha esse relacionamento consolidado, confiável. Um relacionamento que o Mestre havia construído tendo como base o *ágape*.

Repito, a resposta à Grande Comissão precisava ser vigorosa, objetiva e permanente, mas só seria possível se fosse uma resposta de amor incondicional ao Mestre. Se tivesse sido imposta com base na autoridade formal de Jesus, os discípulos jamais teriam sido capazes de enfrentar todo o poderio do império romano, perseguições, prisões e mortes para cumprir a missão de tornar o nome dele e sua mensagem conhecidos por todo o mundo da época.

O “vão” de Jesus é uma missão de profundo amor. E a resposta a esse “ide” é também uma resposta de profundo amor. E não existe outro poder que a possa tornar viável. E é exatamente aí onde entra em cena o Espírito Santo comunicando esse maravilhoso e incompreensível amor aos nossos corações e nos impulsionando para a evangelização por todos os lugares.

Acredito que, no final do ministério de Jesus, o poder que submetia os discípulos ao seu Mestre não era outro senão o poder do amor. Era, portanto, uma submissão voluntária e prazerosa, apesar de arriscada.

Na unção do Espírito Santo, o amor de Deus que inflamava espírito, alma e corpo dos discípulos se espalhou rapidamente como fogo açoitado pelo vento para todas as direções do império romano, ultrapassou todas as fronteiras geográficas e temporais e tem chegado até nós. E a nós cabe a responsabilidade e o desafio de fazer o mesmo na nossa geração.

Portanto, na minha opinião, o “vão” de Jesus se fundamenta na autoridade que provém do amor e, não, do poder formal. Por isso, há dois milênios, cristãos comprometidos com o seu Mestre a quem querem atender de boa vontade.

O amor ao Senhor nos impulsiona a investir dinheiro, tempo, talentos e quaisquer recursos necessários para obedecê-la, não pelo fato de estar no imperativo e, sim, pelo fato de ter sido dada pelo Mestre que nos ama sem medida e ao qual também amamos. E não é a autoridade do Senhor que nos impulsiona, mas o seu amor, que em nós habita.



## CAPÍTULO 44– LIDERANDO A SI PRÓPRIO

Antes de alguém liderar outras pessoas, deve desenvolver a capacidade de liderar a si próprio pelo ponto de vista de Deus.

Isso implica relacionamento em profundidade com o Senhor, conhecê-lo experimentalmente no poder da sua ressurreição operando no nosso corpo mortal. Não estamos falando de personalidade, mas, sim, de caráter íntegro em Cristo, de vida cristã vigorosa e controlada pelo Espírito Santo. Estamos falando de santificação, de oração, jejum, meditação constante na Palavra de Deus e aplicação dela no nosso viver.

Lideraremos pessoas na proporção direta da nossa liderança pessoal. Ela é o termômetro da qualidade e estatura espiritual do líder.

A liderança de nós próprios é um exercício e um desafio permanentes. Líderes que fazem a diferença no contexto em que estão inseridos são, em primeiro lugar, líderes de si próprios.

Mahatma Ghandi não era cristão, contudo, foi um exemplo eloquente de líder capaz de liderar a si próprio. E só conseguiu levar o povo indiano a enfrentar, sem derramamento de sangue, todo o poderio militar da Inglaterra quando o seu país ainda era colônia britânica porque foi capaz de viver, ele próprio, a política da não violência. Ele possuía uma liderança pessoal vigorosa e convincente.

Sem canhões, nem tanques, nem aviões de guerra, Ghandi conseguiu mobilizar o seu povo para derrotar os seus poderosos dominadores na luta pela independência. A sua arma era difícil de combater, porque era invisível e estava dentro dele e de cada cidadão indiano.

Pela prática disciplinada da política da não violência, esse notável líder levou o seu país à glória de respirar a liberdade nacional. Pela sua autoliderança e pela sua capacidade de influenciar os milhões de seus irmãos indianos, ele se tornou o eterno herói nacional do seu povo e um exemplo fantástico de como um líder capaz de liderar a si próprio pode influenciar milhões de pessoas para a realização de um ideal.

Conquistar e dominar a si próprio requerem muito maior grandeza interior do que conquistar uma cidade ou um exército de valentes inimigos. A autoliderança implica trilhar caminhos que nunca escolheríamos e beber cálices que jamais pediríamos que nos fossem servidos.

Conhecer a nós próprios implica trilhar o caminho desafiador da autoanálise e ver de frente a nossa própria realidade interior, sejam as virtudes ou as fragilidades do nosso caráter. Essa caminhada interior nos revela o que e quem realmente somos, a nossa verdadeira identidade.

Quando nos despimos dos nossos disfarces, nos confrontamos com a nossa própria nudez. E é diante da plena consciência da nossa verdadeira identidade que Deus deseja que nos aproximemos dele.

A Bíblia diz que aquele que esconde as suas transgressões jamais prosperará, mas aquele que as confessa e deixa, alcançará misericórdia (Provérbios 28.13). Confessando o seu pecado e o do seu povo era exatamente o que Neemias estava fazendo durante o seu período de oração e lamento. Só líderes de caráter e de espiritualidade vigorosos escolhem trilhar esse caminho.

Os grandes líderes do passado trilharam o caminho da autoliderança, e os da atualidade ainda andam por ele. O adjetivo *grande* se refere ao caráter íntegro e vida piedosa e justa diante de Deus e dos homens, e não ao poder de dominar e manipular massas humanas em nome de Deus. Também, nada tem a ver com grandes realizações e popularidade.

Esses líderes, que merecem ser qualificados de *grandes* pelo ponto de vista de Deus, marcam as vidas de outras pessoas, e suas pegadas não se apagam no tempo. Seguir o exemplo deles é um desafio que podemos propor para nós próprios, voluntariamente. Eles nos inspiram a nos deixarmos ser conquistados por Cristo e a desenvolvemos, sob a graça de Deus, a estrutura interior vigorosa o suficiente para suportarmos as pressões e os desafios da liderança.

Entendo que os grandes líderes possuem uma estatura espiritual diferenciada daquela das pessoas comuns. Estatura essa desenvolvida ao longo do tempo na vida de intimidade com Deus, no relacionamento com outras pessoas e no exercício do autoconhecimento. E quanto mais conhecem a Deus experimentalmente, melhor se conhecem e às outras pessoas. E isso é também verdadeiro para você e para mim.

Uma característica marcante dos líderes que lideram a si próprios é o empenho pela coerência entre aquilo que pregam e ensinam e a prática no seu viver. Por isso suas palavras e sua vida são uma inspiração poderosa para outras pessoas. Não é de admirar que se credenciem naturalmente à credibilidade dos seus liderados.

## CAPÍTULO 45 - A VISÃO DO LÍDER

É a visão que faz o líder quando ele a transforma num objetivo claro e definido e se mobiliza para concretizá-la.

O líder sabe para onde está indo porque possui uma visão clara da realidade em que está inserido e uma visualização também clara daquela para a qual está se movendo, mesmo que ela ainda não existe concretamente. Porém, visão não é apenas a capacidade de visualizar o futuro, mas, também, de perceber o presente e as tendências para o futuro. É também perceber as oportunidades e agir na hora certa.

A visão do líder é fundamental na liderança. Não importa que seja empresarial, política, profissional, ministerial, familiar ou pessoal. Quando temos uma visão, diz o Dr. John Haggai, nós a respiramos de dia e de noite. Ela passa a fazer parte do nosso mundo mental e espiritual. E todo o nosso ser se sente impressionantemente atraído para nos dedicarmos à missão de trazer a nossa visão à existência concreta.

Diz o Dr. Haggai: *o líder acaricia a sua visão. Ele pensa nela de dia e sonha com ela de noite. Ele passa a sua visão ao grupo e o motiva a abraçar a missão que concretizará a visão e satisfará as necessidades reais do grupo*<sup>5</sup>.

Uma visão que vale a pena é dada por Deus, e o caminho da vida do líder se torna o caminho da concretização dessa visão. E o que seria uma visão que vale a pena? É aquela que, uma vez tornada realidade, glorifica a Deus e beneficia pessoas.

Não importa se essa visão é desenvolver um empreendimento comercial para gerar fundos para a obra de Deus, se é evangelizar em dois anos uma cidade com milhões de habitantes ou estabelecer uma igreja onde ainda não existe uma. A visão de Neemias era os muros e portões de Jerusalém completamente restaurados, o seu povo vivendo em segurança e novamente andando no temor de Jeová.

### **Moisés tinha uma visão**

O povo judeu sofreu o jugo pesado da escravidão no Egito por quatrocentos anos. Mas Moisés, um judeu criado no palácio como filho da filha do faraó, se enchia dia e noite da visão de ver o seu povo livre e estabelecido no seu próprio território como nação livre e soberana.

A visão de Moisés, dada por Deus, o levou a abrir mão das possibilidades de poder e glória como príncipe do Egito. A visão de liberdade do seu povo o tirou da riqueza e luxúria do palácio e o levou para a vida rude do deserto a pastorear rebanhos do seu sogro. A visão nos tira da zona de conforto e nos coloca na zona do desafio.

Deus conduziu Moisés de forma a concretizar a sua visão, embora por caminhos que ele possivelmente nunca desejara ou imaginara trilhar. Os caminhos de um pastor

de ovelhas e as durezas do deserto eram muito diferentes dos caminhos da riqueza e prestígio antes trilhados na condição de filho da filha de faraó. Porém, Deus tinha colocado uma visão no coração de Moisés, e ela inflamava sua alma e espírito dia e noite.

Quando Deus escolhe um homem ou uma mulher e lhe dá a visão de realizar algo para ele, também dirige a vida dessa pessoa no caminho da sua concretização. E quando esse homem ou essa mulher chega ao limite das suas forças, Deus entra em ação com as suas possibilidades infinitas.

### **Compartilhando a visão no momento certo**

Ao chegar a Jerusalém, Neemias esperou até o momento adequado para compartilhar a visão com os líderes locais e o povo.

Liderar não é apenas tomar a frente e dizer “vamos fazer”. Implica, também, apontar caminhos viáveis e obter a cooperação de outras pessoas. Se o estilo é o participativo, implica também ouvir sugestões e críticas, sem ressentimentos. Implica também motivar pessoas a absorverem e a abraçarem a visão.

Difícilmente o líder conseguirá realizar a sua visão sozinho. Líderes realizam através de outras pessoas. Por isso, é muito importante compartilhar a visão com as pessoas certas, no momento certo.

Enquanto a visão estiver somente na mente e coração do líder, ele estará sozinho. É necessário passá-la para a mente e coração dos liderados. Essa é a primeira grande tarefa do líder se deseja tornar a sua visão uma realidade para outras pessoas.

Deus dá a visão, mas cabe ao líder a missão de torná-la realidade sob a graça e dependência divinas com a ajuda de outras pessoas.

---

<sup>5</sup> Haggai, John. Lead On! – Leadership that endures in a changing world. Dallas, Texas, World Publishing, 1986, p.4 e 14

## CAPÍTULO 46- A MISSÃO DO LÍDER

A missão do líder é a sua dedicação objetiva e determinada à tarefa de concretizar a sua visão, trazê-la à existência no mundo real. É fazer a coisa acontecer, porém de maneira planejada e coordenada.

Quando a missão está claramente definida, as pessoas sabem o que precisa ser realizado. Mas somente quanto a missão é internalizada na mente e emoções dos liderados é que eles estarão motivados para executá-la junto com a líder.

Os discípulos absorveram a visão de Jesus de estabelecer o reino de Deus no coração dos homens em todas as partes, e após a sua partida se lançaram na desafiadora missão de concretizá-la.

A principal missão da igreja cristã tem sido a de concretizar a visão recebida do Mestre. A missão dela é pregar o evangelho do reino de Deus a todos os povos, línguas e nações.

Essa missão requer homens e mulheres inflamados pela visão ardente, na unção do Espírito Santo, dispostos a anunciar, em todo o mundo, que Cristo é o único Salvador e Senhor. Uma missão sobrenatural para ser realizada por homens e mulheres limitados. E é por isso que precisamos do poder do Espírito Santo para realizá-la.

A liderança vigorosa, eficaz, de uma única pessoa levantada por Deus pode mudar a história de um povo, de uma época e até do mundo. Isso é impressionante!

A missão de Neemias era desafiadora: a obra era gigantesca e o povo estava fragilizado em todos os aspectos. Porém, Deus estava viabilizando a concretização da visão e da missão ao levantá-lo como líder, conceder-lhe talento especial de liderança, a proteção e apoio do poderoso rei persa para apoiar o seu projeto e suprir os recursos necessários para torná-lo realidade.

### **A nossa missão de promover o reino de Deus**

O Senhor Jesus nos confiou a missão de pregarmos o evangelho a toda criatura, em todo o mundo. Isso é um enorme desafio. Mas ele não nos deixou sozinhos. Ele está conosco, todos os dias, na pessoa do Espírito Santo, que habita em nós. E o Espírito Santo nos enche de graça e ousadia no cumprimento dessa missão grandiosa. Ele disse: *“estarei com vocês todos os dias, até a consumação dos séculos”* (Mateus 28.).

Os inimigos de Deus e nossos se levantam contra a pregação do evangelho de Cristo, mas isso nunca deteve a igreja ao longo da sua história. E por meio do testemunho pessoal, do rádio, da televisão, da imprensa escrita e de outros meios prosseguimos tornando Cristo conhecido, crido, aceito, servido e amado em todas as

nações. É verdade, contudo, que, ao longo da história da igreja, muitas vidas já foram oferecidas no altar do sacrifício por essa causa espiritualmente gloriosa.

Os opositores ao avanço do evangelho de Cristo, sem o querer, mais contribuem do que conseguem impedir o seu avanço. Na medida em que resistem, mais vigorosos se tornam os que amam a Cristo no fazê-lo conhecido das mais diversas maneiras. E Deus vai abrindo novas portas e novos meios para o pleno cumprimento da Grande Comissão.

## CAPÍTULO 47- OBSTÁCULOS À CONCRETIZAÇÃO DA VISÃO

Quando Deus nos dá uma visão e a transformamos em um projeto para concretizá-la, não significa que não teremos que enfrentar forças opositoras.

O fato de uma visão ter sido dada por Deus não significa que seremos cercados de facilidades para concretizá-la. Pelo contrário, a concretização de uma visão pode implicar superar obstáculos e vencer resistências enormes.

Quando ainda vivia como príncipe no palácio do faraó, Moisés já gestava em seu coração a visão de o seu povo livre e independente. Na sarça ardente, Deus lhe comissionou com a missão de realizar a visão: libertar os israelitas da escravidão egípcia e conduzi-los até à Terra Prometida.

Deus garantiu estar com Moisés na sua missão de libertar o seu povo da escravidão no Egito, mas isso não significava que a tarefa seria fácil. Poderosos inimigos teriam que ser encarados e vencidos antes que a missão fosse concluída e a visão concretizada. Uma batalha haveria de ser travada entre o propósito de Deus e o dos homens. E, nesse combate, o papel de Moisés era o de ser o instrumento, o representante de Deus.

A batalha era de Moisés, mas, principalmente, de Jeová - eram parceiros. Quando Deus deu a Noé a visão da sua família salva de um dilúvio humanamente impossível - porque não chovia naquela época -, ordenou-lhe construir uma arca para que a visão se concretizasse. Mas o patriarca enfrentou a crítica severa de muitos nos seus dias.

Quando Deus nos dá uma visão e nos lançamos na missão de torná-la realidade, poderemos ter pela frente situações adversas e inimigos empenhados no nosso fracasso. Isso faz parte de projetos relevantes. Deus permite que venham os desafios. E enfrentá-los desenvolve a nossa estrutura interior. Essas coisas fazem parte do treinamento duro para a liderança eficaz para Deus. Afinal, é nos duros combates que são forjados os grandes guerreiros.

Nenhum soldado se torna um guerreiro hábil e experiente sem passar pelo exaustivo treinamento preparatório. Mas esse treinamento só se consolida da guerra. É aí, no campo de batalha, onde ele se transforma em experiência de combate. É na guerra que se revela o verdadeiro soldado. Se realizar uma visão fosse fácil, provavelmente não haveria necessidade de líderes. É por isso que Deus levanta um líder quando Ele tem o propósito de realizar algo importante.

Em qualquer área da atividade humana, líderes fazem com que as coisas aconteçam. São os líderes que inspiram e encabeçam a mudança das situações e a

transformação da realidade vigente. Quando a liderança é negativa, as mudanças ocorrem para pior; mas quando é positiva, traz resultados de benefícios duradouros.

Mudanças requerem líderes porque são eles que vislumbram com clareza as possibilidades, inspiram confiança, acendem nos liderados a chama da mudança, se colocam à frente do processo e o conduzem.

Mas o que mais atrapalha o líder na sua missão de tornar a sua visão realidade concreta é a falta de planejamento e de pessoal treinado e qualificado.



## CAPÍTULO 48 – DE QUEM É A GLÓRIA QUANDO CONCRETIZAMOS A VISÃO?

No final das contas, Deus é o verdadeiro realizador da visão que ele deu ao líder. Porém, o líder é o seu instrumento humano para realizá-la. E é por isso que, quando o líder realiza a visão, a atitude do seu coração perante Deus deve ser de profunda humildade e gratidão.

Deus nos concede a honra de sermos chamados para o seu serviço e sermos seus cooperadores, mas não a de sermos glorificados pelo que ele próprio faz através de nós. E, nesse particular, ele é radical. Ele diz em Isaías, 42.8: ... *a minha glória, não a darei a outrem*. Entendo que na palavra “outrem” está contida a ideia de nenhum outro deus e nenhum outro ser. E isso inclui você e eu como líderes no reino de Deus.

Na consciência de Jesus, as obras que ele realizava não o glorificavam, e sim ao seu Pai celestial. Para Jesus, o Pai era a fonte do poder realizador das suas obras, e, não, ele próprio. E é essa consciência de Cristo que o Pai deseja que também tenhamos em relação ao que ele realiza por nosso intermédio.

É verdade que o engano do nosso coração nos sugere a nos apropriarmos da glória que pertence a Deus. Esse foi o pecado de Lúcifer, e pode também ser o nosso. E na sua sutileza, esse pecado tende a se estabelecer no nosso coração com o passar do tempo.

Por causa da sutileza do pecado, é necessário sondarmos diante de Deus o nosso coração e os nossos pensamentos. Precisamos nos despir diante de Deus e de nós próprios para identificarmos a natureza das nossas motivações interiores. E é exatamente aí, nas nossas motivações ocultas, onde o Todo-Poderoso nos sonda e nos avalia.

Também, é nas nossas motivações secretas onde o diabo faz as suas investidas sorrateiras, que podem ser muito eficazes até mesmo contra líderes experimentados na caminhada com Deus. A tendência de usurpar a glória de Deus é própria da nossa natureza pecaminosa. É preciso ficarmos vigilantes contra essa sutil tentação.

Na nossa cultura secularizada, pensamos que somos importantes porque fazemos ou conquistamos. Nossas realizações definem quem somos e o que somos. No reino de Deus, o que somos no íntimo define o porquê e para quem realizamos. Nossas palavras podem declarar que o fizemos para Deus, mas nossas motivações interiores podem estar gritando que realizamos para a nossa própria glória.

É possível realizarmos coisas grandiosas em nome de Deus movidos pela motivação secreta de glória pessoal ou outros interesses que, embora legítimos pela perspectiva humana, não têm a finalidade de glorificar o Senhor, e, sim, a nós próprios.

Devido à nossa natureza pecadora, as motivações ocultas do nosso coração devem ser sondadas corajosamente na presença de Deus.

É verdade que resistimos à ideia de fazer isso porque não queremos ver de frente o nosso íntimo. Fazer vista grossa é muito mais cômodo. Curiosamente, gostamos de nos manter iludidos por nós próprios. Esse é um jogo sutil entre o nosso coração enganoso e a nossa consciência acusadora.

A natureza e o valor do que fazemos em nome de Deus serão revelados naquele dia no qual Deus revelará e julgará as motivações e intenções do coração humano. É valiosa a recomendação enfática do sábio escritor de Provérbios: *Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida* (Provérbios 3.23).

## CAPÍTULO 49 – QUADRO COMPARTIVO ENTRE VISÃO E MISSÃO

VISÃO	MISSÃO
Abraão: Possuir a terra prometida e se tornar uma grande nação. Gênesis 12.1-2.	Sair da sua terra e da sua parentela e ir para a terra que Deus lhe mostraria.
Moisés: Ver o seu povo como nação livre e habitando o seu próprio território. Gênesis 3.6-9	Ir a Faraó, no Egito, convencê-lo a libertar o povo e conduzi-lo pelo deserto até a Palestina. Gênesis 3. 10.
Noé: Ver ele e sua família salvos do dilúvio que viria sobre a terra. Gênesis 6.17-18	Construir uma arca de acordo com as instruções divinas e colocar nela um casal vivo de cada espécie de animal e ave e embarcar nela com sua família e provisões no momento certo. Gênesis 6.14-22.
João Batista: Ver o seu povo arrependido dos seus pecados e se voltando para Deus.	Pregar o arrependimento e anunciar a chegada do reino dos céus. Mateus 3.1-3
Paulo: Alcançar a sua geração com o evangelho de Cristo.	Pregar o evangelho ao maior número possível de pessoas no maior número possível de lugares. 1 Coríntios 9.16-17
Jesus: Ver pecadores perdidos transformados em filhos de Deus e herdeiros da sua glória.	Buscar e salvar o perdido. Lucas 19.10

## CAPÍTULO 50 - MENTES SECULARIZADAS

Um dos grandes problemas vividos por nós, líderes cristãos no mundo globalizado e da alta tecnologia, é que estamos perdendo a perspectiva do eterno e vivendo, cada vez mais, apenas na dimensão do temporal. Em consequência, geralmente temos mentalidade materialista, secularizada, terrena.

Por exemplo, a nossa ideia secularizada de sucesso no ministério cristão em nada difere da ideia de sucesso empresarial, profissional ou político. Por isso, sentimos a necessidade de realizar muitas coisas que testemunhem desse nosso sucesso.

Também, sentimos a necessidade de ostentar certos símbolos materiais desse sucesso como, por exemplo, ter certeza de que estamos usando o telefone celular de tecnologia mais avançada do mercado, fazer parte da militância política e participar de outras atividades que nos coloquem em evidência.

Para muitos de nós, isso diz para todo mundo que somos pessoas importantes e muito bem-sucedidas. E temos sempre um belo discurso para convencer as pessoas de que a nossa motivação é a mais nobre possível, mesmo que isso esteja longe de ser verdade.

Ainda sobre o ministério cristão, geralmente o nosso conceito de sucesso consiste basicamente em fazermos coisas notáveis, realizarmos grandes eventos, construirmos grandes templos, pastorearmos grandes igrejas, estarmos o tempo todo falando a dois telefones celulares ao mesmo tempo enquanto o fixo toca desesperadamente em cima da nossa mesa e pessoas aguardam do outro lado da porta a oportunidade de falar conosco. Isso enche o nosso ego do sentimento de que somos pessoas muito importantes e muito bem-sucedidas.

Na nossa mente secularizada, sentimos necessidade de ter uma agenda lotada e de vivermos correndo como lançadeiras de uma reunião para outra, de um evento para outro, de uma cidade para outra. Isso nos enche de uma agradável sensação de sucesso e de que temos valor pessoal. Sem essas coisas, nos sentimos fracassados, um zero à esquerda.

Por outro lado, esse estilo de vida agitada pode ser uma exigência concreta proveniente das muitas responsabilidades de muitos líderes que fazem a diferença na sua área de influência. Pode ser despreziosa e inevitável. Contudo, aqui cabe uma pergunta muito séria em suas implicações: quais as motivações secretas e profundas do nosso coração que nos impulsionam a esse estilo de vida?

## CAPÍTULO 51 - PLANEJANDO A GUERRA

*Coitados daqueles que acreditam que planejar é perda de tempo.*

### **Avaliando cuidadosamente a situação**

Sun Tzu, no seu conhecido livro A Arte da Guerra, ensina que um general experiente jamais deve enviar as suas tropas para o campo de batalha sem uma cuidadosa avaliação prévia da situação.

Ele deve obter, da forma mais discreta possível, o máximo de informações a respeito do seu inimigo: quantos soldados, qual o nível de treinamento e o perfil psicológico deles, quantos oficiais, veículos, equipamentos e armas de que dispõem e qual o poder ofensivo e defensivo dessas armas, qual a experiência do seu general e dos seus oficiais em combate, e assim por diante.

Esse general quererá também saber tudo sobre a topografia, clima, vegetação e outros fatores do local onde o confronto deverá acontecer.

Além disso, avaliará também, com o maior cuidado, toda a situação relativa a si próprio, aos seus oficiais, soldados e equipamentos e quais as suas chances de vencer. Ele se preocupará com cada detalhe, pois esse cuidado pode fazer toda a diferença. Neemias procedeu exatamente assim.

Chegando a Jerusalém, procurou inteirar-se o mais possível sobre a realidade da situação. Porém, isso não era suficiente. À noite, quando a cidade dormia, Neemias saiu discretamente com apenas um animal e alguns homens, para não chamar a atenção. Nesse horário de maior silêncio e calma, tinha mais chance de passar despercebido de olhos que poderiam lhe criar problemas.

Neemias avaliou cuidadosamente a ruína dos muros e das portas, atentando para todos os detalhes possíveis - um cuidado que, provavelmente, um líder ativista focado essencialmente no realizar consideraria irrelevante e, portanto, simples perda de tempo.

Avaliar com todo o cuidado a situação antes de planejar a ação é absolutamente indispensável em qualquer empreendimento relevante, seja a construção de um novo templo, o estabelecimento de uma nova igreja no país ou no exterior, um empreendimento evangelístico, um projeto de crescimento da igreja local ou da empresa.

O líder maduro e sábio jamais negligenciará a avaliação cuidadosa da situação, das circunstâncias gerais envolvidas e dos possíveis desdobramentos decorrentes da sua ação. Estará atento, também, às tendências e às mudanças que se processam ou que provavelmente ocorrerão no ambiente interno e externo do seu projeto.

Neemias avaliou também qual a extensão física da obra, o que precisava ser feito, os recursos humanos e materiais necessários, as disponibilidades existentes e o tempo provável para sua conclusão. Por certo, avaliou também a provável resistência externa e interna à concretização da visão, e como as enfrentaria. Com base nessas informações, ele planejou o trabalho e em seguida organizou e mobilizou os recursos de que dispunha.

Uma falha no planejamento pode ser o indicativo de uma falha de avaliação. E uma falha na execução pode indicar uma falha no planejamento. E isso se refletirá no resultado final. Neemias tinha plena consciência disso, portanto, não correria o risco de agir apenas pelo impulso emocional de querer reconstruir os muros e as portas de Jerusalém.

Para avaliar, é preciso tranquilidade. Para planejar, é preciso avaliar. Para executar bem, é preciso planejar bem. Para dar continuidade e manter a qualidade, é preciso supervisão e controle.

Para lidar com os imprevistos é preciso flexibilizar e fazer os ajustes necessários. E tudo isso estava na agenda de Neemias, embora não há registro de que ele tenha feito qualquer faculdade de administração, nem curso teórico de liderança.

## CAPÍTULO 52 – PLANEJANDO A AÇÃO ESTRATÉGICA

Não basta ao líder ter uma visão e dedicar-se à missão de concretizá-la. É preciso planejar cuidadosamente a sua ação e buscar os meios necessários para trazer a sua visão à existência concreta.

Embora possuindo todas as informações precisas em seu poder a respeito do inimigo, da geografia do local do combate, sobre si próprio e o seu exército, um general experiente não sai precipitadamente para a guerra.

O líder tem consciência de que não basta conhecer o inimigo, ter em seu poder todas as informações necessárias e dispor de um exército poderoso, bem equipado e bem treinado. Nada disso ajudará muito se não houver planejamento cuidadoso e estratégias inteligentes. Neemias tinha plena consciência disso.

Uma vez de posse do conhecimento o mais amplo possível da realidade, Neemias certamente investiu tempo elaborando, com oração e muito cuidado, uma estratégia eficaz de utilização dos recursos humanos e materiais disponíveis.

A crítica dos inimigos de Neemias sugere que o povo não tinha o perfil adequado para uma obra de tão pesada envergadura. Mas, uma vez motivados pela visão de reconstrução da dignidade nacional e das reais possibilidades de serem bem-sucedidos, arregaçaram as mangas e encararam o desafio com determinação e muito vigor.

Pessoas motivadas e bem lideradas, mesmo em situações desfavoráveis, podem realizar feitos incríveis!

## CAPÍTULO 53 - ORGANIZANDO E GERENCIANDO OS RECURSOS DISPONÍVEIS

O capítulo três de Neemias registra como ele organizou o povo e distribuiu as tarefas para a reconstrução dos muros e das portas. Vemos ali o povo trabalhando com grande motivação e ordem.

Neemias organizou o povo em equipes de trabalho, cada uma com tarefa específica e sob a orientação de um líder. Ele utilizou a estrutura de liderança que já existia na comunidade, sendo ele o líder-geral do projeto. Cada líder e cada equipe sabiam exatamente qual a sua tarefa, em quanto tempo deveriam concluí-la, e a quem se reportar.

A obra envolvia a remoção dos escombros, obtenção e transporte de todo o material necessário, e árduo trabalho braçal. Portanto, além de cuidadoso planejamento, era preciso gerenciar muito bem os recursos humanos e materiais disponíveis. E isso, Neemias fez muito bem.



## CAPÍTULO 54 – CONFRONTANDO E MOTIVANDO

Já havendo tomado pleno conhecimento da situação, e antes de desafiar o povo, Neemias os confrontou com a situação humilhante em que estavam vivendo e colocou diante deles uma possibilidade ao seu alcance de reverter a situação.

Reunidos em assembleia, ele disse a todos: *Vocês estão vendo a miséria em que estamos, Jerusalém assolada, e as suas portas, queimadas; venham, pois, reedifiquemos os muros de Jerusalém e deixemos de ser vergonha e humilhação* (Neemias 2.17).

Confrontar e desafiar o povo para reedificar os muros e as portas e deixar de ser opróbrio não era suficiente. Eles precisavam ouvir algo que lhes desse segurança de que o projeto era viável. Embora o texto do livro de Neemias não relate, imagino que em cada mente havia um questionamento: *De onde vem a confiança desse cara de que realmente podemos fazer isso?* E Neemias lidou sabiamente com esse questionamento silencioso. E o que fez? Fundamentou a sua visão: *... e lhes declarei como a boa mão do meu Deus estivera comigo e também as palavras que o rei me falara* (Neemias 2.18).

Ele fez um relato de como Deus o vinha conduzindo nesse projeto, inclusive que tinha o apoio do rei Artaxerxes. Não era, portanto, um projeto que nascia do nada e se firmava no vazio. Pelo contrário, estava bem fundamentado. Tinha solidez e plena possibilidade de ser bem-sucedido. Era isso o que o povo queria saber, e foi isso que ele lhes disse com objetividade e clareza.

O fato de o povo saber que Neemias estava respaldado por Deus e também pelo monarca persa afastou deles o fantasma do medo e da dúvida e trouxe aos seus corações a luz da esperança e a visualização das possibilidades. Diante disso, a resposta foi surpreendentemente positiva: *... então disseram: Disponhamo-nos e edifiquemos. E fortaleceram as mãos para a boa obra* (Neemias 2.8).

Neemias entendia que aquela obra não era para ser realizada por um só homem, mas por toda a comunidade. Portanto, antes de iniciá-la, ele motivou o povo para se unir a ele. E como conseguiu isso? Compartilhando e fundamentando a visão.

Geralmente, uma visão, para ser realizada, implica a participação de outras pessoas, em maior ou menor número, dependendo da sua dimensão. No caso de Neemias, era uma obra para muita gente. E essa gente precisava ser motivada, e não apenas desafiada.

Quando o líder deixa de compartilhar e fundamentar a visão, não pode esperar que outras pessoas “vistam a camisa”. O resultado é ele ficar sozinho num projeto em que muitas mentes e mãos poderiam estar unidas naquele mesmo propósito.

É fundamental para o líder compartilhar e fundamentar a visão com os seus liderados se realmente deseja que estes comprem a ideia e se disponham a realizá-la. Deixar de fazer isso é optar por seguir sozinho reclamando falta de apoio sob os olhos apenas expectadores de muita gente que poderia ajudar de verdade.

## CAPÍTULO 55– O QUE MOTIVA NOSSOS LIDERADOS?

Nossos liderados não se motivam porque reclamamos por eles não participarem do projeto com a mesma intensidade nossa. Eles se motivam quando absorvem a visão do líder, a internalizam e a tornam sua própria. Também, eles se motivam quando visualizam os benefícios que terão como resultado da sua ação.

Durante cerca de três anos de convivência diária com os discípulos, o trabalho principal de Jesus foi passar para eles o entendimento dos princípios do reino dos céus e a visão da evangelização mundial. Na verdade, quando ele deu a Grande Comissão, estava dizendo em outras palavras: *Realizem a visão que eu compartilhei com vocês e fundamentei durante todo o tempo em que estivemos juntos.*

Após Jesus haver retornado para junto do Pai, os discípulos passaram a realizar não apenas a visão do Mestre que se fora, mas a visão que já havia se tornado deles próprios. Uma visão com o qual estavam deliberadamente comprometidos por amor ao seu divino Mestre e Senhor.

Antes de iniciar um projeto desafiador, o líder sábio investirá o tempo que for necessário para comunicar com eficácia a visão aos seus liderados se realmente deseja que eles se envolvam de corpo e alma. O insucesso nesse particular pode comprometer seriamente a concretização da visão.

Na liderança no reino de Deus, o Espírito Santo é o maior motivador de pessoas para colaborarem conosco no nosso projeto para Deus. Daí a necessidade de fazer tudo com oração, e, se necessário jejuns espirituais de súplica pela intervenção divina naquilo que vamos fazer ou estamos realizando.

## CAPÍTULO 56 - ENFRENTANDO AS CIRCUNSTÂNCIAS ADVERSAS

Tudo conspirava contra a concretização da visão do líder Neemias: a autoestima e o moral do povo destruídos, a escassez de recursos e a forte oposição dos adversários.

Ali estava uma nação pilhada por invasores e dominadores ao longo de muitos anos. Não era para ser assim, mas era assim que eram as coisas por ali. Havia também a resistência interna de um grupo de judeus que trabalhava contra, de maneira silenciosa.

Esse grupo de resistência interna, ao que parece de boa condição social e financeira, tinha parentescos de casamentos com o inimigo Sambalate. E fazia um serviço interno de espionagem, passando para esse adversário, fora dos muros, tudo o que Neemias falava, todas as decisões e todo o plano de trabalho, com o nítido propósito de evitar que os muros e as portas de Jerusalém fossem reconstruídos. Parece claro que esse grupo tinha interesses privados na permanência da situação desoladora de Judá.

As adversidades eram muitas, mas uma coisa decididamente favorecia Neemias: a boa mão de Deus era com ele. E isso era a garantia absoluta de que conseguiriam vencer todos os obstáculos e realizar a obra com sucesso.

Quando Deus está conosco nos nossos projetos, ele próprio se encarrega de remover os obstáculos que superam a nossa capacidade de fazê-lo e triunfar sobre os nossos adversários. E Deus está nos nossos projetos quando estamos no projeto de Deus.

Acredito plenamente que Neemias praticava regularmente a oração e o jejum a Deus como forma de obter dele a força interior, mental e física para liderar os seus colaboradores e, juntos, prosseguirem no projeto ousado de reconstruir os muros de Jerusalém.

Neemias compreendia que o próprio Deus era o grande líder desse ousado projeto. Portanto, ele seria um sucesso, a despeito das resistências internas e externas.

## CAPÍTULO 57 - LIDANDO COM INIMIGOS

*Mas, ouvindo Sambalate e Tobias, os arábios, os amonitas e os asdoditas que a reparação dos muros de Jerusalém ia avante e que já se começavam a fechar-lhe as brechas, ficaram muito irados. Ajuntaram-se todos de comum acordo para virem atacar Jerusalém e suscitar confusão ali (Neemias 4. 7-8).*

O nosso sucesso, em qualquer área da vida, pode provocar a ira de outras pessoas.

É impressionante o fato de o ser humano geralmente se opor ao sucesso dos seus semelhantes. Parece que, no fundo, torcemos pelo nosso sucesso e pelo fracasso dos outros.

É possível que o sucesso das outras pessoas nos incomode pelo simples fato de não ser o *nosso* sucesso.

Por outro lado, provavelmente o sucesso alheio nos confronta com os nossos fracassos e frustrações. Ou, talvez, ele nos cause um certo tipo de sentimento de perda de poder e de vantagem em relação ao outro. É como se sentíssemos que perdemos a partida numa competição silenciosa, camuflada, mas que na verdade existe no nosso emocional. Penso que isso é uma expressão sutil da nossa insaciável sede de poder e domínio sobre as outras pessoas. Queremos estar sempre no topo, olhar de cima e ver os outros em posição inferior à nossa.

Também, resistimos à liberdade das pessoas, e de alguma forma queremos controlá-las. É como se nos sentíssemos fragilizados e ameaçados diante da liberdade e do sucesso alheios. Isso pode parecer estranho e curioso, mas é uma das muitas facetas da natureza humana.

Quando nos dedicamos à missão de realizar uma visão, geralmente se levantam pessoas com o propósito de nos impedir, por motivos diversos. Quando isso acontece, elas se levantam como nossas inimigas e se empenham na luta para nos fazerem fracassar. Neemias experimentou isso na pele.

A missão de Neemias era grandiosa, o seu propósito nobre, a sua motivação pura, o seu coração íntegro diante de Deus e das outras pessoas, mas reconstruir os muros e as portas e restaurar a dignidade individual e coletiva dos judeus pareceu claramente agressiva aos líderes Sambalate, Tobias e Gésem, inimigos vizinhos.

Assim, esses líderes opositores entraram em aliança contra Neemias e seu projeto. Porém, á frente do povo, Deus havia colocado um líder forte e determinado, íntegro, temente a Ele e valoroso.

Às ameaças dos inimigos, Neemias respondia primeiramente com oração a Deus. Em segundo lugar, ele reagia com a ação adequada exigida pela circunstância: respostas verbais, organizando e armando o povo para a defesa de um possível ataque, mas continuava firme, sem trégua, na concretização do seu projeto.

Os grandes líderes prosseguem resolutos rumo aos seus objetivos, a despeito da oposição dos seus inimigos. Eles os enfrentam de joelhos perante Deus e os confrontam conforme as circunstâncias o exijam: *...porém nós oramos ao nosso Deus e, como proteção, pusemos guarda contra eles, de dia e de noite (Neemias 4.9).*

Os verdadeiros líderes têm, no seu espírito, a índole dos vencedores. Eles não se curvam aos obstáculos, mas os enfrentam de frente. Neemias era esse tipo de líder.

## CAPÍTULO 58 - VAI PRA LÁ, DESÂNIMO!

*Então, disse o povo: Já desfaleceram as forças dos carregadores, e os escombros são muitos; de maneira que não podemos edificar o muro (Neemias 4.10).*

A resposta de Neemias a essa declaração de desânimo do povo parece ter sido o silêncio seguido de uma ação rápida e vigorosa para conter os inimigos da obra, que tinham a intenção de tirar proveito decisivo desse momento de fragilidade.

O inimigo se mantinha muito bem informado pelo pequeno grupo de opositores em Jerusalém, e estava de olho na primeira oportunidade de um ataque inesperado e fulminante. *Disseram, porém, os nossos inimigos: Nada saberão disto, nem verão, até que entremos no meio deles e os matemos; assim, faremos cessar a obra (Neemias 4.11).*

Neemias também tinha aliados fora das ruínas dos muros. E esses lhe fizeram saber com antecedência os planos do adversário. O desânimo momentâneo oportunizou a possibilidade concreta de uma investida esmagadora dos inimigos da obra. Porém, o líder Neemias estava muito atento à possível ação deles.

Parece que o desânimo do povo não contagiou nem um pouco o líder Neemias. Também, ao invés de pregar um sermão repreensivo, o mobilizou imediatamente para o enfrentamento, numa ação rápida, determinada, organizada, estratégica e objetiva. Líderes podem surpreender sempre!

Os nossos liderados podem desanimar facilmente quando se sentem desgastados pelo cansaço ou quando não veem logo o resultado desejado dos seus esforços. E é por isso que os líderes vigorosos são necessários, porque eles se mantêm firmes na visão que Deus lhes deu e não abrem mão do objetivo claramente definido.

Os verdadeiros líderes enfrentam os desafios, podem fazer recuos estratégicos, reveem o planejamento, quando necessário, mas apenas para imprimir maior objetividade e vigor, mais recursos e aumentar as possibilidades de êxito. Líderes íntegros, vigorosos e determinados são uma dádiva de Deus. Neemias era esse tipo de dádiva para os judeus.

### **Superando o desânimo pessoal**

O homem ou a mulher que exerce liderança é um ser humano que desenvolveu qualidades especiais, mas, também possui fragilidades. Todo líder pode experimentar momentos de grande entusiasmo ou de grande desânimo. Porém, mesmo quando bate o desânimo, o líder prossegue, porque ele tem uma visão e um objetivo claro e definido a realizar.

Líderes experimentados não são movidos apenas por suas emoções. Eles são movidos por uma visão e pela determinação de atingir o seu objetivo. E quando temos objetivos claros e definidos, encontraremos forças para continuar pela graça que Deus nos supre e superar as adversidades.

Quando a motivação começa a minguar, o líder se reabastece em Deus pela oração e adoração. Deus é a fonte inesgotável da motivação do líder que o serve. Por isso, ele não é refém das suas próprias emoções.

A visão do verdadeiro líder e os seus objetivos estão além das suas oscilações emocionais. Isso, vemos em Neemias. Diante do soberano persa, ele teve medo. É provável que em algum outro momento tenha também tido medo, mas jamais se deixou paralisar por esse sentimento; ao contrário, ele recorreu a Deus com orações e jejuns para receber força interior para prosseguir com determinação vigorosa.

Não há, no livro de Neemias, registro de que ele tenha experimentado desânimo diante das adversidades; se o teve, orou a Deus sobre isso e seguiu em frente de cabeça erguida.



## CAPÍTULO 59 - SUPERANDO OS PRÓPRIOS LIMITES

A autossuperação é a marca dos grandes campeões nos esportes, e também dos grandes líderes em outras áreas da atividade humana.

Líderes superam a si próprios diante dos desafios e inspiram e encorajam seus liderados a fazerem o mesmo. E é isso que os coloca muito acima da multidão. Líderes são pessoas capazes de chorar a noite inteira as suas fragilidades diante de Deus e, no dia seguinte, realizar feitos próprios de gigantes.

Líderes sabem trilhar os caminhos do vale do desânimo e da frustração, sofrer a dor de uma derrota e, no dia seguinte, subir pelas encostas da montanha e se colocar no pico. Líderes experimentam o medo e o desânimo, como qualquer outra pessoa, mas não se entregam a eles. Líderes triunfam sobre si mesmos e sobre as adversidades e inimigos.

Líderes lideram a si mesmos, e, por isso, são capazes de liderar outras pessoas. Líderes podem ser derrotados e subjugados no físico, mas nenhum humano é capaz de derrotar ou subjugar o seu espírito. Líderes podem ser encarcerados, mas seu espírito e a sua mente continuam respirando livremente a sua visão e de olhos fixos no seu objetivo.

Pode-se destruir o físico dos líderes, mas nunca os seus sonhos e ideais. Líderes, quando presos por causa do seu ideal, podem libertar mais pessoas do que se estivessem em liberdade. Líderes, quando morrem, podem continuar a influenciar mais pessoas do que quando em vida. Líderes assim fazem toda a diferença!

Matar os grandes líderes com o intento de sepultar com eles o seu ideal é apenas perpetuar esse ideal, fortalecê-lo e torná-lo indestrutível no coração dos que o seguem e das futuras gerações.

Líderes se tornam um tipo singular de pessoa, e sua influência sobre outras pode perdurar por séculos e milênios. Líderes morrem, mas continuam sempre vivos e influenciando gerações. E quando essa influência é positiva, eles são uma grande bênção de Deus para o seu grupo, a sua comunidade, a sua nação e para a humanidade.

## CAPÍTULO 60 - LÍDERES ENTRAM EM CONTATO COM AS SUAS EMOÇÕES E AS COMPARTILHAM

O evangelista Marcos registra que Jesus Cristo, no jardim do Getsêmani, na noite em que receberia o beijo traidor de Judas e seria preso pelos soldados romanos, começou a sentir-se tomado de pavor e *de angústia* (Marcos 14.33).

Nessa situação emocional, a declaração de Jesus para os discípulos sonolentos foi: *A minha alma está profundamente triste até à morte* (Marcos 14.34). Neste cenário, vemos o líder por excelência fragilizado e num momento de intensa angústia. Nessa agitação de alma e agonia de espírito, ele ora: *Pai, tudo te é possível; passa de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres* (Marcos 14.36).

A despeito da indizível tristeza e angústia de alma que Jesus estava sentindo no seu espírito e mente, o seu ideal supremo de fazer a vontade do seu Pai celestial permanecia inabalável. Estava acima da sua própria vontade. E a vontade do Pai era que ele morresse na cruz, e, assim, consumasse o projeto divino de salvação em favor dos pecadores.

Se o cálice da profunda dor, humilhação e indescritível sofrimento e morte eram o preço do seu ideal, os seus sentimentos de medo e angústia jamais poderiam fazê-lo retroceder no momento decisivo.

O líder Jesus Cristo seguiria em frente resolutamente, a despeito do turbilhão que se agitava e se abatia com extrema violência sobre as suas emoções. Ele seria preso, humilhado, julgado, açoitado e morto por crucificação - a pena mais cruel que um condenado não romano poderia receber -, mas isso seria apenas o cenário sombrio que antecedia o glorioso espetáculo da sua ressurreição gloriosa.

Ao invés da morte ser um ponto final para Jesus, ela apenas oportunizou a continuidade do plano de Deus. Sem ela, não teria havido a ressurreição. E após a ressurreição, o nome de Cristo e os seus ensinamentos ganharam força incontrolável e se espalharam como o vento por todos os cantos da Terra.

Ao longo desses dois mil anos que se seguiram, bilhões de pessoas em todo o mundo o têm amado, vivido e propagado por todos os meios os seus ensinamentos. Assim, os seus inimigos só colaboraram para a realização da sua visão, mesmo quando achavam que o tinham destruído e também o seu ideal.

## CAPÍTULO 61 – OS LIDERADOS SABEM O QUE O LÍDER ESPERA DELES?

É fundamental para os liderados saberem claramente o que o líder espera deles: o que devem fazer e por que fazer.

Os liderados só saberão claramente o que o líder espera deles se ele claramente lhes disser. Se acontecesse o ataque planejado por Sambalate, cada liderado sabia exatamente o que fazer e porquê. Isso é elementar na comunicação eficaz do líder com os seus liderados, e Neemias fez isso muito bem. Um outro ponto relevante é que o povo foi devidamente equipado e posicionado estrategicamente. Equipar para realizar é parte fundamental da liderança:

*Então, pus o povo, por famílias, nos lugares baixos e abertos, por detrás do muro, com as suas espadas, e as suas lanças, e os seus arcos; inspecionei, dispus-me e disse aos nobres, aos magistrados e ao resto do povo: não os temam; lembrem-se do Senhor, grande e temível, e pelejem pelos irmãos de vocês, seus filhos, suas filhas, sua mulher e sua casa (Neemias 4.13-14).*

É importante observar que Neemias equipou todas as pessoas envolvidas no projeto. Ele entendia que não bastava aos seus liderados ter boa vontade e grande disposição para lutar. Eles precisavam ter armas adequadas e saberem usá-las com eficácia. Além disso, ele colocou os grupos nos lugares estratégicos.]

Um outro detalhe interessante é que os grupos foram organizados por famílias sob a liderança de quem essas famílias já reconheciam como seu líder. Isso nos parece sugerir que o líder precisa ter, por parte dos liderados, o reconhecimento de que ele é o líder deles. Nas organizações, esse reconhecimento é, às vezes, imposto. Porém será muito mais eficaz se vier naturalmente do próprio grupo.

Neemias não tentou motivar os seus liderados a arriscarem as suas vidas para defenderem Jerusalém. Ele apelou para o que cada um tinha de mais precioso, ou seja, as pessoas a quem amavam e o espaço mais sagrado: as suas casas. Portanto, no momento de grande perigo e tensão, cada pessoa lutaria por uma causa própria, importante o bastante para morrer por ela, se preciso fosse. Aqui, o princípio subjacente utilizado foi o da visualização dos benefícios para os liderados.

Também, Neemias encorajou o povo a colocar a sua confiança em Deus, e não em si próprio. E era nesse entendimento de que o Senhor é grande e temível que deveriam enfrentar os seus inimigos. Este é um dos pontos cruciais da liderança cristã. Precisamos nos colocar na total dependência de Deus na realização dos nossos projetos

ao mesmo tempo em que estamos dispostos a investir neles todos os recursos de que dispomos: tempo, capacidades, energia, dinheiro, pessoas e tudo o mais.

Precisamos estar atentos à armadilha de confiar apenas nos nossos próprios esforços e recursos. E os nossos liderados precisam ver isso em nós.

## CAPÍTULO 62 – A CRISE INTERNA AMEAÇA A UNIDADE

*E foi grande, porém, o clamor do povo e de suas mulheres contra os judeus, seus irmãos. Porque havia os que diziam: Somos muitos, nós, nossos filhos e nossas filhas; que se nos dê trigo, para que comamos e vivamos. Também houve os que diziam: As nossas terras, as nossas vinhas e as nossas casas hipotecamos para tomarmos trigo nesta fome. Houve ainda os que diziam: Tomamos dinheiro emprestado até para o tributo do rei, sobre as nossas terras e as nossas vinhas. No entanto, nós somos da mesma carne como eles, e nossos filhos são tão bons como os deles; e eis que sujeitamos nossos filhos e nossas filhas para serem escravos, algumas de nossas filhas já estão reduzidas à escravidão. Não está em nosso poder evitá-lo; pois os nossos campos e as nossas vinhas já são de outro (Neemias 5.1-5).*

A crise econômica, financeira, política e social do reino de Judá havia fomentado o surgimento de um sistema de domínio dos mais ricos e escravidão dos mais pobres

Havia uma classe opressora, que se fortalecia e se enriquecia cada vez mais, e outra oprimida, que se enfraquecia e empobrecia nessa mesma proporção. Ao que parece, Neemias só tomou conhecimento pleno dessa situação quando ela eclodiu em forma de conflito. Uma vez manifesto o conflito, necessitaria ser resolvido para que o projeto de reconstrução dos muros e portas prosseguisse e fosse concluído com sucesso.

A classe oprimida se subdividia em três grupos: aquelas pessoas que não tinham nem mesmo o que comer; as que haviam hipotecado as suas terras, vinhas e casas para comprar o suprimento básico, e as pessoas que continuavam de posse das suas propriedades, porém tomavam dinheiro emprestado aos agiotas para pagar o tributo ao rei persa Artaxerxes.

Nesse contexto, havia famílias que precisavam vender seus filhos e filhas como escravos para pagarem as suas dívidas. E isso tudo dentro dos muros em reconstrução.

O grupo dominante era constituído por aqueles judeus de mais posses. Esse grupo comprava as propriedades dos mais pobres por um preço muito abaixo do valor real e lhes emprestava dinheiro a juros altos. Portanto, a sua riqueza estava sendo construída rapidamente em troca da pobreza crescente dos seus irmãos. É o homem explorando seus irmãos motivados pela ambição de riqueza e poder.

## **Lidando com o conflito**

A situação social se tornou insuportável, e o conflito eclodiu, ameaçando a unidade do povo e o projeto liderado por Neemias. Então, o líder agiu rapidamente, embora aborrecido com a situação perversa que havia se estabelecido no meio do seu povo já fragilizado.

Ele avaliou a realidade e a dimensão do problema e os enfrentou de frente. Inicialmente, ele confrontou a classe opressora, constituída pelos nobres e pelos magistrados - os líderes do povo! Esses líderes oprimiam o povo sem piedade - uma classe que vivia luxuosamente à custa da miséria dos seus patrícios. E, por certo, essa classe não tinha nenhum interesse em mudar a situação, pois esta lhe era muito conveniente.

Uma vez que o conflito envolvia toda a comunidade, o próximo passo de Neemias foi convocar uma assembleia para apresentar e discutir o problema e resolvê-lo abertamente. E, reunida a assembleia, ele confrontou esses líderes corruptos, com destemor: *Vocês são agiotas, cada um com seu irmão. Nós resgatamos os judeus, nossos irmãos, que foram vendidos às nações, segundo nossas posses; e vocês outra vez negociariam os irmãos de vocês para que sejam vendidos a nós?* (Neemias 5.8).

E disse mais: *Não é bom o que vocês estão fazendo; porventura vocês não deviam andar no temor do nosso Deus?* (Neemias 5.9).

A argumentação foi tão contundente que os nobres e magistrados nada disseram em contrário.

## **Confrontando com coragem os exploradores do povo**

Neemias convocou uma assembleia geral de todo o povo e classes sociais para confrontar os exploradores dos pobres. O discurso de Neemias foi direto, conciso, completo, claro, objetivo e vigoroso. Nada de blá-blá-blá. E mais: poderosamente convincente, de tal forma que não houve contestação nem respostas dos abastados exploradores do povo. Falou a verdade com respeito aos ouvintes e coragem profética, sem preocupação política de agradá-los. É assim que procede o líder excepcional.

## CAPÍTULO 63 – ERRAMOS QUANDO NÃO ANDAMOS NO TEMOR DO SENHOR

Neemias enfatizou que os líderes estavam explorando o povo porque não estavam andando no temor de Deus, pois andar no temor de Deus implica abrir mão da oportunidade de explorar os mais fracos quando estamos na posição e na condição da fazê-lo.

Nem sempre temos a ideia clara do que é o temor de Deus. Muitos o confundem com o medo do castigo divino; outros, com uma espécie de superstição de que, se falharem, Deus vai estar lá para pegá-los na primeira esquina. Gostaria de sugerir o seguinte conceito para o temor de Deus: respeito e amor profundos e submissão amorosa a ele. Portanto, respeito e submissão que não se fundamentam no medo e, sim, no amor.

Temer a Deus é, também, imitá-lo no seu caráter, é empenhar-se sempre por refletir a sua imagem e semelhança. É respeitá-lo e levá-lo a sério. É se empenhar por ser e agir sempre na luz da sua presença e da sua verdade revelada, a Bíblia.

A falta do temor a Deus é a causa dos nossos desmandos e de buscarmos a satisfação egoísta das nossas ambições em detrimento do bem-estar alheio. Quando nos falta o temor a Deus, abrimos mão da ética cristã e optamos pela ética da vantagem pessoal.

Quando não temos o temor a Deus, trocamos a possibilidade de servir e abençoar pela de explorar, sermos servidos e beneficiados.

Neemias estava lidando com um tipo de gente que dizia servir a Deus e ocupava as posições mais relevantes de liderança entre o povo. Mas gente oportunista, que via na sua posição de liderança e na miséria do povo a sua grande chance de enriquecimento pessoal. Gente ambiciosa e de caráter reprovável para a liderança, mas estava lá nos altos postos da nação.

Nesse episódio, Neemias revela não apenas uma grande coragem, mas também um grande caráter. Ele não procurou contemporizar politicamente o problema. Ele queria resolvê-lo de maneira definitiva e mais justa possível. Ele queria promover a mudança necessária, e fazê-lo de maneira consistente. E por causa do seu temor a Deus, optou por agir com sabedoria, e não politicamente no sentido que entendemos o termo hoje.

## CAPÍTULO 64– LÍDERES SÃO AGENTES DE MUDANÇA

Líderes são agentes de mudança. Os verdadeiros líderes encaram as situações de frente, são movidos por ideais mais elevados do que os seus interesses pessoais e se doam pelos seus liderados. E isso, Neemias estava fazendo.

Vemos também, nesse episódio, o estilo vigoroso e destemido da liderança de Neemias e sua grande habilidade para resolver conflitos entre grupos.

Quando Neemias tomou conhecimento do problema, certificou-se da sua veracidade, analisou a sua extensão e usou de criatividade e coragem para uma solução possível e de curto prazo.

Havendo aprofundado o seu conhecimento das circunstâncias que envolviam o conflito, Neemias usou a sua liderança e influência para encaminhar a resolução do impasse. E estava livre para proceder dessa maneira porque não estava comprometido com a corrupção do sistema. E líderes assim fazem toda a diferença!

A corrupção, a cobiça de usufruir vantagens pessoais advindas da posição de liderança cega os líderes em relação à justiça e os torna surdos aos clamores dos liderados.

Neemias era um líder de caráter íntegro e vigoroso. E esse é o tipo de líder que produz mudanças significativas de resultados benéficos para os seus liderados. Desses, a igreja de Jesus Cristo, o Brasil e o mundo precisam - e muito! A grande pergunta, porém, é: onde estão eles? Deus sabe onde eles estão. Geralmente são a minoria, mas, também, quem sabe, seja um grande exército! Deus sempre tem os seus, mesmo em tempos de crise. E você pode ser um deles.

De fato, líderes são agentes de mudança, mas a natureza dessa mudança tem tudo a ver com a qualidade do caráter do líder e o seu temor autêntico ao Senhor.



## CAPÍTULO 65 – O PADRÃO DE VIDA DO LÍDER NA COMUNIDADE

*A vida do líder é o sermão mais convincente ou o mais decepcionante que ele pode pregar aos seus liderados.*

O que os líderes de Judá estavam fazendo com os pobres ensina uma lição preciosa para nós líderes de hoje: quando estamos em posição de liderança, podemos facilmente nos tornar exploradores, espoliadores e manipuladores dos nossos liderados.

Quando somos líderes de igreja grande e o nosso coração está afastado de Deus e não temos compromisso com a integridade, podemos facilmente nos permitir morar em imóveis luxuosos, dirigir carros importados de alto padrão, nossos filhos estudarem nas melhores escolas e faculdades particulares, e até mesmo no exterior enquanto a maioria dos membros da igreja mora em imóveis simples, dirige carros populares ou vem para os cultos de transporte coletivo e seus filhos frequentam a escola pública.

Se o líder possui recursos financeiros próprios legítimos para bancar esse padrão de vida, tudo bem. Mas, e se esse alto padrão de vida é bancado com o dinheiro da igreja? Pior ainda, e quando a origem do dinheiro que banca tudo isso não é dos cofres da igreja, mas, sim, de origem obscura para a comunidade que lideramos, ou de origem inconfessável?

Claro que para um líder que abandonou o temor do Senhor, isso é absolutamente normal, sem problema. Mas não para aquele que anda no amor e no temor do Senhor. A primeira pergunta que nos desafia é, de qual lado você e eu estamos? A segunda é, que tipo de novos líderes estamos formando para liderar a igreja do Senhor?

O maior patrimônio moral e ético do líder excepcional é o seu caráter íntegro diante de Deus e das outras pessoas.

Também, se não amamos a Deus e damos as costas para a justiça, podemos nos permitir receber salário astronômico se comparado com o salário da maioria dos membros da congregação, frequentar os melhores restaurantes e churrascarias da cidade e sempre viajar de primeira classe e nos hospedarmos nos hotéis mais luxuosos, tudo com o dinheiro da igreja. E ainda seremos capazes de nos vangloriar e dizer cinicamente que são “bênçãos do Senhor”. É a corrupção na casa de Deus e em nome de Deus! É a imoralidade e o cinismo sacralizados.

E, por incrível que pareça no domingo à noite, lá estão esses líderes no púlpito, desafiando os irmãos, durante quase uma hora, a darem a sua oferta de sacrifício para a obra de Deus e lhes enchendo de “promessas proféticas” de bênçãos materiais: o emprego, a casa própria, o carro novo, a aprovação no concurso público, a cura de

enfermidade e muito mais. Quando fazemos assim, já nos tornamos como os líderes de Judá: servos da cobiça, desviados de Deus e espoliadores do rebanho do Senhor.

A prática desse tipo de iniquidade também pode ocorrer, na devida proporção, em igrejas pequenas.

Entretanto, se o nosso padrão de vida como líderes mantidos totalmente pela igreja é coerente com o padrão de vida médio daqueles que lideramos, tudo bem, é justo, na minha opinião.

Quando abrimos mão da integridade e do temor a Deus, poderemos usar o nosso título de ministros e profetas de Deus para acobertar a fragilidade do nosso caráter. E envoltos na capa da autoridade pastoral, abafamos os gemidos silenciosos dos liderados e calamos as suas vozes. Para essas coisas, Deus nunca fez vista grossa, e o seu juízo é certo, embora possa tardar.

É perfeitamente bíblico que a comunidade cristã cuide muito bem do seu líder e de sua família, porém, observados os limites da ética cristã, da coerência, da integridade e da justiça social divina.

## CAPITULO 66 – ESTABELECENDO O MODELO

O outro passo que Neemias deu para aliviar o problema financeiro do povo foi estabelecer o modelo de contraste com o que faziam os agiotas exploradores do povo:

*O que vocês estão fazendo não está certo. Vocês devem andar no temor do nosso Deus para evitar a zombaria dos outros povos, os nossos inimigos. Eu e meus irmãos e os meus homens de confiança também estamos emprestando dinheiro e trigo ao povo. Mas vamos acabar com a cobrança de juros! (Neemias 5.9-10).*

Neemias e aqueles que lhe eram leais emprestaram dinheiro e trigo para o povo, mas sem juros e sem a pressão do pagamento. Na verdade abriram mão desse empréstimo, caso não o pudessem pagar. Emprestaram sem esperar receber de volta, pois a situação das famílias era crítica. Estava estabelecido um modelo a ser seguido por aqueles líderes corruptos que sugavam todas as posses do povo.

Não se consegue estabelecer o modelo só com palavras e discursos eloquentes: é necessário ser o exemplo. É isso o que dá credibilidade ao ensino e à pregação do líder.

O discurso do líder pode influenciar os liderados por algum tempo, mas o seu exemplo de vida lhes será profundamente convincente e os influenciará até mesmo depois da morte do líder. O exemplo de vida justa é o sermão mais poderoso e mais duradouro que o líder pode pregar aos seus liderados. Esse os convence e os influencia para a eternidade.

As pregações de Jesus Cristo só são absolutamente convincentes porque a sua vida foi os as suas pregações vividas. Ele estabeleceu o modelo. E qual o modelo que os nossos liderados veem em nós?

Portanto, não basta o discurso eloquente, nem as promessas de vitórias, conquistas, sucesso. É preciso o exemplo eloquente de vida justa diante de Deus e das pessoas.

Toda a nossa pregação e o nosso ensino precisam ter o carimbo do nosso exemplo de vida se de fato queremos nos credenciar à credibilidade dos nossos ouvintes e liderados.

Líderes íntegros, de grande caráter, se tornam modelos e inspiração para seus liderados. Disso decorre grande responsabilidade moral e espiritual para o líder. Mas, infelizmente, os líderes de caráter fraco e corruptos também influenciam seus liderados a copiarem o seu exemplo negativo.

## CAPITULO 67 - INTEGRIDADE É MESMO TOLICE?

*Para muitos líderes da atualidade, sim. Para o líder Neemias, não.*

No entendimento de Neemias, integridade não era apenas um conceito, mas um princípio e um estilo de vida. Era uma expressão do seu respeito amoroso a Deus. Neemias levava Deus a sério. Por isso, desenvolvia em si mesmo o caráter divino.

Quando falamos de integridade, nos referimos ao caráter justo da pessoa. Integridade é aquela inteireza moral e espiritual que impele o líder a refletir o caráter de Deus naquilo que ele é e em tudo o que faz. Quando a cultivamos, ela reflete, embora de maneira imperfeita, o caráter perfeito do próprio Deus. Portanto, uma pessoa íntegra é aquela cujo caráter é sem rachaduras, incorrupto, inteiro.

Como cristãos e filhos e filhas de Deus, quando somos testados na nossa integridade? Em situações diversas do dia-a-dia, desde o troco a maior que a moça do caixa nos deu na padaria, o crédito generoso em nossa conta bancária de um valor que sabemos não nos pertencer a muitas outras situações. Porém, uma delas especialmente tentadora quando ocupamos posição de liderança é usar o poder do nosso cargo para abrir mão da nossa integridade em benefício próprio ou de pessoas do nosso círculo de interesse ou de proteção.

Para Neemias, naquele momento crítico de pobreza de grande parte do povo, usar o seu cargo para gozar dos privilégios que ele lhe oferecia era violar a sua consciência íntegra e negar o próprio Deus. Então, ele optou livremente por abrir mão desses privilégios. E foi além: deu, emprestou; enfim, repartiu dos seus bens com as pessoas mais necessitadas da sua comunidade. Isso é fantástico do ponto de vista do ensino de Jesus, apesar de soar completamente idiota para a nossa mentalidade capitalista egocêntrica.

Para muitos de nós, líderes ou não, a lei da vantagem em tudo é a regra áurea nas situações em que temos que decidir entre a integridade e a oportunidade de nos beneficiarmos. No nosso mundo em que o sucesso é aferido pelo que conseguimos conquistar ou acumular, a “esperteza” é enaltecida e considerada por muitos a chave-mestra das pessoas de sucesso.

A ideia de integridade já foi apagada do dicionário de muitos líderes cristãos da atualidade. Parece haver um complô silencioso classificando a integridade como uma fraqueza, coisa de líderes desalinhados com a atualidade, ultrapassados. Líderes que não seriam bem-vindos numa reunião política, de negócios ou mesmo da igreja com líderes de “mentalidade moderna”.

Na cultura em que vivemos, aprendemos não só a transgredir naturalmente no que diz respeito à integridade, mas também a considerá-la uma fragilidade para o perfil do líder cristão de sucesso. É como se sucesso e integridade fossem coisas incompatíveis por suas naturezas, como a água e o óleo: não se harmonizam, se repelem mutuamente. Devido a essa crença, a falta de integridade cada vez mais dita o tom nos bastidores das organizações e de muitas igrejas.

## CAPITULO 68 – PARADIGMAS E INTEGRIDADE

A maneira como muitos de nós líderes cristãos abrem mão da integridade sugere, entre outras coisas, que o nosso conceito de sucesso pessoal ou ministerial está perfeitamente sintonizado com a mentalidade secularizada e totalmente distorcido do ponto de vista de Deus.

E se esse conceito distorcido já se consolidou em nossas mentes e orienta o nosso ser e fazer, possivelmente já se tornou um paradigma, portanto, numa referência interior de pensamento e de conduta.

Stephen Covey, no seu livro *Os 7 Hábitos das Pessoas Muito Eficazes*, nos diz o que significa um paradigma:

*A palavra paradigma vem do grego. Na origem, era um termo científico, mas hoje é usada comumente para definir um modelo, teoria, percepção, pressuposto ou modelo de referência. Em um sentido mais geral, é a maneira como “vemos” o mundo - não no sentido visual, mas sim em termos de percepção, compreensão e interpretação.*

Cada pessoa “vê” o mundo, a realidade em sua volta, de uma maneira muito particular. Isso também se aplica à maneira como “vemos” nós próprios, as outras pessoas, e até mesmo Deus. E a partir dessa nossa “visão” ou percepção interior de tudo, formulamos conceitos que se consolidam no nosso mundo mental e emocional como verdades absolutas.

Também, é a partir dessas nossas “verdades” que “enxergamos”, percebemos, avaliamos e julgamos todas as coisas. Portanto, paradigmas são forças inconscientes poderosas.

O grande problema é que muitas dessas nossas “verdades” (paradigmas) consideradas inquestionáveis e intocáveis podem ser falsas do ponto de vista de Deus. Portanto, para que haja mudança significativa em nossas vidas é necessário que ocorra mudança de paradigmas. Isso é mudança real, de dentro para fora, e não se confunde com simples mudança comportamental, que é superficial.

Mudar de verdade é mudar no âmago, na essência do nosso ser. É mudar no profundo, no íntimo. E esse tipo de mudança afeta positivamente todas as áreas da nossa vida. É uma experiência gloriosa!

Porém, para mudarmos de verdade, precisamos ver de frente e honestamente nossos paradigmas e questioná-los pelo ponto de vista de Deus. E não venha me dizer

que isso é fácil, pois conheço poucas pessoas que aceitaram esse desafio. Não é fácil, mas é perfeitamente possível quando pedimos com sinceridade que o Senhor, na pessoa do Espírito Santo, esteja trabalhando conosco nesse projeto de mudança pessoal verdadeira no porão do nosso ser. Isso desencadeia uma revolução para Deus no nosso interior, a qual se projeta de maneira libertadora para o nosso exterior. Novamente, é a mudança de dentro para fora. É extraordinário!

Se os nossos paradigmas nos dão uma percepção falsa da realidade, - embora nos pareça absolutamente verdadeira -, edificamos a nossa vida sobre a areia. Acho fantástica a maneira como Jesus encerra o Sermão do Monte. Após haver ensinado os princípios fundamentais do reino de Deus, ele confronta os seus ouvintes de maneira muito forte, dizendo:

*Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha. E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína (Mateus 7. 24-27).*

Os dois homens com os quais Jesus comparou os seus ouvintes dos seus ensinamentos, no final do famoso Sermão do Monte, no capítulo 7 de Mateus, versículos 24 a 27, tinham o mesmo projeto, aliás muito nobre: construir a sua casa. Quem não quer ter a sua casa própria? Mas, de maneira concreta, essa casa é a nossa vida, aquilo que somos no íntimo, no profundo, no escondido. É também a nossa vida como um todo, inclusive nos nossos relacionamentos dentro da nossa família, do nosso casamento, na igreja, no trabalho, nos negócios. Enfim, tem a ver com tudo o que somos e fazemos.

Mas havia uma coisa no íntimo de cada um desses homens que os tornava muito diferentes: do primeiro, a prudência, que ilumina a mente, visualiza possíveis adversidades e orienta para as melhores escolhas; do segundo, a insensatez, que escurece, cega o entendimento e causa prejuízos lastimáveis. Obviamente, nenhum desses homens nasceu assim; cada um deles fez a sua opção pela prudência ou pela insensatez ao longo da vida. É assim também com cada um de nós.

Certamente você já percebeu a intenção do Mestre ao dar ao Sermão do Monte esse fechamento espetacular. Estava ensinando que podemos construir a nossa vida sobre um dos dois fundamentos: o seu ensino - a rocha firme -, ou sobre as nossas “verdades” subjetivas, os nossos paradigmas, ou seja, a areia.

No ensino de Jesus, essa simples escolha é a diferença entre o triunfo pessoal e o fracasso quando as adversidades da vida vêm sobre nós como a tempestade. O importante aqui não é o que fazemos, mas, sim, sobre qual fundamento fazemos o que fazemos.

Sobre qual fundamento estamos construindo nossas vidas e da nossa família, e da nossa igreja, e da nossa empresa, e da nossa nação?



## CAPITULO 69 – DO PONTO DE VISTA DE DEUS, INTEGRIDADE É ESSENCIAL

Ao longo desses mais de cinquenta anos de caminhada com o Senhor, tenho constatado que a falta de integridade é uma espécie de doença espiritual e moral de muita gente que serve a Deus, desde membros não graduados na hierarquia eclesiástica a ministros ocupantes do púlpito.

Entendo ser isso uma herança da nossa cultura social a resistir o poder transformador do evangelho de Cristo e santificador do Espírito Santo. Geralmente, as pessoas se convertem a Cristo, mas não conseguem abrir mão de certos valores negativos da cultura na qual estão inseridas e que fazem parte da sua velha identidade antes da conversão. E isso também é verdade para muitos ministros do evangelho de Cristo.

A cultura de um povo é o conjunto de crenças, valores, costumes e práticas que caracterizam esse povo e lhe dão identidade. A cultura é uma das forças poderosas a moldar o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade.

É a cultura que imprime em nós, de maneira inconsciente e profunda, esse conjunto de crenças, valores, nossa visão interior da vida e do mundo. Nesse sentido, podemos dizer que o homem é produto do meio. Então, quando nos convertemos a Cristo, trazemos toda a nossa bagagem cultural, a qual em muitos aspectos se choca com os valores do evangelho. Então, o evangelho de Cristo chega na nossa vida como uma contracultura. E isso gera conflito no indivíduo.

Porém, mudar a vida pelo poder da graça de Deus inclui a mudança dos nossos valores culturais e paradigmas conflitantes com o ensino de Cristo. É por isso que a Bíblia diz que se alguém está em Cristo é nova criatura, as coisas velhas se passaram e tudo se fez novo (2 Coríntios 5.17).

A falta de integridade está profundamente impressa na cultura de todos os povos, pois ela é a expressão da natureza pecadora do homem. É por isso que as pessoas inseridas em determinados contextos culturais geralmente praticam uma ética dualista, ou seja, a ética do discurso e a ética da prática.

Na ética do discurso, exaltamos a integridade e a exigimos das outras pessoas, do governo, dos políticos, dos líderes, das instituições, das empresas e também das outras pessoas. Porém, na nossa prática, ignoramos a ética do discurso e optamos pela falta de integridade em muitas coisas que fazemos. Por exemplo, ensinamos nossas crianças a falar sempre a verdade, no entanto, nós pais mentimos com naturalidade, inclusive para elas.

De maneira semelhante, no púlpito cristão podemos pregar um belo discurso sobre integridade, mas, na prática, isso pode nada significar para nós. No fundo, acreditamos que, se pregamos e ensinamos aos outros, já cumprimos o nosso papel como mensageiros de Deus. Por certo, Jesus não hesitaria em nos classificar de hipócritas. E com toda razão!

A incoerência continuada entre discurso e prática termina por nos tornar cínicos em relação às verdades bíblicas que pregamos. Embora esse cinismo possa não ser intencional, e, sim, cultural, nossos ouvintes estarão sempre procurando coerência entre o que pregamos e o que vivemos.

Essa postura cultural como líderes cristãos nos leva a viver num processo de metamorfose contínua entre o que de fato somos na vida privada e aquilo que aparentamos ser em público. E de alguma maneira inconsciente passaremos, tanto na pregação como no testemunho pessoal, a nossa incoerência para os nossos ouvintes, e eles a captarão.

O que nossos ouvintes entendem da nossa mensagem? Entendem que ela é bela e tocante para ser apenas pregada e bela e tocante para ser apenas ouvida. Ou seja, teremos, de um lado, pregadores descomprometidos com o que pregam e, do outro, ouvintes descomprometidos com o que ouvem. A consequência disso é uma igreja espiritualmente morna e secularizada, sem compromisso com seu Senhor e Mestre.

É esse conflito entre discurso e prática, entre incoerência e coerência, que precisamos trabalhar em nossa vida, sob a graça de Deus, à luz da revelação divina na Bíblia Sagrada, como filhos e filhas do Pai. Pregam o que não nos empenhamos por viver é falta de integridade como crentes em Cristo e como ministros de Deus.

Do ponto de vista de Deus, a integridade é essencial para o líder e para o cristão em geral. Até mesmo porque o nosso conceito de vida bem-sucedida nada tem a ver com o conceito divino sobre esse mesmo assunto. Enquanto, para nós, sucesso se traduz por posses de bens, realizações pessoais, muito dinheiro e popularidade, para Deus significa viver em harmonia com a sua vontade e propósito.

Se pudéssemos voltar fisicamente no tempo e aterrissar no deserto da Judéia nos dias de João Batista, iríamos vê-lo vestido de pelos de camelo e alimentando-se de gafanhotos e mel silvestre e, talvez, morando em uma caverna ou numa simples tenda. Se fôssemos solicitados a avaliá-lo quanto a ser ou não um homem bem-sucedido, possivelmente nossas mentes secularizadas nos convenceriam de que, lamentavelmente, ele era um pobre coitado, um fracassado na vida.

Nossa avaliação do Batista se confirmaria quando ouvíssemos a notícia de que fora preso e tivera sua cabeça cortada. Contudo, no conceito de Jesus, ali estava um homem esplendidamente bem-sucedido. A avaliação que o divino Mestre fez dele é impressionante: *Entre os nascidos de mulher, não surgiu ninguém maior do que João*

*Batista* (Mateus 11.11a) Mais impressionante ainda é o que Jesus disse ao concluir essa fala: *...mas o menor no reino dos céus é maior do que ele* (Mateus 11.11b). Então, o que é ser bem-sucedido pelo ponto de vista de Deus?

Deus não respeita pessoas pelo fato de serem bem-sucedidas na vida profissional, financeira, política ou religiosa sob a óptica da nossa cultura social. Ele respeita pessoas que o respeitam, que o temem em amor e fazem dos ensinamentos dele a base da sua vida, das suas escolhas, das suas ações, dos seus relacionamentos. Deus se impressiona com gente que o leva a sério.

A História não conhece um só líder que tenha feito toda a diferença para Deus na sua época e que ao mesmo tempo não se tenha destacado pela grandeza e integridade do seu caráter.

## CAPITULO 70 - LÍDERES EXCEPCIONAIS E TEMOR A DEUS

Quando Deus falou de Jó como um líder excepcional, não se referiu aos seus bens, nem ao seu prestígio, nem aos muitos amigos, nem à sua fama. Deus se referiu à inteireza do seu caráter. E esse traço do seu caráter tinha uma única origem: o seu temor a Deus. E porque temia a Deus, se desviava do mal.

O que seria “o mal” para Jó? O mal do qual ele se desviava por temor a Deus? Para ele, o mal era tudo o que se desarmonizava com o caráter de Deus. Para líderes como Jó e Neemias, o caráter de Deus é o referencial para o seu caráter como homens. E líderes assim fazem toda a diferença!

Neemias diz que não procedeu como os governantes anteriores, explorando o povo para manter o alto padrão da vida palaciana, porque temia a Deus. Para ele, na qualidade do governador temente a Deus, o *mal* seria usar a sua autoridade, a sua posição de liderança para usufruir de privilégios custeados pela miséria popular. O que é o mal para você e para mim?

Quando Deus, em Cristo, nos chama para ele ou para a liderança, também nos está chamando para a integridade. Entendo que foi essa a ideia que Deus queria passar para Abraão quando disse: *Anda na minha presença e sê perfeito* (Gênesis 17.1).

Integridade e temor a Deus são inseparáveis. Portanto, quando fazemos vista grossa para um desses dois princípios, estamos abrindo mão do outro. E quando o fazemos, estamos negando a Deus e a nossa fé nele.

Entendo que confessar a Cristo diante dos homens, no sentido falado pelo Senhor em Lucas 12.8 não é apenas falar dele para as pessoas, mas, também, manter a integridade em situações que normalmente abriríamos mão dela não fosse pela fidelidade amorosa ao Senhor. De modo semelhante, negar o Senhor seria abrir mão da integridade naquelas situações nas quais ele espera que lhe sejamos fieis.

O caráter íntegro de Neemias fazia dele um homem e um líder muito especial. Ele não foi um grande líder não apenas pelo que realizou para Deus e pelo seu povo, mas, sim, pelo que era em Deus. E são líderes dessa grandeza que promovem as mudanças que resultam em benefícios duradouros para a família, a empresa, a igreja, a comunidade, a nação, o mundo! Eles são uma dádiva de Deus!

Você e eu podemos desejar ardentemente e nos empenhar por nos tornar esse tipo de pessoa e de líder. E na medida em que vamos progredindo nisso, também vamos nos tornando no sal que tempera e na luz que alumia. Vamos nos tornando uma influência poderosa em qualquer contexto onde estivermos inseridos, porque a boa mão de Deus

será conosco. Isso tem tudo a ver com a recomendação de Paulo a Timóteo: *Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar...* (2 Timóteo 2.15).

Só influenciaremos para melhor a política do nosso país, o governo, a comunidade, a empresa, a igreja, a família e indivíduos para Deus na proporção em que nos deixarmos influenciar por Deus e absorvermos o caráter dele e os princípios dele para a vida bem-sucedida.

A integridade é a base firme sobre a qual se ergue a liderança que glorifica a Deus, dignifica o líder e fortalece a igreja de Cristo. Liderar com integridade de caráter é construir a nossa casa sobre a rocha; abrir mão dela é construir sobre a areia. Onde estamos construindo?

## CAPITULO 71 - INTEGRIDADE E DINHEIRO

A liderança geralmente implica o envolvimento do líder em diversas áreas, inclusive a das finanças, seja no governo, em uma organização ou na igreja. E aí está uma área muito sensível em que a falta de integridade é imperdoável.

O líder precisa ter mãos e consciência limpas diante de Deus e da sua comunidade. Se não as tem, está desqualificado para a liderança para Deus, a menos que se arrependa e supere esse ponto de fragilidade.

A integridade é uma qualidade tão excelente e indispensável para o exercício da liderança no reino de Deus que deveria ser levada muito a sério na escolha de líderes para o ministério cristão. Infelizmente, ela não consta do rol de requisitos exigidos para a escolha de novos líderes em muitas das nossas igrejas. O resultado é serem colocados líderes de caráter débil em lugares que exigem pessoas de caráter vigoroso. E os prejuízos espirituais, materiais e morais para o evangelho de Cristo são enormes.

Quando Jesus Cristo fala de discípulos que temperam a sociedade e alumiam o mundo, está falando de líderes de integridade vigorosa! Líderes que fazem a diferença! Como podemos refletir o caráter de Cristo e glorificar a Deus sem integridade no que somos e fazemos? Porque é vendo o que somos e fazemos que as pessoas pecadoras têm a oportunidade de glorificar a Deus por nossas vidas ou de nos reprovar e amaldiçoar.

Para muitas pessoas, somos o único evangelho que elas conhecem no dia-a-dia. E o sermão da nossa vida é mais poderoso do que qualquer mensagem que pregamos no púlpito. Também, pode ser o mais decepcionante. Os sermões de Jesus só convenciam os seus ouvintes porque a vida dele os convencia dos seus sermões.

Vivemos tempos críticos de falta de integridade. Mas, graças a Deus, ainda há, hoje, um exército de cristãos que são como a luz brilhando na escuridão e como o sal que realça o sabor da comida. Conceda-nos Deus que você e eu sejamos esse tipo de cristão e de líder, pois líderes assim fazem toda a diferença!

## CAPITULO 72 – NOSSA FOME DE PODER

*Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se humilhou, assumindo a forma de servo... (Filipenses 2.6-7).*

A exemplo do Senhor Jesus Cristo, precisamos primeiro abrir mão do poder para podermos servir. O poder nos faz senhores, mas preferimos nos fazer servos daqueles que lideramos. Devemos imitar Cristo na nossa relação com o poder, ou seja, nos esvaziar dele para podermos servir.

O poder, nas suas diversas facetas, é a maior cobiça do ser humano. Por isso, ele pode facilmente se tornar a armadilha fatal para o líder.

O poder vicia. Mas não só vicia. Ele escraviza e destrói.

Muitos veem a liderança como a posição legítima para exercer poder sobre outras pessoas. E é exatamente isso o que ocorre em diversos contextos da atividade humana. Porém, no reino de Deus, a posição de liderança tem a finalidade fundamental de servir a pessoa, o grupo ou a comunidade que o líder lidera. Se ele falhar nisso, tenderá a exercer uma liderança autocrática, opressora e castradora. Poderá até tornar-se um tirano em nome de Deus e ainda assim acreditar que é um anjo do bem.

### **Podemos nos tornar reféns do poder**

A verdade é que nos tornamos reféns daquilo que mais cobiçamos. E quando nos tornamos reféns do poder, perdemos a nossa liberdade interior. Por causa da cobiça pelo poder, somos capazes de abrir mão não só da nossa integridade, mas de toda a nossa riqueza invisível, como a sabedoria, o bom senso, o amor, e até mesmo a fidelidade e a fé em Deus e a nossa própria dignidade.

Aquilo que mais cobiçamos poderá facilmente se tornar nosso terrível senhor e também o nosso deus. Não devemos, porém, confundir cobiça - que tem conotação moral e espiritualmente negativa - com nossos desejos legítimos, projetos e objetivos de vida claros e definidos, os quais, uma vez concretizados, colocaremos a serviço de Deus: na vida pessoal, conjugal, familiar, profissional e comunitária.

Na qualidade de líderes cristãos, quando nos tornamos reféns do poder, seja do religioso ou do familiar, do econômico ou do político, matamos os sonhos das pessoas ao invés de dar-lhes asas; negamos a elas o precioso dom da liberdade - liberdade de serem elas mesmas, pensarem com suas próprias cabeças e verem a vida e o mundo pela óptica da sua singularidade; podamos suas asas, de maneira que não possam voar tão alto como as águias e conquistar os espaços de que são potencialmente capazes; enfim,

nos tornamos o seu limite. E isso é desastroso e cruel. Procedendo assim, geraremos seguidores, mas não líderes; combatentes, mas não guerreiros; homens e mulheres pigmeus ao invés de gigantes.

Podamos e limitamos nossos liderados porque, no fundo, queremos afastar para longe de nós a ameaça potencial de que alguém venha a brilhar mais do que nós. É isso o que sugere nossa velha natureza pecaminosa. Ela nunca se converte a Deus. E, portanto, precisa ser continuamente crucificada com Cristo, para que experimentemos o poder da ressurreição dele. E somente nesse poder divino operando maravilhosamente em nós conseguiremos lidar com o poder pela perspectiva de Deus.

Saber lidar com o poder é indispensável para o líder. A natureza humana é vulnerável ao poder. Ter plena consciência disso nos coloca em constante vigilância e oração contínua no nosso relacionamento com os nossos liderados, e nos ajuda a exercer a nossa autoridade no temor do Senhor, como se servos fôssemos. Agindo assim, nosso coração e mente serão possuídos pelo Espírito Santo e, não, pelo poder. Em consequência, o poder que detemos em nossas mãos se torna instrumental para o serviço e bem-estar dos nossos liderados. Enfim, serviremos ao invés de reinar.

A nossa fome de poder parece ser insaciável, e a nossa medida dele parece nunca se encher. Quanto mais poder temos, mais poder queremos. Perder alguma parcela de poder pode ser assustador para nós. E penso que isso decorre da nossa busca interior de preencher o nosso senso de valor pessoal e à busca inconsciente de dominar, de sermos deus. E se o poder é a nossa fonte de significado na vida, perdê-lo significa também perder nosso senso de valor pessoal.

A nossa fome de poder não se sacia com mais poder; pelo contrário, ele a estimula cada vez mais, pelo simples fato de que, no fundo, no fundo, queremos ser deus.

Quando, no nosso íntimo, abrimos mão do poder, nos tornaremos líderes-servos. O resultado disso é uma maravilhosa liberdade interior para servirmos a Deus e aos nossos liderados. Isso é revolucionário!



## CAPITULO 73 - LIDERANÇA VERSUS PODER

O poder geralmente desperta o orgulho do nosso ego e pode estimular o nosso sentimento de autossuficiência e de autoritarismo.

O poder pode tornar o líder insensível às fragilidades e carências humanas e surdo às ideias que não se originaram na sua cabeça. Mas líderes excepcionais não se submetem a essa regra. Eles preferem ser exceção.

O poder pode também tornar o líder cego para ver qualquer outra verdade que não seja a sua. Esse tipo de líder é perfeito para liderar pessoas que não pensam, não sentem e não decidem por si mesmas. É perfeito também para liderar pigmeus, porém, jamais gigantes morais e espirituais. Esses líderes constroem gaiolas e prisões na mente e nas emoções dos seus seguidores, mas jamais lhes construirá uma porta para a liberdade. O poder deles se alimenta na impotência e no silêncio dos seus subordinados.

Gosto do que diz Max de Pree, no seu livro *Liderar é uma Arte*. Ele diz que o líder deve conceder às pessoas a dádiva do espaço para serem elas próprias e para desenvolverem ao máximo o seu potencial<sup>7</sup>.

Líderes autoritários e inseguros tendem a restringir ao mínimo possível o espaço dos seus liderados. Mas os líderes excepcionais abrem e ampliam progressivamente o espaço para as pessoas desenvolverem ao máximo o seu potencial. E fazem isso de boa vontade e se sentem gratificados por estarem formando novos líderes. Aliás, uma das responsabilidades mais relevantes do líder é formar novos líderes.

Mas a pergunta é: Que tipo de líderes estamos formando para liderar as próximas décadas da igreja de Cristo neste mundo cada vez mais corrompido moral e espiritualmente?

A consciência de termos muito poder em nossas mãos é uma grande tentação para nos tornarmos arrogantes e autoritários. A arrogância do nosso coração é a mãe de todos os nossos desvios espirituais, morais e éticos.

O autoritarismo funciona como um escudo atrás do qual nos escondemos da nossa própria insegurança. Funciona também como um repelente que mantém os liderados distantes o suficiente para não perceberem nossas fragilidades, e, às vezes, nossos pecados e desvios de caráter.

Além disso, por trás do autoritarismo pode estar se escondendo a nossa cobiça de permanência no poder. Isso pode ser o nosso tanque de guerra para rechaçarmos os invasores potenciais do nosso espaço e garantirmos o nosso domínio das consciências dos liderados.

Na verdade, só homens e mulheres livres interiormente pela graça divina abrem mão do poder e do domínio sobre outras pessoas. E ao invés de dominarem, concedem às pessoas o dom da liberdade de serem elas próprias, de pensarem com as suas próprias cabeças, expressarem livremente as suas ideias e desenvolverem ao máximo o seu potencial. Como eu disse, só gigantes de espírito e mente fazem isso pelo simples fato de que abrir mão do poder, qualquer que seja, requer de nós grande humildade e segurança de quem e do que realmente somos em Deus.

Quando necessário, os líderes excepcionais usam a sua autoridade, mas não o autoritarismo. Quando investidos em funções ou cargos públicos, poderão ser requisitados a usar o poder, porém o farão de maneira legítima e com finalidade pública.

A autoridade legítima é inerente à função e posição de liderança. Sua finalidade é facilitar, dirigir, coordenar, orientar, enfim, viabilizar a realização do projeto que está na mente e coração do líder. Essa finalidade é sempre orientada para o bem-estar dos liderados e de outras pessoas, e não somente para a pessoa do líder.

---

<sup>7</sup> De Pree, Max. Liderar é uma Arte. São Paulo, Best Seller, 1989.

## CAPITULO 74 - O LÍDER SERVINDO

O líder Neemias, na condição de governador dos judeus em sua época, lidou de maneira vitoriosa com o poder que estava em suas mãos. Esse poder lhe havia sido confiado pelo rei Artaxerxes, o imperador do império persa sob cujo domínio toda a Palestina se encontrava.

Neemias, ao invés de exercer poder sobre o povo para subjugá-lo às suas ordens, preferiu influenciá-lo e motivá-lo para realizar a obra que precisava ser feita. Uma atitude muito sábia. Ele estava certo de que motivar o coração das pessoas para o que precisa ser feito é a maneira mais eficaz de obter o melhor e o máximo delas.

Esse líder sábio preferiu não assumir a postura de chefe, embora o fosse de fato e de direito. Ele entendia que o máximo que os chefes conseguem é constranger seus subordinados a cumprir o seu dever. Por isso, ele optou por ser líder. E somente líderes sábios conseguem motivar seus liderados a ultrapassarem os seus próprios limites e, dependendo da causa, até morrer por ela.

Portanto, ao invés de explorar, manipular, intimidar e ameaçar os liderados, ele optou por servi-los e ajudá-los no que estivesse ao seu alcance. Ao invés de humilhar, ele despertou a extraordinária fonte de poder interior adormecida em seus corações. Despertou neles a fé em Deus e seu senso de dignidade como chefes de família, cidadãos de Judá e povo de Deus.

Ele lhes fez perceber claramente que o Deus de Israel é vivo, bom e fiel. E se Deus estava com eles, por que baixar a cabeça naquele momento decisivo de possibilidade de virada do jogo? Ele entendia claramente que Deus levanta líderes e os investe de autoridade com o propósito maior de servir e guiar os liderados rumo a um objetivo claro e definido.

Jesus Cristo, contudo, é o exemplo máximo nessa questão de saber lidar com o poder. Ele, como o Verbo Divino, sempre existiu em igualdade com o Pai (João 1.1). Mas quando chegou o tempo de vir a este mundo e liderar seres mortais e pecadores, ele fez algo fantástico: a si mesmo se esvaziou do poder e da glória que tinha. E foi além: assumiu, de livre e espontânea vontade, a posição de servo, não só do Pai, mas também dos seus liderados. Veja Filipenses, capítulo 2 e versículo 6.

Quando a Bíblia diz que o Filho de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus, está dizendo que ele não se apegou a essa prerrogativa que lhe era própria. Ao contrário, abriu mão dela. Isso é abrir mão do poder para se tornar líder-servo dos liderados. Fantástico! É até difícil entender a dimensão espiritual disso no presente e na eternidade.

Embora sendo o Senhor dos discípulos, Jesus lavou os pés deles e os enxugou com uma toalha, uma tarefa típica dos escravos na sociedade da época.

Na verdade, não existem palavras humanas que possam transmitir exatamente o significado pleno do ato do Filho de Deus esvaziar a si mesmo. Mas fica claro que isso implicou abrir mão do poder que, como Deus, detinha. E abriu mão do poder porque o Pai, e não o poder, era a sua fonte de significado e valor pessoal.

Jesus Cristo sabia quem ele era, qual a sua identidade, e por isso podia abrir mão do poder e relacionar-se com o Pai na perspectiva de servo. E não foi como Deus que Cristo conquistou as almas dos homens, mas como homem e servo do Pai.

## CAPITULO 75 – A MAIOR GLÓRIA DO LÍDER É SERVIR

O nosso Salvador, Jesus Cristo, embora sendo o Senhor dos homens, aqui viveu para servi-los. Para ele, ser o Senhor implicava servir os liderados. E isso era ser servo do Pai. Lembra-se do que ele disse? *A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra* (João 4.34).

Nesse sentido, fazer a vontade do Pai era servi-lo movido pelo amor incondicional a ele. E isso preenchia plenamente o seu senso de significado e valor pessoal como homem. E esta é uma das mais fantásticas lições de liderança no reino de Deus que Jesus deu aos seus discípulos. E essa lição é para nós, hoje, se de fato o temos como o nosso Mestre.

Toda a liderança de Jesus se fundamentou no princípio de, sendo ele o Senhor, servir os liderados, sem abrir mão da sua autoridade de o Senhor e o Mestre deles. E esse é o modelo de liderança que ele nos ensinou e nos deixou. Porém, a cobiça pelo poder e pelas vantagens pessoais nos priva desse tipo de liderança superior no reino de Deus. E se jogamos o modelo de vida e de liderança do divino Mestre na lata do lixo, provavelmente já usurpamos o seu lugar no nosso viver e na nossa liderança.

Esvaziar-se do poder é colocá-lo no altar de Deus para o glorificar e servir. É fazer do nosso coração e mente o espaço para Deus reinar absoluto, e não o poder do qual somos investidos. Se fizermos do poder o nosso deus, é a ele que vamos servir. Se optarmos por Deus ser o nosso Deus, o poder de que somos investidos é apenas instrumental para servi-lo onde ele nos colocou. E nos manteremos focados na visão clara de que Cristo é o Senhor, e, nós, seus servos.

A esse respeito, Jesus confrontou claramente os seus discípulos, dizendo:

*Vocês sabem que aqueles que são considerados governadores dos povos têm domínio sobre eles e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. Mas entre vocês não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vocês será esse servo dos demais; e quem quiser ser o primeiro entre vocês será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos* (Marcos 10. 42-45).

Na mente dos discípulos, predominava o conceito de que liderar era ser servido e de que ser líder era dominar os liderados. Esse era o modelo histórico praticado na organização política e social do seu país, e dos demais povos. Esse era o único modelo de liderança conhecido até então.

Jesus foi revolucionário quando introduziu no mundo o conceito de que liderar é servir e o modelo segundo o qual ser o líder é se fazer servo dos liderados. No seu ensino, a ideia de liderança está associada à ideia de serviço à pessoa, ao grupo ou à comunidade sob os cuidados do líder. É um conceito divino de liderança e, não, humano.

## CAPITULO 76 – BUSCANDO O PODER DO ALTO

Quando oramos pedindo poder do alto, geralmente o queremos para realizar feitos miraculosos. Mas, para Jesus Cristo, a razão principal da sua busca de poder do Pai era uma só: servir ao Pai e aos seres humanos. Que fantástico!

O apóstolo Paulo roga aos crentes filipenses, e também a nós líderes da atualidade, que tenhamos esse mesmo sentimento de Cristo no grupo ou na comunidade onde exercemos a nossa liderança. E isso é saber lidar com o poder do ponto de vista de Deus.

É importante lembrar que essa disposição interior de receber de Deus poder para servi-lo e também aos nossos liderados é algo que o Espírito Santo produz em nós, quando buscamos o Senhor objetivamente com esse propósito.

Para recebermos de Deus poder interior para servir, não basta orar pedindo, é necessário também querer, e querer com intensidade. E se queremos de cabeça, mas não de coração, a primeira fase da nossa busca deve ser pedir ao Senhor que nos conceda querer, e querer de verdade, do íntimo.

Quando sentimos fluir no nosso coração o intenso desejo de servir a Deus ministrando às necessidades de outras pessoas, ele já está, de alguma forma, nos preparando para o exercício desse ministério. Basta ficarmos atentos, porque ele nos colocará frente a frente com as oportunidades.

Se queremos servir a Deus, sirvamos às pessoas nas suas necessidades. Foi isso o que o nosso Mestre fez durante todo o seu ministério. Porém, esse fazer para Deus precisa ser a expressão do reinado do Senhor no nosso íntimo. Isso quer dizer que o ser para Deus deve preceder o fazer para ele. O fazer deve ser consequência do ser.

O apóstolo Paulo nos ensina uma lição espiritual simples, mas gloriosamente poderosa, em Filipenses, capítulo 2, versículo 13: *...porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.*

Claro, isso não nos coloca na posição de passividade, mas, sim, de total dependência de Deus. É a proatividade vigorosa, determinada, porém dependente da graça divina.

Essa passagem bíblica nos encoraja a buscarmos a Deus pedindo-lhe que nos conceda tanto o querer fazer algo como a capacidade para realizá-lo. É termos consciência de que podemos, mas podemos em Deus. Não queremos poder nem realizar numa movidos por uma atitude interior de independência de Deus. Geralmente nos recusamos a ser independentes e autossuficientes em relação a Deus e outras pessoas.

Levamos a sério, na fé e prática, o ensinamento do nosso Senhor: *Eu sou a videira, vocês são os ramos; se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim vocês não conseguem fazer coisa alguma* (João, 15.5).

Quando vivemos em Cristo de verdade, queremos fazer tudo com ele, desde as coisas mais simples às mais desafiadoras. Desde escovar nossos dentes pela manhã até lidar com situações complexas na família, igreja, empresa ou governo. E a razão é simples: nós o amamos e estamos conscientes de que ele também nos ama. E queremos viver com ele esse relacionamento de amor e dependência em tudo.

Outra verdade maravilhosa que esse versículo nos ensina é que não precisamos forçar a nossa vontade para realizarmos para Deus. Se o buscarmos objetivamente nesse sentido, ele nos supre o querer e a capacidade de realização. E isso faz uma diferença enorme no nosso emocional.

Também, Deus pode nos impulsionar para realizarmos algo sem que o tenhamos buscado sobre isso. Em suma, ele faz como quer, segundo a sua boa vontade. Vem dele tanto o querer como o realizar. É ele quem faz tudo em nós e por meio de nós.

É maravilhoso viver e nos movermos com o Senhor movendo o nosso ser interior com a sua presença e amor em tudo o que fazemos. Isso sim, é vida abundante. A ele, toda a glória!



## CAPITULO 77– A MARAVILHOSA HABILIDADE DE SABER OUVIR

*Poucos de nós líderes sabem ouvir de verdade.*

Pode não parecer, mas saber ouvir é uma das qualidades mais raras nas pessoas. Fiquei chocado quando descobri isso sobre mim há décadas, e ainda estou me trabalhando nisso. A verdade é que só poucos de nós sabem ouvir de verdade.

Quando jovem, sempre pensei ser bom ouvinte, até quando me casei com Elda. Ao longo da nossa vida conjugal, fui descobrindo que ela tinha um dom especial de ouvir as pessoas. O que me chamava a atenção nela não era apenas a paciência para ouvir, mas também a disposição mental e emocional para entender com a maior clareza possível o que as pessoas estavam querendo comunicar quando nos procuravam para compartilharem conosco suas cargas emocionais ou espirituais.

Percebi que outra preocupação dessa excelente ouvinte era: *Que mensagem não verbalizada está por trás do que essa pessoa está me dizendo?* Além disso, percebi que ela se abstinha de fazer julgamentos subjetivos e se concentrava em entender o que a pessoa estava querendo dizer e como realmente se sentia em relação ao que estava tentando expressar em palavras.

Inspirado no exemplo de minha esposa, me propus cooperar com Deus para o desenvolvimento dessa habilidade na minha vida interior. Oração objetiva e anos de paciente empenho consciente antecederam as primeiras evidências de progresso. Precisei trabalhar com determinação e oração.

Durante vários anos, ainda prevalecia o meu impulso natural de me concentrar em elaborar as minhas respostas enquanto estava ouvindo alguém. Assim, não conseguia me concentrar em apenas ouvir e me empenhar por entender o melhor possível o que a pessoa estava querendo me dizer.

Hoje, mais de trinta anos depois, ainda continuo desenvolvendo minha habilidade de ouvir. E é altamente gratificante perceber o meu evidente progresso. Isso tem sido uma grande bênção para mim, minha esposa, meus filhos e familiares, e também para as pessoas com as quais convivo ou lidero.

Liderar pessoas implica, entre outras habilidades, saber ouvi-las atentamente. É umas das virtudes mais preciosas que o líder pode e precisa ter, e uma das que mais o ajudarão na sua tarefa de influenciar e motivar pessoas.

Saber ouvir pode não ser uma habilidade natural para certas pessoas, mas é possível ser desenvolvida. Requer boa vontade, oração e exercício. E na medida em que

progredimos na capacidade de ouvir outras pessoas com o real interesse de entendê-las e como se sentem em relação ao que estão nos dizendo, também desenvolvemos a capacidade de ouvir a nós próprios, a Deus, a Natureza e até mesmo o silêncio.

É ouvindo atentamente às pessoas, com a disposição sincera de entender o que nos estão querendo dizer, e também o que está por trás do que estão nos dizendo e como se sentem em relação a isso que conseguimos perceber o que está nas suas mentes e corações.

Saber ouvir de verdade nos possibilita ajudar pessoas a descobrirem as suas motivações mais profundas, seus anseios, medos e necessidades. E é assim que podemos ser instrumentos de Deus para ministrar para elas e liderá-las no crescimento em Cristo.

Podemos saber se estamos ouvindo alguém de verdade se de fato estamos inteiramente empenhados em entender, não apenas o que essa pessoa está dizendo, mas também o que está querendo nos dizer de verdade. Pode ser que elas não estejam conseguindo fazer isso com palavras.

Saber ouvir outras pessoas é uma habilidade altamente relevante. É indispensável na liderança eficaz e no aconselhamento, pois nos ajuda a entender de fato o que as pessoas estão tentando nos dizer. Também nos ajuda a conhecê-las melhor na sua singularidade como criaturas de Deus.

## CAPITULO 78 – OUVINDO OS LIDERADOS NO PROCESSO DECISÓRIO

Quando o líder ouve de verdade os seus liderados no processo decisório, as decisões tomadas tendem a produzir melhores resultados do que aquelas unilaterais do líder.

Geralmente, os liderados estarão mais motivados para executarem o que foi decidido com a participação real deles. Se a participação for apenas fictícia, ou seja, apenas para fazer de conta que o processo decisório foi participativo, os liderados perceberão claramente e se retrairão ou limitarão sua participação apenas ao que não puderem evitar de fazer. Nisso, a transparência é indispensável.

Pelo fato de os liderados fazerem parte efetiva do processo decisório, também se sentem mais comprometidos e motivados na fase de implementação daquilo que foi decidido. Claro que, para o líder, é mais fácil decidir unilateralmente. Porém, isso de alguma forma sinaliza para os liderados que o lugar deles é na arquibancada. O que eles geralmente pensam, embora não verbalizem, é que se o líder é autossuficiente para decidir sem sua participação, também deverá sê-lo para realizar sozinho.

A indiferença dos liderados para com as decisões unilaterais do líder pode ser um discurso silencioso de protesto, não necessariamente contra a decisão, mas contra o processo como ela foi tomada.

Neemias queria o apoio do povo, por isso o envolveu no processo decisório no momento oportuno. Uma decisão apenas sua poderia mais facilmente ser contestada e boicotada. Mas uma decisão tomada juntamente com a comunidade dos seus liderados seria bem mais poderosa e eficaz. Por isso, ele sabiamente confrontou o povo com o problema e o fez participante da tomada de decisão. E quando chegou a hora de “meter a mão na massa”, estava todo mundo lá, consciente do que deveria ser feito e motivado para realizá-lo.

É relevante destacar o fato de que o líder Neemias em nenhum momento usou do artifício de manipular a assembleia. Tratou do problema de maneira absolutamente transparente e íntegra e apontou os caminhos viáveis para resolvê-lo. As decisões tomadas refletiam o pensamento e a vontade da coletividade, e não apenas do líder. Excelente lição de liderança!

Uma das qualidades dos líderes excepcionais é a sua maravilhosa capacidade de saber ouvir seus colaboradores, tanto os membros de sua equipe como outras pessoas que podem enriquecer a decisão a ser tomada.

No entanto, há situações nas quais não é sábio o líder ouvir a opinião dos liderados, como, por exemplo, sobre a demissão de um funcionário que vem lesando a

empresa. Nesse tipo de situação, somente as pessoas de determinados níveis hierárquicos da empresa devem ser ouvidas.

## CAPITULO 79 - A BÊNÇÃO DA DIVERSIDADE

*Bem-aventuradas as organizações ou igrejas cujos líderes abrem espaço para a diversidade dos dons e competências. E aí daquelas cujos líderes ocupam todos os espaços.*

As pessoas com os seus dons e competências são a maior dádiva e o maior patrimônio que a igreja de Cristo possui na terra. E isso é também verdadeiro para qualquer organização humana, seja no Governo ou na iniciativa privada. Sem isso, todos os demais recursos se tornam de pouca valia.

Contudo, de pouco adianta a uma igreja ou organização possuir esse inestimável tesouro se os seus líderes não concedem às pessoas o espaço para o pleno exercício dos dons e competências dos seus colaboradores.

Na Bíblia, a palavra “dom” tem diversas nuances. Por exemplo, em 1 Coríntios, capítulo 12, o apóstolo Paulo menciona diversos dons espirituais: a palavra da sabedoria, a palavra do conhecimento, a fé, dons de curar, e outros. Esses dons nos são dados pelo Espírito Santo, para a edificação espiritual da igreja.

Na epistola aos Efésios, o mesmo apóstolo se refere aos chamados dons ministeriais: apóstolos, profetas, evangelistas e pastores e mestres. E ensina que esses dons são dados por Cristo à sua igreja “*com vistas ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo*” (Efésios 4.11-12).

Mas existem também os dons naturais, que são talentos especiais. Assim, algumas pessoas possuem um talento excepcional para a música; outras, para expressões artísticas diversas ou para determinada modalidade de esporte; outras, para a Matemática, a Física, a liderança e assim por diante.

Na verdade, todos os nossos dons são dados por Deus e são úteis para o ministério. Portanto, precisam ser desenvolvidos para atingirem o nível de excelência.

A palavra “competência” também tem significados diversos. Mas o sentido utilizado neste contexto se refere à condição de uma pessoa estar apta para realizar uma determinada tarefa, ou seja, de possuir a qualificação, o conhecimento e as habilidades requeridas para a realização dessa tarefa. Assim, podemos ser competentes para muitas coisas e incompetentes para outras.

Neemias promoveu uma grande reforma administrativa e econômica em Jerusalém, e fez isso com muita competência e integridade. Mas, claro, ele não detinha todas as competências para liderar o povo. E para aqueles empreendimentos para os quais Neemias não estava qualificado, por certo Deus tinha alguém que poderia fazer

com excelência o que ele não podia. Na igreja, na empresa e no serviço público é também assim.

O ministério para Deus é multiforme. E ele realiza os seus projetos utilizando a diversidade de dons e de competências de diferentes indivíduos.

Mas é interessante atentar para o fato de que a vontade de Deus é que exista unidade na diversidade. Quando atingimos a unidade na diversidade, somos interdependentes. E funcionamos como um corpo saudável, no qual cada órgão cumpre a sua função, porém de maneira sintonizada, harmônica e cooperativa com os demais. A lei é a da cooperação entre todos os membros da equipe ao invés da competição pelo destaque pessoal.

Os líderes excepcionais se enriquecem e tiram todo o proveito possível da bênção da diversidade dos dons e das competências das outras pessoas.

## CAPITULO 80 – ATÉ ONDE VAI NOSSA COMPETÊNCIA?

Eu já disse que nenhum líder possui todas as competências. Penso que você concorda com isso. Estou certo?

Neemias liderou, com sucesso, a reconstrução dos muros e portas de Jerusalém e a reforma econômica para as quais estava qualificado. Mas, como homem de Deus, sabia que isso não bastava. O muro e portas espirituais e morais do povo continuavam em ruínas. Seus corações ainda estavam longe de Deus, embora o confessassem com os lábios e lhe prestassem um culto cheio de uma liturgia vazia de justiça e de verdade.

Outra reforma precisava ser feita: a espiritual. E o bom senso do líder Neemias lhe dizia claramente que ele, embora íntegro e temente a Deus, competente na sua área de atuação, não era o homem qualificado para fazê-la. Essa não era a sua praia, não possuía a competência para tal. Por isso, ele abriu espaço para um outro líder a quem Deus tinha levantado e dado essa competência: o escriba e sacerdote Esdras, líder versado na lei de Moisés, nas tradições e no culto judaicos.

### **Abrindo espaço para a diversidade dos dons e competências**

Abrir espaço para a diversidade dos dons e competências requer humildade da nossa parte. E essa humildade consiste basicamente em sermos capazes de enxergar e respeitar a fronteira entre a nossa competência e a nossa incompetência. Todos somos competentes em muitas coisas e incompetentes em outras. Esta é uma razão porque precisamos interagir em interdependência e, não, de maneira independente uns dos outros.

É fundamental, na liderança, abrir espaço para a diversidade dos dons e das competências. Como líderes, conseguiremos preencher com sucesso apenas os espaços para os quais estamos qualificados.

Na nossa insegurança e apego às nossas posições como líderes, podemos facilmente cair na tentação de tentar preencher todos os espaços. Quando o fazemos, impedimos que outras pessoas qualificadas exerçam os seus dons e competências. E o prejuízo é simplesmente incalculável.

Liderar implica abrir espaço para que nossos liderados sejam o que são e exerçam plenamente seus dons e competências sem nos sentirmos ameaçados. Isso parece simples na teoria, mas, na prática, normalmente representa um ponto de dificuldade para nós pelo simples fato de termos a necessidade natural de estar no controle e no topo, de sermos sempre a estrela a brilhar mais intensamente no céu.

Abrir espaço para outras pessoas qualificadas pode implicar em abrir mão de ser a estrela de primeira grandeza e também de sermos os únicos a ocupar o topo, o lugar onde somos facilmente vistos e admirados por todos. Pode ser que tenhamos feito do topo uma espécie de área sagrada, restrita, onde só nós podemos pisar. Sábio, porém, o líder que triunfa, pela graça de Deus, sobre essa sutil tentação na liderança para Deus.



## CAPITULO 81- FUJA DA ZONA DE APRENDIZAGEM ZERO

*Uma das armadilhas mais fatais para o líder experiente é o orgulho de já saber muito. Isso pode induzi-lo a ficar acomodado na zona de aprendizagem zero (ZA0).*

Ele surgiu das sombras. Não era famoso no mundo do boxe, na verdade quase desconhecido. Na sua categoria profissional, ocupava lugar modesto no ranking mundial. Seu nome no mundo do pugilismo profissional era James “Buster” Douglas.

A mídia noticiava, agitada, a sua luta contra o considerado invencível super-campeão dos pesos pesados, Mike Tyson, o homem dos punhos de ferro. Todos conheciam o poder demolidor dos poderosos punhos de Tyson, que costumava nocautear os seus oponentes no início da luta.

Até então, Tyson detinha merecidamente o título unificado de campeão mundial das três principais organizações de boxe profissional. Tinha um cartel espetacular de 37 lutas, todas vencidas, sendo 33 por nocaute. Longe de qualquer dúvida, era um fenômeno do esporte profissional.

Dada a incomparável superioridade de Tyson, as bolsas de apostas consideravam como certa a vitória do campeão e lhe davam favoritismo absoluto em relação ao seu oponente. O grande público estava convicto de que o desconhecido Douglas seria nocauteado logo no primeiro assalto.

A luta foi marcada para o dia 11 de fevereiro de 1990, no Japão. Como eu, milhões de telespectadores em todo o mundo se acomodaram nos seus sofás em frente à televisão, de madrugada. A expectativa não era a de assistir a um grande combate entre pesos pesados, e, sim, de ver mais uma rápida e fulminante vitória de Tyson. Eu estava, de certa forma, ansioso a respeito do desempenho de Douglas. A minha pergunta silenciosa era: Será que Tyson não encontra ninguém que o vença?

A luta começou. Para surpresa do mundo inteiro, o desajeitado Douglas resistiu bem ao primeiro assalto, e prosseguiu ousado na luta, que aos poucos foi se tornando difícil para Tyson. Douglas foi crescendo no combate, até que, no décimo assalto, acertou uma sequência de golpes poderosos em Tyson e o jogou na lona. Foram golpes bem encaixados e firmes.

O juiz fez a contagem até dez, mas lá estava o considerado invencível campeão quase desmaiado, sem condições de se firmar de pé. O juiz sinaliza o final da luta. Estarrecido, o mundo não acreditava no que estava presenciando: o homem de ferro

perdia a luta e também o título de campeão mundial unificado para o considerado inexpressivo Douglas.

Assim, o temível supercampeão Mike Tyson teve a sua invencibilidade quebrada por um lutador de muita pouca expressão no mundo do boxe.

Fiquei chocado com a derrota de Tyson. Era difícil acreditar no que estava diante dos meus olhos. Não só eu, mas também milhões de pessoas em todo o mundo. Parecia ficção, mas era realidade: a imagem do supercampeão nocauteado se espalhara pela televisão pelo mundo intero. Só uma coisa me incomodava: Por quê? Leia no próximo capítulo.

## CAPITULO 82 – O SEGREDO DE DOUGLAS CONTRA TYSON

Nos dias que se seguiram, procurei ler tudo o que a mídia comentava sobre a luta, procurando descobrir alguma informação que explicasse a espetacular derrota de Tyson.

Nessa busca, li o comentário de um jornalista americano. Ele escreveu que Tyson, dias antes, ao ser questionado sobre o seu treinamento para aquela luta, comentara que não estava se preocupando com isso, pois o adversário era fraco. Não sei se isso é verdadeiro. Mas, se de fato aconteceu, está aí o motivo principal da derrota de Tyson: ele havia se tornado vítima do seu próprio sucesso.

As informações daquele jornalista apontavam para o fato de que, enquanto Tyson desfrutava da comodidade e do conforto da fama e do seu grande sucesso nos ringues, o seu adversário, no silêncio, treinava duramente e estudava, em vídeos, meticulosamente, junto com seu treinador, cada um dos movimentos e táticas de combate do supercampeão.

Segundo esse jornalista, foi assim que James Buster Douglas descobriu o caminho para derrotar o invencível Tyson: percebeu que o homem de ferro usava os punhos de forma fulminante e irresistível quando se movimentava para frente, mas o mesmo não acontecia quando era forçado a recuar.

Então, ao invés de Douglas adotar uma atitude apenas defensiva e fugir dos rápidos e violentos golpes de Tyson, como normalmente faziam os demais adversários, Douglas o surpreendeu com uma estratégia de combate agressiva que o forçava a movimentar-se para trás. Além disso, comentava-se que o supercampeão não estaria na sua melhor forma e que não havia treinado o suficiente, por achar desnecessário. O “calcanhar de Aquiles” de Tyson estava exposto, e o determinado Douglas fazia disso a sua vantagem secreta na luta.

Essa memorável luta entre Mike Tyson e James “Buster” Douglas me faz lembrar de um princípio de combate ensinado pelo estrategista militar chinês Sun Tzu, do século IV a.C, no seu livro *A Arte da Guerra: Quem menospreza o seu adversário, por fraco lhe parecer, poderá cair vítima da surpresa*. Esta lição é preciosa, porém nem todas as pessoas têm essa sabedoria.

## CAPITULO 83– PERMANEÇA NA ZONA DE APRENDIZAGEM CRESCENTE

Permanecemos na zona de aprendizagem crescente quando nos mantemos plenamente abertos e ativos para a aprendizagem contínua transformadora e inovadora. Quando temos sede de aprender sempre e melhorar sempre e aproveitamos as oportunidades.

A aprendizagem é transformadora quando nos motiva e nos impulsiona para a melhoria progressiva, para as mudanças ousadas, para a quebra de paradigmas que a tradição considera sagrados, mas, na verdade, apenas se arrastam na poeira do tempo.

Esse tipo de aprendizagem nos treina a viver num processo de transformação contínua como pessoas. Envolve nossa maneira de ser, pensar, perceber e interpretar a nós próprios e a realidade que nos cerca. Isso influencia profundamente nossas relações com nós próprios, com Deus, nosso cônjuge e filhos, com as outras pessoas e com toda a realidade que nos cerca. Ela nos mantém dentro de um todo, do qual nos tornamos, ao mesmo tempo, agentes em transformação e agentes transformadores para melhor.

A aprendizagem é inovadora quando nos impulsiona a testar o novo, o diferente, o que ainda não foi feito, ou que já existe mas pode ser melhorado de maneira significativa. Ela pode ser inicialmente chocante para nós e para as outras pessoas, mas pode também ser revolucionária! Na verdade, o velho não revoluciona. Apenas o novo pode revolucionar.

Na medida em que vamos sendo bem-sucedidos como líderes naquilo que fazemos, temos de escolher entre estacionar no tempo firmados na nossa experiência e conhecimento ou aperfeiçoar sempre aquilo no que já somos excelentes e desenvolver novas habilidades num processo consciente contínuo de aprender e inovar sempre.

## CAPITULO 84 – E NÓS, LÍDERES CRISTÃOS?

Quando estacionamos na zona de aprendizagem zero, passamos a depender apenas daquilo que aprendemos no passado.

Quando isso acontece conosco, negligenciamos a busca da excelência crescente naquilo que fazemos. No ministério para Deus, essa negligência exerce influência negativa sobre nossa vida de oração, jejum, estudo sério da Bíblia Sagrada e preparo cuidadoso das mensagens que pregamos ao povo de Deus. Na área profissional, deixamos passar as oportunidades de aprender mais e melhorar: palestras, seminários, cursos, leitura de literatura especializada sobre o nosso trabalho, e assim por diante.

Nesse contexto, nos declaramos profetas de Deus, mas o que pregamos e ensinamos geralmente está muito mais para autoajuda gospel do que para os ensinamentos divinos da Bíblia que Deus deseja que passemos para o povo.

Nos dias atuais, nos quais o conceito de sucesso remete para a ideia materialista e humanista de poder, dinheiro, prestígio e fama, qualquer líder cristão influente está vulnerável a se envolver na política ou na vida empresarial, ou em ambos, e deixar de ser um líder espiritual piedosos e se tornar um líder religioso de sucesso. Sucesso esse medido pelo que se faz, pelo que se conquista e pelo que se tem.

Na atualidade, é comum que líderes evangélicos de inteligência e capacidade de liderança privilegiadas, pensam e falam de política a maior parte do tempo quando estão fora do púlpito. Se há um grupo de pastores conversando, muito provavelmente o assunto será política, esporte ou outro tipo de conversa. É muito pouco provável que estejam conversando sobre coisas espirituais ou sobre o ministério para Deus. Para eles, essa coisas são privativas do púlpito. Quando fazem um evento envolvendo diversos outros pastores de sua cidade, ou mesmo do seu país, quase sempre a motivação é política, seja a partidária ou a religiosa.

Em tempos de avivamento espiritual, quando as pessoas transbordam do Espírito Santo e de amor uns pelos outros, o que elas mais querem é compartilhar daquilo que Deus está fazendo em suas vidas. E falam disso sempre que estão juntas, em qualquer lugar, embora falem também sobre assuntos diversos.

Mas, graças a Deus, muitos homens e mulheres de Deus da atualidade podem ser tomados como referências espirituais, morais e éticas e como verdadeiros profetas de Deus para suas igrejas e para a nossa geração. Deus sempre teve e sempre terá aqueles seus servos e servas fieis que não se curvam ao deus do nosso século.

Quando, como líderes cristãos, permanecemos na zona de aprendizagem zero, perdemos o interesse de conhecer mais a Deus e a revelação dele na Bíblia Sagrada e na

sua criação. Lemos a Bíblia quase sempre para ensinar ou pregar para às outras pessoas. E nada ou muito pouco daquilo que lemos passa pelo laboratório da nossa própria vida. Assim, quando estamos lendo a Bíblia ou ouvindo a pregação de outro pregador, é provável que estejamos atentos ao que ele vai nos ajudar ou nos inspirar para a nossa próxima performance, e não ao que pode nos ajudar a aprofundar a nossa vida cristã.

Tem razão John Stott quando afirma que a superficialidade é a maldição do nosso século. Em grande parte da igreja cristã da atualidade, essa superficialidade nasce no púlpito. E dali corre como um rio caudaloso na comunidade cristã dos nossos tempos.

É lamentável que uma quantidade crescente de pastores evangélicos do nosso tempo seja movida por um espírito de compulsão por se tornarem políticos ou homens de negócios, ou ambos, paralelamente ao seu pastorado. Esse é o espírito da chamada pós-modernidade. E o resultado é a superficialidade espiritual desses líderes e de suas igrejas.

## CAPITULO 85 - O PONTO CRÍTICO DE INSENSIBILIDADE ESPIRITUAL DO LÍDER CRISTÃO

A secularização de nossa mente é o local da nossa maior insensibilidade e vulnerabilidade espirituais.

É como se os nossos sensores de sabedoria e de percepção das verdades espirituais fossem desligados ou apresentassem falhas de funcionamento. Assim, só conseguimos ver a perceber as coisas pela perspectiva racional.

Quando nossas mentes se tornam secularizadas, somos insensíveis ao Espírito Santo e à Palavra de Deus pelo fato de a nossa mente estar subjugada pelo império da razão. Nós a subjugamos num processo mental sutil e astucioso ao longo dos anos.

Portanto, só aceitamos como verdadeiro aquilo que faça sentido pela perspectiva da nossa própria lógica. Ocorre que as verdades divinas não estão sujeitas à lógica humana. Por isso, essas verdades divinas podem nos parecer loucura ou passíveis de serem adaptadas à nossa conveniência.

Quando vivemos apenas na dimensão do racional, preferimos a nossa própria sabedoria à de Deus. Nos julgamos mais sábios que ele. É aí onde a nossa consciência se cauteriza e o nosso coração se desvia dele. Assim, a Palavra de Deus já não encontra acolhida no nosso coração. Quando a ouvimos, é como se fosse uma bola de tênis arremessada contra uma parede dura e lisa: ela bate lá e retorna com a mesma velocidade para a mão de quem a arremessou.

Quando nos desviamos de Deus, nem sempre percebemos. Mas um dos indicadores desse nosso desvio é a nossa resistência discreta, silenciosa, porém real, dos ensinamentos divinos para a nossa vida como seus filhos. Resistimos a esses ensinamentos do Senhor ou os distorcemos para se adequarem à nossa conveniência. Ou seja, fazemos um tipo de leitura e de interpretação do ensino bíblico de maneira a nos deixar mais confortáveis quando fazemos algo que nossa consciência claramente reprova.

Quando nosso coração está afastado de Deus, conseguimos influenciar e sensibilizar pessoas a se emocionarem nos cultos aos domingos, mas não conseguimos levá-las ao arrependimento pelos seus pecados e à mudança autêntica de suas vidas. A razão disso é que o poder da nossa pregação na vida das pessoas é proporcional ao poder que ela tem na nossa própria vida.

Se o nosso ensino vibrante e a nossa pregação inflamada são incapazes de produzir mudanças significativas na nossa vida, de dentro para fora, podemos compará-los a um espetáculo de fogos de artifício: lindo, maravilhoso e comovente, mas sem qualquer poder de transformar trevas em luz por muito tempo.



## CAPITULO 86 – NOSSA BUSCA SECRETA

O ser humano possui um desejo profundo de glória. Esta é uma busca profunda no nosso coração. E isso pode ser a motivação secreta por trás de tudo o que fazemos que nos dê visibilidade pública.

Quando nós, líderes cristãos, vivemos impulsionados por esse desejo secreto de glória pessoal, amplia-se a possibilidade de usarmos o evangelho de Cristo e o nome de Deus para chegar ao nosso objetivo: o estrelato. Essa é uma armadilha muito sutil que o nosso coração. E nos tornamos reféns da nossa própria cobiça. Por isso, geralmente queremos nos tornar famosos no meio evangélico ou além dele. Essa armadilha oculta tem sido poderosa e eficaz contra muitos pregadores notáveis.

Não sou uma pessoa de grande visibilidade, nem famosa. Mas me percebo em busca dessa glória pessoal todos os dias. E estou levando sempre isso ao Senhor em oração. Ou seja, ao mesmo tempo em que quero a glória de Deus e que ele seja glorificado com a minha vida e ministério, ao mesmo tempo percebo dentro de mim o desejo bem presente de obter glória pessoal naquilo que faço para o ele, especialmente se o faço em público. É a cobiça do meu coração influenciado pela minha natureza pecaminosa.

A Bíblia diz:

*...cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte (Tiago 1.14-15).*

Mas, graças a Deus, é ele mesmo quem nos sustenta e nos dá vitória nas nossas batalhas internas. Ele sabe que somos assim, e assim mesmo nos ama e generosamente nos usa em suas mãos neste mundo.

Por isso, me sinto encorajado a continuar servindo o Senhor e realizando para ele da melhor maneira possível, na plena confiança de que ele me entende, me aceita, me ama e me usa a despeito da minha realidade de homem salvo pela graça de Deus, porém ainda contaminado pelo pecado. Essa era a luta interior do apóstolo Paulo, e é também a minha e a sua. Graças a Deus que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo!

## CAPITULO 87 – A BOA FAMA PODE SER UMA BÊNÇÃO

A fama que abençoa é aquela que glorifica a Deus. Como podemos negar que Jesus Cristo se tornou muito famoso nos seus dias e ainda é hoje talvez o personagem mais famoso em todo o mundo?

No entanto, Jesus nunca aceitou a glória pessoal que as pessoas lhe atribuíam. A sua fama trazia glória para o Pai. Ele transferia para o Pai toda a glória pelos milagres que realizava e pelo que ele ensinava e pela popularidade e admiração que as pessoas tinham dele.

Acredito que a fama em si mesma não é pecaminosa. Ao contrário, ela pode ser abençoadora para nós e para outras pessoas. Uma pessoa de ministério cristão público pode naturalmente se tornar conhecida por milhões de outras pessoas e influenciá-las para Deus. Nesse caso, a fama é a decorrência de um ministério de longo alcance e grande visibilidade. A situação-problema ocorre quando o desejo da fama se torna a nossa motivação para fazer o que fazemos, inclusive pregar o evangelho.

Para Deus, a atitude do nosso coração conta mais do que as nossas ações. Por isso, devemos nos exercitar na sondagem do nosso íntimo. Afinal, Deus sonda os nossos pensamentos e nossas motivações mais secretas. O salmista tinha essa consciência ao declarar: *Senhor, tu me sondas e me conheces...de longe penetras os meus pensamentos...e conheces todos os meus caminhos.* (Salmo 139.1-3).

Os pecados secretos do nosso coração, se não forem identificados, confrontados com a verdade divina e devidamente tratados, podem arruinar a nossa vida, inclusive a nossa liderança no ministério cristão. O nosso inimigo, o diabo, é um estrategista extraordinário e sabe muito bem descobrir o caminho para chegar às nossas mentes. E quanto mais brilhante e bem-sucedido for o líder, mais vulnerável pode se tornar a armadilha sutil de destronar Cristo do mais profundo do seu ser e entronizar a si próprio.

O nosso adversário, o diabo, sabe que a sede de poder e de glória terrenos é algo a que nós humanos somos muito vulneráveis. Por isso, na tentação de Jesus, no capítulo 4 de Mateus, ele lhe ofereceu exatamente isso: poder, glória e riquezas. Só que o coração do Mestre não tinha fome nem sede de poder, nem de riquezas, nem de glória deste mundo. Para ele, a única glória que lhe interessava era a glória de fazer a vontade do Pai. Realmente, quando queremos de verdade fazer a vontade do Pai, conhecê-lo e nos relacionar com ele em profunda comunhão se torna a nossa maior sede e a nossa maior fome.

Para Jesus, ao ser tentado num ponto muito frágil da natureza humana, foi tranquilo triunfar porque ele já havia esvaziado o seu coração da ambição de poder e de glória deste mundo. Embora sendo o Rei dos reis e o Senhor dos senhores, entre nós ele preferiu a toalha e a bacia de água para, como se servo fosse, lavar os nossos pés e os enxugar.

No cristianismo da atualidade, o diabo nos faz a mesma proposta que fez ao nosso Mestre, embora, talvez, não de forma tão direta. Geralmente, ele prefere chegar por caminhos mais sutis. E temos visto que, para muitos de nós, a sua oferta tem sido não apenas tentadora, mas também irresistível. Assim, ao invés de tomarmos a toalha e a bacia de água para servirmos as nossas igrejas, podemos facilmente ser seduzidos pela cobiça do nosso coração a ocuparmos o trono e a reinar sobre a herança de Deus.

Na liderança no reino de Deus, o diabo sempre nos oferecerá o trono, mas o Senhor sempre nos proporá a toalha e a bacia de água. Por qual dos dois decidiremos? Dessa decisão interior, onde o homem não penetra, depende a qualidade do nosso ministério para Deus e o seu resultado temporário e eterno na vida das pessoas.

O coração onde Cristo reina é necessariamente um coração-servo, e, não, senhor.

Para o diabo, nos levar a destronizar Cristo do centro da nossa vida e entronizar o eu pode exigir astúcia e longos anos de persistência inteligente. Porém, conseguido isso, o resto é só dar tempo ao tempo, pois o nosso coração é desesperadamente corrupto, dia a Palavra de Deus. Mas tempo não é problema para ele, pois sabe muito bem trabalhar a longo prazo de forma inteligente e imperceptível, até mesmo explorando, se possível, os nossos dons e aquilo que temos de melhor.

O líder que não cultiva uma vida de oração e de meditação profunda na Palavra, comunhão com o Senhor e obediência a ele, não importa quão inteligente, talentoso, famoso e eloquente seja em seus sermões, será um alvo potencial às sutis armadilhas do diabo e do seu próprio coração.

## CAPÍTULO 88 – UMA ESTRATÉGIA BRILHANTE

Na atualidade, nós, líderes cristãos, estamos muito vulneráveis a encher nossas mentes e corações de religiosidade e de atividade ministerial intensa, porém, ao mesmo tempo, ofuscar o temor de Deus. E quando isso acontece, estaremos dispostos a abrir mão também da nossa integridade como líderes. E quando abrimos mão da integridade, já estamos caminhando para a beira do penhasco.

Claro que podemos parar e dar meia-volta, mas, se não o fizermos, nos desviarmos de Deus é apenas uma questão de tempo, mesmo que isso nunca venha a público e continuemos a ocupar a titularidade do púlpito da nossa igreja.

Uma das estratégias do diabo é manter o líder cristão o mais ocupado possível com coisas boas e necessárias. Se o líder é dotado de inteligência, talentos e habilidades especiais, poderão lhe oferecer oportunidades aparentemente irrecusáveis de envolver-se em muitas atividades ou causas nobres, de forma a manter a sua agenda sempre lotada e levá-lo a um estilo de vida de correria grande o suficiente para não dispor de tempo para estar a sós com Deus em oração e meditação na Palavra dele e não ter tempo de qualidade para sua esposa e filhos.

Assim, Satanás vai silenciosamente minando a mente do líder de maneira muito eficiente e lentamente solapando as bases de sustentação estratégica do seu ministério.

Na atualidade, o assédio para engajamento de pastores evangélicos na política e no mundo dos negócios paralelamente ao pastorado da igreja tem sido uma atração fatal, especialmente se lideram grandes igrejas e muitos outros pastores. Isso significa menos tempo para orar, para meditar na Palavra, para pastorear o rebanho do Senhor e dar atenção à sua família.

As razões da corrida de líderes religiosos para a política podem ser diversas, desde a busca de reconhecimento e prestígio a interesses pessoais financeiros, econômicos. Mas pode ser também por idealismo e pela busca se concretizá-lo.

Mas pode também haver, nesse processo, uma influência invisível, espiritual, do espírito do anticristo para empurrar as igrejas cristãs para a superficialidade e a secularização crescentes. E os líderes religiosos que são atraídos e persuadidos por essa corrente político-religiosa do nosso tempo são as peças-chave nessa estratégia satânica.

São esses líderes os agentes que fazem essa estratégia funcionar. Por isso, o diabo investe em meios inteligentes de levar líderes religiosos a acreditarem que é Deus

quem os está empurrando na direção que estão caminhando. E assim, muitos deles são manipulados pelo nosso adversário, de Deus e de Cristo, não apenas em seus gabinetes pastorais, mas, também, às vezes, no púlpito onde ministram para a igreja.

Nesse contexto, é como se o pastor que é apenas pastor seja um ministro de segunda ou terceira categoria, e o pastor que é político ou empresário de sucesso um ministro de categoria superior, de alto nível.

A corrida de líderes religiosos da atualidade para a política é impressionante! É uma espécie de epidemia. Essa é uma realidade lamentável, especialmente em grande parte das igrejas da linha neopentecostal e também nas igrejas antes conservadoras cujos pastores aderiram a essa visão secularizada do ministério cristão. É uma estratégia brilhante de Satanás. Ele quer megagregas sendo lideradas por esses pastores. E está tendo muito sucesso nisso.

Por outro lado, acredito que existem pastores cristão que estão na política partidária ou no mundo dos negócios paralelamente ao pastorado de suas igrejas e têm compromisso sério com Deus e lhe são fieis. Mas esta não é a regra, e, sim, a exceção.

De qualquer maneira, tanto a política como o ministério cristão exigem grande quantidade de tempo e muita energia física e mental e espiritual. Se eles coexistem, um dos dois será prejudicado. E geralmente é a igreja quem paga um alto preço espiritual por isso. E essa é a tendência dos nossos tempos dominados pelo secularismo e pelo humanismo.

## CAPÍTULO 89– MAS NEM TUDO ESTÁ PERDIDO

Na atualidade, o líder cristão que tem coragem de ser e se manter bíblicamente fundamentalista poderá ser considerado retrógrado e inadequado para o ministério cristão pelos líderes de mentalidade secularizada.

Por outro lado, é lindo ver que há um exército de pastores evangélicos pregando e se empenhando por viver o evangelho cristocêntrico, o verdadeiro evangelho do Senhor Jesus. Gente que escolheu conscientemente abrir mão dos muitos privilégios da secularização no ministério cristão e permanecer fiéis a Cristo e ao verdadeiro evangelho que transforma pecadores em filhos e filhas de Deus.

Estou falando de gente que estuda com seriedade e profundidade a Palavra de Deus. Gente que tem a vida e ministério selados pela oração e pelo jejum. Gente que abriu mão da busca da glória pessoal e terrena em favor da busca contínua da glória de Deus naquilo que são como pessoas e líderes e naquilo que realizam para o Senhor. Gente que prefere viver modestamente a abrir mão da sua integridade como pessoas e líderes. Gente que está realmente pastoreando a igreja do Senhor Jesus Cristo. Gente que não vendeu a sua alma e nem a sua consciência.

O interesse maior desses líderes não é apenas conhecer a respeito de Deus e, sim, conhecer Deus experimentalmente. Querem relacionar-se de maneira íntima, intensa e pessoal com ele e que esse relacionamento seja permanente. Querem conhecer Deus cada vez mais com o propósito de amá-lo e servi-lo prazerosamente. Enfim, eles amam Deus de todo o seu coração e o respeitam profundamente, e por isso o levam a sério.

Na mente desses líderes, a Palavra de Deus é a luz que alumia o seu caminho e dá vigor ao seu espírito e também dos seus liderados. E ao invés de fazerem do ministério cristão o seu projeto de sucesso pessoal - no sentido secularizado - estão dispostos a trilhar o caminho da auto-humilhação para que Cristo seja formado neles e exale através deles o seu perfume.

Quando esses pregadores ministram para o povo, declaram a vontade do Senhor revelada na Bíblia e não o que o povo está querendo ouvir. Ao invés de serem politicamente corretos, querem ser íntegros diante de Deus, deles próprios e das demais pessoas. Não estão em busca do aplauso das pessoas, nem de agradá-las, mas, sim, da aprovação de Deus. Não estão em busca de ficarem ricos pregando um falso evangelho e explorando a boa-fé das pessoas.

## CAPÍTULO 90 - MARCAS DE UMA VIDA (1)

*Nosso maior legado na vida de outras pessoas são as marcas que produzimos nelas.*

Uma semana antes de escrever este texto, li duas crônicas do brilhante jornalista Arnaldo Jabor<sup>8</sup>. Gostei muito! Puxa, como ele escreve bem! Na verdade, duas crônicas afetivas, nas quais o autor revela ao leitor memórias relacionais de alta relevância, no meu entender, numa perspectiva didática.

A primeira, sobre o seu pai. O seu pai, escreve Arnaldo, era oficial da aeronáutica, homem de poucas palavras - pelo menos com o menino Arnaldo, seu filho. Dentre as muitas lembranças do pai, a marca que me pareceu mais forte na memória de Arnaldo foi a distância afetiva que sempre existiu no relacionamento entre os dois.

Não é que Arnaldo e seu pai não se amassem, mas, sim, que não havia clima favorável para que aquilo que sentiam pelo outro fosse expresso de maneira livre e agradável. Nas palavras de Arnaldo, seu pai era severo e triste, mal o via, chegava no aeroporto da sua cidade em aviões de guerra e nem o olhava. Não se comunicavam bem, inibidos um com o outro. Jabor escreve que o seu pai era para ele um perigo de castigos, o Supremo Tribunal que julgava seus erros.

Ah, como o Arnaldo queria que o seu pai conversasse com ele, que lhe desse um abraço afetuoso, uma palavra de aprovação, um gesto carinhoso... Mas, nada. Ele se esforçava para agradar o pai e, de alguma forma, ganhar a sua aprovação, mas o que sobrava desse esforço silencioso era um sentimento de frustração.

Aquela postura paterna distante e enigmática impedia que pai e filho desfrutassem das delícias de um mundo afetivo mutuamente compartilhado. Assim, embora provavelmente movido por intenções nobres de transformar o filho num verdadeiro homem, o pai de Arnaldo imprimiu na memória emocional do filho, ao longo do tempo, creio que sem o saber, uma marca que o próprio tempo não conseguirá jamais apagar.

Para a criança, que é, acima de tudo, emoção, sonhos e imaginação, o que é apenas racional está longe de ser suficiente. No relacionamento familiar, a criança quer e precisa de afeto expresso em palavras sinceras e pelo toque saudável como o abraço, o afago e o beijo paterno e materno, o colo. E, por falar em colo, quem de nós adultos não precisa de um? Quem de nós também não tem carências afetivas?

A criança anseia pelo tempo junto com os pais, tanto com os dois juntos como também somente um deles em certos momentos. Ela clama pela atenção exclusiva, pelo interesse de que nós pais vivamos com ela um pouco da magia do seu próprio mundo, um mundo que o adulto, no seu excesso de racionalidade, pode achar sensato ignorar. E

esse afeto que se externaliza em direção ao outro e espera ser correspondido não é apenas uma necessidade infantil. O adolescente, o jovem, o adulto e o idoso também são seres carentes de afeto e aprovação.

Talvez, para o pai de Jabor, esse afeto já estava embutido na sua postura paterna austera, possivelmente a coerente com as convenções sociais da época sobre o papel do pai na família e na sociedade. Um contexto social no qual a distância marcava as relações entre pais e filhos em nome do respeito.

Entretanto, o que mais me chamou a atenção na leitura da crônica do Jabor foi o grande vazio relacional e afetivo entre os dois ao longo da vida. Mas este é apenas um exemplo de bilhões de casos em todo o mundo, em todas as culturas.

Essa experiência compartilhada por um homem maduro, culto, inteligente e profissionalmente bem-sucedido, nos ensina como as coisas não devem ser entre pais e filhos. Aliás, entre todos os membros da família. Por outro lado, ela também nos sugere o contrário, ou seja, como as coisas devem ser para sermos mais felizes e fazermos também mais felizes as pessoas a quem amamos.

E a segunda crônica? Ah, a segunda foi sobre o avô de Arnaldo. O seu avô lhe dava atenção, o levava para tomar refresco na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, conversava com ele sobre assuntos diversos e o tratava com carinho. Era aquele avôzão. Imagine, até sobre sexo falava com o neto, que era apenas um menino! - e isso naquela época! Leia mais sobre isso no capítulo seguinte.

---

<sup>8</sup> Jabor, Arnaldo. Amor é Prosa, Sexo é Poesia - Crônicas Afetivas. Objetiva, 2004, pp.23 e 121.



## CAPÍTULO 91 – MARCAS DE UMA VIDA (2)

Hoje, Arnaldo Jabor é formado em Direito, e tem sido brilhante como cineasta e jornalista. Gosto de ouvi-lo e sou fã dele. Parece-me independente nas suas opiniões.

Na segunda crônica, sobre o seu avô, Arnaldo Jabor diz que se ele é hoje o que é e se chegou aonde chegou, se não se enveredou pelos caminhos tortuosos da vida, é porque se inspirou na única figura de homem que deixou marcas inspiradoras e inapagáveis em sua vida: o seu avô.

Cada um de nós certamente tem uma história parecida para contar. Pode ser a nossa ou de outras pessoas. Mas a verdade é que estamos falando de fatos da vida real. Histórias que todos conhecemos.

A leitura dessas duas crônicas me levou a fazer duas coisas: primeiro, voltar mentalmente no tempo e identificar três pessoas que deixaram marcas positivas em minha vida que o tempo não conseguiu apagar. E foi muito fácil encontrar. Na verdade, não precisei nem pensar. A resposta sempre esteve bem viva na minha mente.

Vou falar apenas de uma dessas pessoas: o meu pai. Lavrador, frequentou apenas um mês de escola rural muito simples, no sertão nordestino, quando menino. Mas conseguia ler soletrando e gaguejando. Homem pobre e sem cultura, porém, de grande inteligência, intuição e sabedoria.

Todos respeitavam o meu pai e o reverenciavam na comunidade, até mesmo pessoas muito poderosas da cidade mais próxima. Era destemido diante dos grandes desafios da vida. Criou dez filhos, a despeito das circunstâncias extremamente adversas nas quais vivia.

Ele tinha um coração perdoador e grato e uma capacidade admirável de ver nas pessoas apenas o que elas tinham de melhor. Era homem de grande integridade. Nunca o vi mentir, e jamais ouvi qualquer pessoa comentar que ele tivesse mentido ou enganado alguém em qualquer negócio. Sabia respeitar as pessoas, tanto a criança como o adulto, desde o homem mais simples ao mais poderoso dono das terras nas quais morava conosco.

No entanto, nunca abriu mão da sua liberdade de consciência e de pensar com a sua própria cabeça. Era um homem oprimido pela pobreza, porém livre nas suas ideias, na sua visão do mundo, da vida e de Deus. Era humilde no seu espírito, pacífico, amigo da lei e da ordem e submisso às autoridades, porém nunca colocou a sua consciência sob o jugo de outros homens. Acima de tudo, ele era guerreiro, líder, livre! Um vencedor!

Faleceu aos 89 anos de idade, cercado de amor e carinho da minha mãe, filhos e filhas, netos, bisnetos, amigos e irmãos de fé. A sua vida é para todos nós, seus filhos,

um sermão silencioso, porém eloquente e vivo em nossas consciências. A vida do nosso pai ainda nos fala e sempre nos falará bem alto nos sinalizando valores éticos e morais, nos inspirando a encararmos, com garra e fé em Deus, a batalha da vida, sempre respeitando o direito e a propriedade alheios. Vasculhando a minha memória emocional, não encontro vazio afetivo entre nós dois e, sim, uma ponte invisível e real que nos ligava um ao outro.

Em segundo lugar, as crônicas de Arnaldo Jabor me levaram a fazer um exercício mental sobre a minha própria vida. E me fiz duas perguntas muito desafiadoras. Aliás, a respostas é que são desafiadoras: “Quando eu deixar este mundo, quais as marcas que deixarei nas pessoas da minha área de influência? Quais as marcas que deixarei na vida da minha esposa (se eu for primeiro), filhos, familiares? Sugiro a você também se fazer essa pergunta e respondê-la honestamente.

## CAPÍTULO 92- JESUS CRISTO, O EXEMPLO MÁXIMO

Acho extraordinário um registro que o evangelista Mateus faz sobre o momento da crucificação de Jesus.

Está no capítulo 27, versículo 4: *O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e tudo o que se passava, ficaram possuídos de grande temor e disseram: Verdadeiramente este era o Filho de Deus.*

Aqui está um homem crucificado. Homem polêmico em sua época. Homem que incomodava, embora sem pretender, os intocáveis mestres judaicos com um ensinamento novo e revolucionário. Revolucionário no sentido de uma reinterpretação da Lei de Moisés no que dizia respeito à autêntica adoração a Deus, o amor ao próximo e aos ensinamentos do reino de Deus.

Esse homem que não abria mão da sua identidade, nem da integridade do seu caráter e nem da integridade da sua mensagem. Homem movido por um único e supremo interesse: fazer a vontade do seu Pai.

Jesus estava sempre no meio da massa de pecadores, se identificava com a realidade dessas pessoas, mas não com os pecados em que elas viviam. Nesse aspecto, a sua vida era um contraste desconcertante. Homem que comia e bebia com pessoas íntegras e também com aquelas notadamente corruptas, como cobradores de impostos, porém influenciava ao invés de ser influenciado. O seu papel era semelhante ao do fermento na massa: levedar, mas levedar com o gérmen da justiça, da verdade divina, do amor de Deus.

Na sua época, Jesus sempre fazia a diferença, estivesse no templo, na sinagoga, na praça, ou no meio das autoridades. Alcançava indivíduos e multidões com as suas palavras, os seus discursos e as suas obras miraculosas. Mas o que realmente convencia essas pessoas a aceitarem a sua mensagem era o sermão silencioso e poderoso da sua vida.

Ele tinha amigos leais e dedicados, que o amavam e o acolhiam em suas casas. Mas também tinha inimigos que o odiavam e o repeliam. Ele não se interessava por assumir uma posição politicamente correta no meio do seu povo, nem perante os detentores do poder, fosse ele o religioso ou o político. Ele tinha uma missão: salvar pecadores, dar-lhes a vida eterna. E realizar isso implicava morrer na cruz e ressuscitar ao terceiro dia.

Jesus possuía uma motivação interior poderosa: o amor incondicional ao Pai. Ele e o Pai sempre coexistiram em profunda harmonia. Agradar o Pai era delicioso para ele. E entre os dois não existia nenhum vazio emocional, por mínimo que fosse.

O Filho tinha em si as marcas eternas do caráter do Pai. Aliás, o seu caráter era o mesmo do Pai. E ele disse ser igual ao Pai: *Quem me vê a mim vê o Pai* (João 14.9).

No cumprimento da sua missão, Jesus atentou para as necessidades dos banidos da sociedade, curou cegos, mudos, surdos e parálíticos e consolou corações feridos. Ele incluía os excluídos. Ressuscitou mortos e plantou a vida, a fé e a esperança em muitos corações. Na vida dessas pessoas, é natural que ele, ao morrer, deixasse marcas inapagáveis.

Mas... e na vida dos seus adversários, que marca deixaria? Qual seria a marca da sua vida na vida daqueles que o crucificaram? Também nesses, ele deixou impressa a sua marca. Esta frase do centurião ficou gravada com letras eternas em suas mentes e corações: *Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus* (Mateus 24.7). Essa marca continua viva na vida dos seus adversários, e o tempo jamais conseguirá apagá-la.

## CAPÍTULO 93 – A MUDANÇA PODE COMEÇAR HOJE

Todo dia é o tempo ideal para deixarmos o velho que não serve e construirmos o novo que é bom. Esse dia pode ser hoje.

Nesse desafio, o nosso maior inimigo é o apego ferrenho às coisas velhas e imprestáveis que acumulamos ao longo da vida: orgulho, mágoas, dureza de coração, severidade, intolerância, controle doentio das pessoas, ódio, desejo de vingança, inveja e coisas desse tipo. Esses são vírus negros em seus propósitos corrosivos e assassinos. Eles destroem os nossos relacionamentos, especialmente com as pessoas mais amadas e que nos são mais preciosas. Eles levantam altos e largos muros de separação entre nós e as pessoas que nos são mais queridas.

Abandonar o velho que não presta e construir o novo que é bom pode ser um grande desafio. Mas vale a pena, e muito! E Deus está muito interessado em nos ajudar a fazer isso.

Ao invés de muros, construamos pontes entre nós e as pessoas. O material dessas pontes não se compra no mercado nacional, nem se importa do mercado externo. Na verdade, o dinheiro não o compra. O único jeito de adquiri-lo é recebendo-o de graça da única fonte que o produz e o distribui para quem o quer de verdade: Deus. E esse material tem diversos componentes: atenção, ouvir, conversar sobre assuntos pessoais, separar tempo para estarmos juntos, fazermos coisas juntos, pedirmos perdão e o concedermos às pessoas, compartilharmos o nosso mundo interior com aqueles que amamos, receber e dar carinho, e assim por diante.

Neste mundo competitivo e de correria em que vivemos, é preciso abrir espaço na nossa agenda para as pessoas que amamos. Não se constrói uma ponte afetiva sozinho. Mas a partir de dois, já podemos construí-la. Mas, mesmo tendo todo o material, nenhuma ponte se constrói sem o ingrediente do tempo. Para construir, é preciso dedicar tempo. E para termos tempo é preciso reservar tempo. E para reservar tempo, é preciso definir nossas prioridades. Sempre teremos tempo para as pessoas que estão no topo das nossas prioridades.

O tempo é um recurso divino intangível precioso. Felizmente, ele é um recurso administrável, e sempre se ajusta às nossas prioridades. E esse recurso é dado por Deus a todos nós, de graça, e nos cabe a responsabilidade de gerenciá-lo com sabedoria se queremos ser mais felizes e contribuir para que as pessoas que amamos também o sejam.

Hoje, eu e você podemos influenciar positivamente outras pessoas, especialmente aquelas que fazem parte do nosso universo afetivo mais próximo. Podemos romper com a velha vida de indiferença em relação às pessoas que nos são preciosas. Temos hoje a oportunidade de começar a construir uma nova vida relacional

O SOL ESTÁ SEMPRE BRILHANDO

com as pessoas que amamos. E se cremos em Deus e pedirmos sinceramente que ele nos ajude nisso, ele certamente o fará.

## CAPÍTULO 94 – A PRECIOSA LIÇÃO DE UM ASSALTO

Há vários anos, eu, um amigo e nossas esposas e filhos e filhas adolescentes fomos assaltados à mão armada por três rapazes em uma casa de praia, no litoral paulista.

Com o revólver na minha cabeça, fui ordenado a deitar no chão. Ali, imóvel, totalmente rendido e indefeso, me vi bem na fronteira entre a vida e a morte. Bastava um movimento de dedo no gatilho.

Cara a cara com a eternidade, em meio à enorme tensão que dominava a todos nós, fiz um rápido balanço mental da minha vida corrida, agitada. Eu queria uma resposta honesta para uma única pergunta que eu me fazia: *A maneira como vivi a minha vida até aqui realmente valeu a pena?*

Acredite, só uma coisa me incomodava profundamente: o pouco tempo que eu tinha vivido em momentos de lazer e de comunhão com os meu filho, minhas filhas e a minha esposa.

Eu senti que, se morresse ali, levaria esse estranho vazio para sempre e também deixaria em suas vidas esse mesmo sentimento. Claro que senti o desejo sincero de reparar isso. Mas se aquele assaltante drogado e nervoso apertasse o gatilho, seria tarde demais para resgatar o que havia ficado para trás.

Quando finalmente os rapazes nos trancaram no banheiro e se foram levando o meu carro e o meu filho, entendi que Deus estava me dando uma nova oportunidade. Depois de meia hora, meu filho estava de volta com o carro. Nunca vi isso em toda a minha vida: assaltantes devolverem o refém e o carro em tão pouco tempo, e fazerem isso bem próximo a uma delegacia de polícia. Mas estávamos orando por meu filho no banheiro, e também por aqueles rapazes para que viessem a conhecer o amor de Deus que está em Cristo e tivessem suas vidas transformadas.

Então, nos dias que se seguiram, reavaliei toda a minha vida, a minha agenda, o valor real e eterno das coisas que eu fazia. Enfim, revi as minhas prioridades. E refiz a minha agenda para adequar o meu tempo a essas novas prioridades. Coloquei Deus no centro do meu tempo e logo em seguida minha esposa e filhos. A igreja, o trabalho e todas as demais coisas que demandavam o meu tempo e atenção, coloquei depois dessas novas prioridades.

Foi o início de uma mudança abençoada em nossa família, tanto nos nossos relacionamentos familiares como nas nossas vidas pessoais. E mantenho essa ordem de prioridades até hoje.

## CAPÍTULO 95 - REVEJA SUAS PRIORIDADES

Nem todas as pessoas passam pela experiência apavorante de um assalto à mão armada para serem provocadas a avaliarem se a maneira como têm vivido os seus anos realmente valeu a pena. Mas, todas passarão pelo leito da morte. E quando chegar a sua, a nossa hora, o que vamos lamentar não ter feito?

Nesses momentos em que a vida e a morte estão separadas uma da outra apenas por uma linha muito fina, os filhos e o cônjuge vêm à nossa mente. É uma hora de avaliação da vida e também de despedida definitiva das pessoas que amamos e que nos amam. É uma viagem para a qual se tem um bilhete de ida, mas não o de volta.

Os últimos instantes da vida de uma pessoa podem ser os mais importantes para ela. E, como aconteceu comigo no assalto, é possível que você lamente profundamente os momentos agradáveis que poderia ter tido, mas não teve, junto com as pessoas que você ama e que amam você. Entretanto, será tarde demais para reparar essa falha. A única chance que você tem é *agora*.

Ao longo de quase quatro décadas, tenho conversado com várias esposas e filhos de pastores proeminentes e respeitados em suas igrejas e denominações. Pessoas famosas. E tenho constatado o mesmo sentimento a afligir profundamente a grande maioria dessas esposas e filhos: a amargura.

Amargura não pelo fato de esses homens serem ministros do evangelho de Cristo, mas, sim, porque essas esposas e filhos se sentem em último plano em relação às pessoas da igreja. Ressentem-se profundamente por não terem espaço nas agendas desses maridos e pais. São mulheres que se sentem viúvas de maridos vivos e filhos órfãos de pais vivos, embora morem sob o mesmo teto e frequentem a mesma igreja.

Muitos líderes cristãos jamais têm tempo para frequentar reuniões de pais na escola dos filhos, nem para conversar com os professores sobre o rendimento escolar deles. Sempre delegam essas tarefas para a esposa. Também, não têm tempo para sair com a esposa, os filhos, nem para as celebrações em família. Estão sempre muito ocupados.

Quando esses líderes participam de algum momento especial de algum membro da família, o fazem motivados mais pelo sentimento de obrigação do que pelo prazer de estarem juntos com suas famílias e familiares, de participarem da vida de sua esposa, filhos, parentes e amigos.

E por que muitos líderes proeminentes procedem dessa maneira? Penso que a resposta é muito simples: a esposa e os filhos nem sequer constam da sua lista de prioridades.



Para o apóstolo Paulo, o ministério mais importante que um líder cristão pode ter é o de cuidar da sua família. Cuidar no sentido amplo, de ministrar às necessidades dela, sejam financeiras, sociais, emocionais, psicológicas ou espirituais.

Não basta ser provedor das necessidades materiais. Existem necessidades que só serão providas se o líder reservar tempo específico em sua agenda para isso. E não basta o tempo, é preciso também querer de verdade. E não basta tempo e querer de verdade, é preciso ações objetivas, como, por exemplo, pegar a agenda e marcar o dia e o horário em que iremos ao shopping tomar sorvete juntos ou que dia e horário vamos ficar em casa um filme comendo pipoca.

Pode parecer estranho, mas precisamos da graça divina para fazer isso acontecer de maneira leve e agradável para nós e nosso cônjuge e filhos. A motivação interior que nos move a fazer as coisas é que determina o resultado delas.

É Deus quem nos motiva a querer e também a realizar o que é bom para nós e nossa esposa e filhos. Por que não pedimos isso para ele? Ele está esperando que queiramos fazer essa parceria com ele. No entanto, se preferimos levar esse propósito sozinhos, com certeza ele não vai violar a nossa vontade e decisão. Mas nossas chances de conseguirmos que as mudanças internas mais profundas aconteçam são pequenas.

Quando estamos com Deus e ele está conosco num determinado propósito de mudança pessoal, tudo é possível. Nesse caso, é só orar a ele sinceramente pedindo que trabalhe conosco nesse propósito de mudança num ponto específico do que somos no íntimo e fazermos a nossa parte no processo. Orar sempre e lhe agradecer sempre o nosso progresso.

É indispensável termos em mente que mudança interior geralmente não é um ato instantâneo, mas, sim, um processo que pode ser mais rápido para certas pessoas, e mais lento e demorado para outras. Porém, a perseverança paciente e determinada aliada ao exercício de ir desenvolvendo junto com a Espírito Santo aquela mudança interior que estamos desejando sinceramente vale muito a pena! Os resultados são deliciosos na nossa mente, espírito e emoções.

Sugiro que você identifique uma área da sua vida que deseja mudar para melhor e leve isso imediatamente em oração para o Senhor e peça-lhe que trabalhe junto com você nesse processo. Por exemplo, se você tem o hábito de mentir e de se convencer de que está falando a verdade, fale dessa sua fragilidade para o Senhor e faça o firme compromisso de mudar nesse ponto do seu caráter. Peça ao Senhor Jesus que, na pessoa do Espírito Santo, entre nisso com você. Sem o Senhor, posso garantir que você não irá muito longe nesse processo de mudança interior. Mas, com ele, essa mudança vai se tornar realidade.

Para mudar interiormente, precisamos querer de verdade. Só mudamos naquilo que queremos realmente mudar. E se você se analisar honestamente e descobre que, no fundo, você não quer mudar naquele ponto de sua vida interior? Nesse caso, o primeiro passo é pedir em oração diária ao Senhor que produza em você a vontade sincera e firme de mudar naquela área da sua vida. Creia no que ensina a Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus: ... *é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele* (Filipenses 2:13).

Você vê? Deus produz em nós a vontade e também a capacidade de realizar de acordo com a vontade dele para a nossa vida. E essa vontade de Deus para nós como seus filhos e filhas amados está revelada na Bíblia Sagrada. É só ler a Palavra de Deus com cuidado e atenção para entender qual é a vontade dele para nós. E ao nos compararmos com essa vontade revelada, identificamos os pontos nos quais precisamos mudar para vivermos em harmonia com a vontade do nosso Pai celestial. Isso é lindo, lindo!

Além disso, nos tornarmos cada dia parecido com Cristo no seu caráter e no seu amor é uma experiência maravilhosa! Por que você não experimenta? Você vai descobrir que mudar interiormente com a ajuda do Senhor é uma caminhada deliciosa e gloriosa! E na medida em que caminhamos com ele, ele próprio vai realizando as mudanças em nós com a nossa cooperação com ele. Ele vai fazendo a parte dele, e nós a nossa. Não é preciso esforço, mas, sim, determinação, firmeza de propósito e perseverança.

Como filhos e filhas de Deus, pela graça divina que nos foi disponibilizada e concedida em Cristo, precisamos entender que nosso cônjuge, filhos e filhas são nosso primeiro ministério para Deus. Portanto, nossa prioridade maior. Isso é tão verdadeiro que a Bíblia ensina que aquele líder que não lidere bem a sua família não está apto para liderar na igreja do Deus vivo. Atente para isto: ... *se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus?* (1 Timóteo 3.5).

Aliás, Deus estabeleceu a família muito antes de estabelecer a igreja! E antes de Deus nos investir no ofício sagrado de líderes da igreja, nos investiu no ministério sagrado de líderes da nossa esposa, filhos e filhas. A esposa e os filhos são o primeiro ministério de um homem de Deus. Este mesmo ensino do Senhor também se aplica à mulher que exerce liderança na igreja.

Cuidar bem da sua família é qualidade essencial para quem cuida da igreja de Deus. Sem esse requisito, estamos bíblicamente reprovados para esse honra sagrada, embora muitos pastores de igrejas façam, deliberadamente, vista grossa para isso ao escolherem líderes para os ministérios da igreja. Geralmente, nem mesmo importa se os candidatos são bons maridos, bons pais, bons vizinhos e pagam suas contas. É lamentável, porém verdadeiro.

## CAPÍTULO 96 - CARTA DE UMA ESPOSA DE PASTOR AO SEU MARIDO

Para muitos pastores, a igreja vem antes da família. Não é de admirar que a esposa se ressentia seriamente por haver perdido o marido para a sua concorrente - a igreja -, o mesmo ocorrendo com os filhos.

Na sua obra *Priorities in Ministry* (Prioridades no Ministério)<sup>9</sup>, Ernest E. Mosley transcreve o relato comovente da esposa de um líder cristão dedicado, compartilhado por Gordon MacDonald no seu livro *Magnificent Marriage* (Casamento Magnífico)<sup>10</sup>.

Quando eu pedia ao meu marido para passar tempo com as crianças ou comigo, era apenas uma tentativa, e se eu insistisse nesse ponto, ele dizia que eu estava “pegando no pé” e tentando desviá-lo da obra de Deus, que estava me comportando de maneira egoísta, ou revelando possuir um problema espiritual.

Honestamente, eu nunca quis nada a não ser a vontade de Deus para o meu marido, mas nunca consegui que ele considerasse que talvez a sua família fosse uma parte da vontade de Deus.

Você pode apenas pedir durante tanto tempo. Mas há um limite de tempo que você suporta ser ignorada e negligenciada. Você ameaça ir embora sem a intenção de realmente fazer isso, até que você cumpre a ameaça. Você considera as consequências desagradáveis, até que elas deixam de o ser. Você decide que nada pode ser mais desagradável do que ser só e se sentir sem valor.

Finalmente, você toma a decisão de que você é uma pessoa que possui valor real como indivíduo. Você afirma o seu ego e reúne as suas forças como mulher.

Foi isso que eu fiz. Eu queria ser mais do que uma dona-de-casa, trocadora de fraldas e parceira sexual. Eu queria ser livre da amargura profunda e da culpa que lentamente devoravam a minha sanidade mental e psicológica.

No meu íntimo, havia alguma coisa que me fazia não simplesmente não gostar do meu marido, mas também de qualquer coisa que ele fazia ou tocava.

O seu “Eu amo você” tornou-se sem sentido para mim porque ele não agia como se isso fosse verdadeiro. Os seus presentes eram evidência para mim da sua culpa porque não passava mais tempo comigo. As suas aproximações sexuais eram respondidas com frieza, que nos frustrava a ambos e aprofundava o abismo entre nós.

Tudo o que eu queria era sentir como se ele realmente quisesse estar comigo. Mas não importa quão duro ele tentasse, eu sempre me sentia como se tivesse impedindo que ele estivesse fazendo alguma coisa. Ele tinha uma maneira de me fazer sentir culpada porque eu o tinha forçado a gastar o seu precioso tempo com as crianças e comigo.

Apenas uma vez desejei que ele tivesse cancelado alguma coisa por nós ao invés de nos cancelar.

De repente, acordei um dia e entendi que tinha me tornado uma pessoa terrivelmente amarga. Não somente me ressentia do meu marido e do seu trabalho, mas estava começando a rejeitar a mim mesma. No desespero para me salvar, nossos filhos, e acho que até mesmo o meu marido...eu o deixei.

Não creio que ele realmente acreditava que eu o deixaria. Penso que eu também nunca cri realmente que eu faria isso. Mas eu o deixei.

---

<sup>9</sup> Mosley, E. Ernest. *Priorities in Ministry*. Nashville, Tennessee, Convention Press, 1978, pg. 46.

<sup>10</sup> MacDonald, Gordon. *Magnificent Marriage*. Wheaton, Tyndale House, 1976, pg 43-44.

## CAPÍTULO 97 - QUANTO DAMOS DE NÓS PARA NOSSO CÔNJUGE E FILHOS?

Considerando que o tempo é um recurso geralmente escasso no mundo agitado em que vivemos, temos que gerenciá-lo com bom senso.

É verdade que muitas atividades demandam a maior parte do nosso tempo. Porém, a nossa esposa e filhos compreendem isso muito bem. O que eles querem é que reservemos algum tempo só para eles e que esse tempo seja de qualidade, isto é, totalmente para eles.

Porém, para que esse tempo seja de qualidade, precisamos estar ali com eles, cem por cento presentes de corpo, alma e espírito. E estar ali com eles porque realmente queremos isso, de coração. E devemos nos programar antecipadamente para rejeitar a entrada de intrusos nesse tempo sagrado que reservamos só para eles. Eles o querem cem por cento e não admitem dividi-lo com outras pessoas ou compromissos nossos, a menos que se trate de situação na qual eles próprios nos encorajam a abrir mão de parte desse tempo, como, por exemplo, em situação de emergência na qual a nossa ajuda e socorro são absolutamente necessários.

Tempo de qualidade é um presente maravilhoso que damos à nossa esposa e filhos. Eles se sentirão felizes com isso, e nós também. É assim que construímos ligações afetivas abençoadoras entre nós.

Entendo que, na nossa ordem de prioridades como líderes, só Deus deve vir antes do nosso cônjuge e filhos.

Nenhum sucesso deste mundo compensa a perda da família. E essa perda pode não ser do tipo separação ou divórcio, mas, no sentido relacional, afetivo, mesmo estando morando todos debaixo do mesmo teto.

Creio que não existe sucesso maior para um homem ou mulher do que o amor e a comunhão que desfruta, no amor de Deus, com o seu cônjuge e filhos. E isso não cai do céu lindamente embrulhado em uma caixa de presentes na época do Natal. Ao contrário, é construído ao longo dos anos em parceria amorosa e paciente entre nós, Deus e nossa esposa e filhos. Por outro lado, é algo que podemos destruir sozinhos quando optamos por priorizar outros interesses e ambições. E podemos destruir rapidamente.

Precisamos estudar, trabalhar, fazer exercícios físicos e atender a uma série de compromissos e rotinas no dia-a-dia. No entanto, não podemos e nem devemos deixar de reservar tempo para desenvolver e fortalecer relacionamentos. E isso demanda estar

junto, diálogo, lazer, compartilhamento e obediência aos ensinamentos divinos para a vida bem-sucedida. E eles estão na Bíblia Sagrada.

Se realmente queremos saber se damos suficiente tempo, atenção e afeto ao nosso cônjuge e filhos, não perguntemos a nós próprios porque sempre pensamos que sim. Então, o que fazer? Pergunte a eles e permaneça receptivo às suas respostas sem se ofender nem se defender, mas, sim, refletir honestamente sobre essas respostas e decidir abençoá-los respondendo positivamente a essa carência deles. O resultado disso pode ser fantástico! E você vai ficar muito feliz com isso, acredite.

## CAPÍTULO 98– É PRECISO ABRIR A PORTA

Quando nos fechamos no nosso mundo interior, também impedimos que as pessoas entrem nele.

Sabemos que relacionamentos se desenvolvem e se fortalecem quando temos acesso, pelo menos em parte, ao mundo interior do outro, e o outro ao nosso. É concedendo um ao outro essa zona de livre acesso que construímos a intimidade com o nosso cônjuge e nossos filhos.

### **Hoje é o melhor dia para você começar a mudar de verdade**

Quando realmente queremos mudar de dentro para fora, hoje é o melhor dia para começar. Até mesmo porque, para nós mortais, o amanhã é apenas uma interrogação diante da qual silenciamos. Portanto, pausa para reflexão.

Como já vimos, o tempo passa, e as oportunidades também. Mas não só isso, a vida terrena também passa. E quando chegar a nossa hora de deixar este mundo, caso nos seja concedido o tempo para avaliarmos se viver como vivemos realmente valeu a pena, qual será a nossa resposta? Claro, provavelmente ninguém vai escutá-la, a não ser o nosso próprio coração e a nossa consciência. Mas vamos levá-la para a eternidade. Então, para aliviar o sentimento de culpa, talvez venha à nossa mente aquela desculpa racional: *Minha vida era muito corrida. Não tinha tempo. A minha agenda era muito cheia...*

Lamentavelmente, esta pode ser a marca mais profunda que talvez deixemos na vida do nosso filho, da nossa filha ou do nosso cônjuge: *Ele - ou ela - nunca teve tempo pra mim.*

Entretanto, podemos deixar impressas na memória das pessoas que amamos coisas do tipo: *Ele - ou ela - foi muito especial para mim. O seu exemplo de vida vai influenciar a minha enquanto eu viver. Tivemos momentos maravilhosos juntos, etc.*

Essa marca, o tempo jamais será capaz de apagar. E será a marca da nossa vida impressa na vida de quem amamos e que também nos ama.

A verdade é “aquele dia” pode chegar de repente, mesmo para pessoas jovens, saudáveis, cheias de talentos e de sonhos. Por favor, pense nisso e faça alguma coisa enquanto o tempo e a oportunidade ainda sorriem para você. Dê tempo de qualidade para as pessoas que você ama e que amam você.

O maior presente que você pode dar à sua esposa e filhos é você próprio. Sua atenção, seu carinho, seu amor, sua admiração, seu apoio, seu interesse real por cada um deles, sua participação bem presente na vida deles.

Existem pessoas que não se permitem amar profundamente seus cônjuges e filhos devido ao medo oculto de sofrerem, como, por exemplo, no caso de algum deles frustrar suas expectativas em algum tempo, ou na hipótese de perda por morte. Você pode abrir mão definitivamente dessa muleta emocional porque ela priva você de uma riqueza relacional e afetiva maravilhosa entre você e essas pessoas que lhe são preciosas. Amar é maravilhoso e profundamente libertador. E não requer esforço emocional. É leve e lindo! Mas não amar exige muito esforço e sofrimento emocional.

## CAPÍTULO 99 – FAZEMOS REALMENTE A DIFERENÇA?



*Se não fazemos a diferença, que diferença fazemos?*

A história das organizações em geral, da igreja de Cristo, da política, das nações e do mundo e a família sempre estiveram ligadas à qualidade dos seus líderes. São eles que fazem a diferença para pior ou para melhor.

Para nós, líderes cristãos da atualidade, a grande pergunta é: Que diferença estamos fazendo na família, na vizinhança, na igreja, no trabalho, no governo e na sociedade?

Qualquer que seja a nossa resposta, ela não deve ser levada muito a sério, pois somos suspeitos quando avaliamos a nós próprios. Geralmente somos muito generosos e até presunçosos nessa autoavaliação.

Também, não devemos confiar na avaliação positiva que a massa humana que lideramos em nossas igrejas faz de nós. Até porque essa massa é facilmente moldável e manobrável. Além do mais, diversos fatores podem condicioná-la a ver a realidade sobre os seus líderes de maneira enganosa.

As massas humanas são como as embarcações marítimas: podem estar superlotadas de gente e ser impulsionadas por um motor poderoso, mas o rumo que elas tomam depende de quem estiver no leme.

Geralmente, as pessoas religiosas reverenciam os seus líderes. No caso de líderes cristãos, que isso seja o justo reconhecimento do fato de serem homens e mulheres de Deus de caráter íntegro e vida piedosa, líderes que fazem toda a diferença!

No entanto, sugiro buscarmos a resposta a essa pergunta nas pessoas com as quais convivemos diariamente: a esposa, os filhos, os parentes, os liderados mais próximos, funcionários e às pessoas que nos lideram ou nos chefiam.

Podemos começar com a esposa e filhos lhes perguntando como temos sido como marido e pai cristãos. Além disso, se tivermos a ousadia de ser transparentes com a nossa consciência diante de Deus, poderemos nos confrontar com o ensino da Bíblia sobre liderança e vida cristã com a intenção sincera de pedir que o Espírito Santo esteja trabalhando juntamente conosco no processo da nossa mudança real, honesta, de dentro para fora. Garanto que só poucos líderes conseguem fazer isso. Mas se você fizer, já vai fazer muita diferença, pois a área de influência de um líder pode ser enorme.

Quando líderes abrem mão da integridade e do temor de Deus, ainda assim é perfeitamente possível se manterem no alto conceito dos liderados. Porém, há uma questão muito séria sobre a qual cada um de nós precisa refletir: Como Deus está vendo e avaliando a nossa vida pessoal e a nossa liderança?

A grande verdade para a qual muitos de nós fazem “vista grossa” é o fato de que a linha que separa a verdade divina do engano do nosso coração é tênue e pode ser imperceptível. E essa armadilha geralmente é eficaz para nos afastar do Senhor, vivamos nós no anonimato ou sob os holofotes de grande notoriedade.

Que diferença fazemos para Deus, pessoas e a sociedade nestes dias em que abrir e liderar igrejas é visto, por muitos, como “um negócio da China”?

Sempre existiram, e sempre existirão, aqueles de mentes envenenadas e cegas pela cobiça de dinheiro e de poder. Esses veem na religião a sua oportunidade de enriquecimento e ascensão política. Tais líderes, à semelhança dos falsos profetas de Judá, falam e profetizam, em nome de Deus, o que sabem que as pessoas querem ouvir.

Esses líderes, movidos por torpe ganância, enchem os seus ouvintes de falsas promessas de prosperidade como estímulo para fazerem as suas contribuições de sacrifício quando, na verdade, eles, seus familiares e assessores mais próximos parecem ser o único testemunho real dessa “milagrosa” prosperidade financeira e econômica. Uma prosperidade que se sustenta na fé sincera de uma massa humana espiritualmente faminta, que não sabe para onde ir. Esses líderes reinam absolutos sobre a herança de Deus ao invés de servir. E espoliam as massas dizendo-se profetas divinos.

Entretanto, esse cenário nunca refletiu, e nem reflete hoje, toda a realidade. Existe um outro lado da moeda, louvável, extraordinário, formado por verdadeiros homens e mulheres de Deus, pessoas de caráter íntegro, tementes e consagradas a Deus.

Esses homens e mulheres fantásticos dignificam o ministério cristão e honram o evangelho de Cristo. Pessoas abnegadas, que atenderam ao chamado real de Deus para o servirem no sagrado ministério de apascentar, com amor e fidelidade, o rebanho dele. Esses servem ao invés de reinar. Graças a Deus por eles! Esses, nunca ficarão ricos no ministério cristão. Ao contrário, viverão padrão de vida condizente com a realidade financeira das comunidades que pastoreiam caso sejam integralmente sustentados por elas.

Dentre esses líderes, estão aqueles que optaram por uma vida financeiramente comedida para tornar Cristo conhecido como o único Salvador e Senhor, por todas as partes do nosso planeta. E vamos encontrá-los desde os grandes conglomerados urbanos aos lugares mais remotos do mundo.

Os líderes desse santo cenário são legítimos parceiros de Deus. Pessoas das quais o mundo, na sua injustiça de toda ordem, não é digno. São sal da terra e luz do mundo e, por isso, fazem toda a diferença!



## CAPÍTULO 100 – HAVERÁ UM JUIZO DIVINO PARA OS MAUS LÍDERES CRISTÃOS?

A parábola do servo bom e do mau, no evangelho segundo Mateus, o Senhor Jesus nos adverte a respeito da qualidade da nossa liderança sobre os demais servos dele que nos foram confiados.

A primeira parte da parábola é um encorajamento vigoroso à fidelidade e à prudência, e diz o seguinte:

*Quem é, pois, o servo fiel e prudente, a quem o senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim. Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens (Mt 24.45-47).*

Vejam os que o Senhor nos ensina aqui sobre liderança cristã. Primeiro, esse líder é tão servo quanto aqueles colocados sob seus cuidados, e todos têm o mesmo senhor. Segundo, esse líder foi colocado sobre os seus conservos com o propósito exclusivo de os servir: *para dar-lhes o sustento a seu tempo*. Terceiro, o senhor espera que esse servo seja fiel e prudente até à sua volta. Por último, se for encontrado fiel e prudente, o senhor o terá por bem-aventurado e lhe confiará todos os seus bens.

A segunda parte da parábola é uma severa advertência contra o servo relapso, e diz o seguinte:

*Mas, se aquele servo, sendo mau, disser consigo mesmo: Meu senhor demora-se, e passar a espancar os seus companheiros e a comer e beber com ébrios, virá o senhor daquele servo em dia que não o espera e em hora que não sabe e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os hipócritas; ali haverá choro e ranger de dentes (Mt 24.48-51).*

E aqui, o que Jesus nos ensina sobre liderança? Primeiro, um servo mau pode também ser investido como líder do rebanho de Deus. Segundo, esse líder começou bem, mas depois começou a fazer besteira, já que o senhor demorou voltar. E fez isso porque era mau e lhe faltou bom senso. Terceiro, é o líder quem decide como vai tratar as pessoas sob seus cuidados. Quarto, o senhor desse líder e dos seus conservos virá de surpresa, e ele terá o mesmo tratamento dos hipócritas, ou seja, será lançado num lugar onde haverá choro e ranger de dentes. Com toda a certeza, esse lugar não será o céu, pois não há uma só referência bíblica dizendo que o céu é um lugar de choro e ranger de dentes.

A parábola sugere que os líderes passíveis desse juízo sabem que o senhor deles vai voltar, mas não dão a mínima. No linguajar informal de hoje, o líder mau da parábola diria: “Num tô nem aí!”. Por isso, como o senhor tarda, domina, oprime, manipula, explora e espolia seus conservos e vive pecaminosamente. No meu entender, todas essas ideias estão contidas na expressão *...e passar a espancar os seus companheiros e a comer e beber com ébrios...*

Jesus parece também sugerir que esses líderes ignoram deliberadamente os princípios basilares da liderança no reino de Deus: amor e serviço ao Senhor e aos liderados. Consequentemente, para eles a integridade, o pastoreio autêntico dos liderados, a coerência e a ética cristãs tornaram-se princípios retrógrados e obsoletos de liderança. Em seu lugar, passaram a prevalecer interesses nitidamente particulares.

Sendo líderes fiéis a Deus e prudentes tanto na vida pessoal quanto na nossa liderança, por certo fazemos toda a diferença para Cristo neste mundo. Caso contrário, que diferença fazemos?

Por favor, em nome do verdadeiro amor, faça toda a diferença para Cristo onde você estiver e em tudo o que você fizer. Eu também estarei me empenhando sinceramente por isso. Vamos nos tornando, cada dias, líderes excepcionais e assim glorificarmos a Deus. Combinado?

### **Oremos juntos**

*Ó Deus, concede-nos a graça de sermos líderes excepcionais que fazem toda a diferença! Neste mundo de tantas trevas morais, éticas e espirituais, concede-nos brilhar por Cristo como filhos da luz na nossa família, na nossa atividade profissionais e na igreja. Em nome de Jesus. Amém.*

Seu irmão e amigo em Cristo,

Mariano Barroso Marques

## CITAÇÕES FEITAS NO TEXTO

- <sup>1</sup> Halley, Henry H. Manual Bíblico. São Paulo, Vida Nova, 1970, p. 213.
- <sup>2</sup> Hill, Napoleon. A Lei do Triunfo. 8.ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1991.
- <sup>3</sup> e <sup>5</sup> Haggai, John. Lead On! – Leadership that endures in a changing world. Dallas, Texas, World Publishing, 1986, p.4 e 14
- <sup>4</sup> Sanders, J. Oswald. Liderança Espiritual. 3.ed. São Paulo, Mundo Cristão, 1989.
- <sup>6</sup> Covey, Stephen. Os Sete Hábitos da Pessoas Muito Eficazes, São Paulo, Best Seller, 1989, p. 22.
- <sup>7</sup> De Pree, Max. Liderar é uma Arte. São Paulo, Best Seller, 1989.
- <sup>8</sup> Jabor, Arnaldo. Amor é Prosa, Sexo é Poesia - Crônicas Afetivas. Objetiva, 2004, pp.23 e 121.
- <sup>9</sup> Mosley, E. Ernest. Priorities in Ministry. Nashville, Tennessee, Convention Press, 1978, pg. 46.
- <sup>10</sup> MacDonald, Gordon. Magnificent Marriage. Wheaton, Tyndale House, 1976, pg 43-44.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- A Bíblia Sagrada, Edição Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 2a. ed., 2000.
- A Bíblia Anotada. São Paulo, Mundo Cristão, 1978.
- Bíblia Vida Nova, S.R. São Paulo, Vida Nova, 3a. ed. 1980.
- BARBER, J. Cyril. *Neemias e a Dinâmica da Liderança Eficaz*. São Paulo, Vida, 1982.
- BOYER, Orlando. *Pequena Enciclopédia Bíblica*. São Paulo, Vida, 7ª ed. 1978.
- BREngle, Samuel Logan. *Para que Todos Sejam Santos*, vol 1 e 2. Belo Horizonte, Betânia, 1971.
- CHAPLIN, R.N & BENTES, J.M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo, Editora e Distribuidora Candeia, 1991.
- COVEY, Stephen. *Os 7 Hábitos das Pessoas Muito Eficazes*. São Paulo, Best Seller, 21ª ed.
- DRUCKER, Peter. *Introdução à Administração*. São Paulo, Pioneira, 3a. ed. 1998.
- DAYTON, R. Edward; ENGSTROM, W. Ted. *Como Aproveitar ao Máximo o Seu Tempo e Potencial*. Belo Horizonte, Betânia, 1976.
- D'SOUZA, Anthony. *Leading Effectively*. Cingapura, Haggai Institute, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Leading Others*. Cingapura, Haggai Institute, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Being a Leader*. Cingapura, Haggai Institute, 1985.
- ENGSTROM, Ted. *Como se Faz um Líder Cristão*. Portugal, Núcleo/Queluz, 1984.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FREE, Max de. *Liderar é Uma Arte*. São Paulo, Best Seller, 1989.
- HAGGAI, John. *Lead On - Leadership That Endures in a Changing World*, Dallas, Word Publishing, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Be Careful What You Call Impossible*. Eugene, Harvest House Publishers, 1989.
- HALLEY, Henry H. *Manual Bíblico*. São Paulo, Vida Nova, 1970.
- HILL, Napoleon. *A Lei do Triunfo*. 8ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1991.
- MOSLEY, Ernest E. *Priorities in Ministry*. Nashville, Convention Press, 1978.
- JABOR, Arnaldo. *Amor é Prosa, Sexo é Poesia - Crônicas Afetivas*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2004.
- JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1990.
- SANDERS, J. Oswald. *Liderança Espiritual*. São Paulo, Mundo Cristão, 3a. ed. 1989.
- STEDMAN, Ray C. *A Dinâmica da Vida Autêntica*. Cresça, 1975.
- Tzu, Sun. *A Arte da Guerra*.

O SOL ESTÁ SEMPRE BRILHANDO

YOUSSEF, Michael. *O Estilo de Liderança de Jesus*. Belo Horizonte, Betânia, 1986.